

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL**

**RONALDO VELHO BUENO**

**NARRATIVAS PASSAGEIRAS:  
CONVERSAS DE ÔNIBUS COMO SUBSÍDIO  
PARA O AGENDAMENTO DO JORNALISMO**

**CAXIAS DO SUL  
2017**

**RONALDO VELHO BUENO**

**NARRATIVAS PASSAGEIRAS:  
CONVERSAS DE ÔNIBUS COMO SUBSÍDIO  
PARA O AGENDAMENTO DO JORNALISMO**

Monografia do Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, da Universidade de Caxias do Sul, apresentada como requisito para a obtenção do título de Bacharel.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista

**CAXIAS DO SUL  
2017**

**RONALDO VELHO BUENO**

**NARRATIVAS PASSAGEIRAS:  
CONVERSAS DE ÔNIBUS COMO SUBSÍDIO  
PARA O AGENDAMENTO DO JORNALISMO**

Monografia do Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, da Universidade de Caxias do Sul, apresentada como requisito para a obtenção do título de Bacharel.

**Aprovado em:** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

**Banca examinadora**

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista  
Universidade de Caxias do Sul – UCS

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Ramone Mincato  
Universidade de Caxias do Sul – UCS

---

Prof.<sup>a</sup> Ma. Marliva Vanti Gonçalves  
Universidade de Caxias do Sul – UCS

Dedico esse trabalho aos milhões de brasileiros e latino-americanos que não tiveram, como eu, a oportunidade de contar suas histórias.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, Ester, e ao meu pai, Sidnei, pelo apoio incondicional ao longo de todos esses anos e por me ensinarem, na prática, o valor da educação e da justiça social.

À minha irmã, Liliam, pelo carinho sempre presente e por acreditar, ao meu lado, no sonho de uma sociedade mais inclusiva e igualitária.

À minha orientadora, professora Malu Cardinale, pela parceria nestes anos de vida universitária e pelos ensinamentos que transcendem o fazer acadêmico.

Ao camarada André Luiz de Melo, amigo do peito, por seguir ao meu lado em todas as caminhadas e pelas infindáveis discussões acerca dos rumos da vida e da pesquisa.

À amiga Naira Albuquerque, pelos incontáveis momentos de cumplicidade e pelas demonstrações de força nas horas de adversidade.

Aos companheiros de pesquisa do *Amorcomtur!*, por acreditarem na luta por uma Universidade mais humana e por me ensinarem, constantemente, a produzir conhecimento científico na coletividade.

Aos passageiros do transporte coletivo, que colorem diariamente os ônibus e a cidade com narrativas plurais e vibrantes.

Em sinal de agradecimento, gostaria de dividir a autoria deste trabalho com cada pessoa que tornou possível – direta ou indiretamente – que este menino do interior receba, em breve, o diploma de jornalista.

*“A gente escreve sem saber  
muito bem por que ou para  
que, mas supõe-se que  
escrever tem a ver com as  
coisas nas quais a gente  
acredita da maneira mais  
profunda, tem a ver com os  
temas que nos desvelam”*

**Eduardo Galeano**

## RESUMO

Este trabalho pretende discutir o potencial comunicativo das narrativas cotidianas, a partir de pressupostos do jornalismo contemporâneo. O objetivo geral consiste em cartografar conversas de ônibus e verificar a possibilidade de proposição de pautas a partir dessas narrativas. Como recorte, realizaremos o trabalho de campo na principal linha do transporte coletivo de Caxias do Sul. O referencial teórico é transdisciplinar, percorrendo autores que trabalham os conceitos de comunicação e narrativa, jornalismo contemporâneo e formação do imaginário nos centros urbanos. Em relação aos aspectos metodológicos, utiliza-se abordagem com orientação qualitativa, de cunho exploratório, associando a realização de levantamento bibliográfico, relatos de observação participante no transporte coletivo e entrevistas do tipo aberta. Os passos trilhados no desenvolvimento são orientados pela Cartografia de Saberes, estratégia capaz de abrigar as técnicas de pesquisa mencionadas. Como principais resultados, é possível perceber que toda cidade é um texto complexo e que, nos deslocamentos urbanos, se produzem narrativas sinalizadoras dessa complexidade. Contar histórias é uma arte delicada e o jornalismo, que busca nas ruas sua matéria-prima, não pode ficar refém das rotinas industriais de produção da notícia. Apostar numa prática pautada pela humanização das narrativas significa estar atento aos personagens do cotidiano.

**Palavras-chave:** Narrativa passageira. Jornalismo contemporâneo. Cidade-texto. Transporte coletivo.

## RESUMEN

Este trabajo pretende discutir el potencial comunicativo de las narrativas cotidianas, a partir de presupuestos del periodismo contemporáneo. El objetivo general consiste en cartografiar conversaciones de autobús y verificar la posibilidad de proposición de pautas a partir de esas narrativas. Como recorte, realizaremos el trabajo de campo en la principal línea del transporte colectivo de Caxias do Sul. El referencial teórico es transdisciplinario, recorriendo autores que trabajan los conceptos de comunicación y narrativa, periodismo contemporáneo y formación del imaginario en los centros urbanos. En relación a los aspectos metodológicos, se utiliza un enfoque con orientación cualitativa, de cuño exploratorio, asociando la realización de levantamiento bibliográfico, relatos de observación participante en el transporte colectivo y entrevistas del tipo abierto. Los pasos trillados en el desarrollo están orientados por la Cartografía de Saberes, estrategia capaz de albergar las técnicas de investigación mencionadas. Como principales resultados, es posible percibir que toda ciudad es un texto complejo y que, en los desplazamientos urbanos, se producen narrativas señaladoras de esa complejidad. Contar historias es un arte delicado y el periodismo, que busca en las calles su materia prima, no puede quedar rehén de las rutinas industriales de producción de la noticia. Apostar en una práctica pautada por la humanización de las narrativas significa estar atento a los personajes de lo cotidiano.

**Palavras-chave:** Narrativa pasajera. Periodismo contemporáneo. Ciudad-texto. Transporte colectivo.



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Levantamento de pautas em “Dia incomum na <i>linha vermelha</i> ” .....	49
Quadro 2 – Levantamento de pautas em “Campainha” .....	52
Quadro 3 – Levantamento de pautas em “Luvas cortadas” .....	55
Quadro 4 – Levantamento de pautas em “Um juventudista de Bento” .....	58
Quadro 5 – Levantamento de pautas em “O engenheiro catarinense” .....	62
Quadro 6 – Levantamento de pautas em “Sem medo de ser feliz” .....	67
Quadro 7 – Levantamento de pautas em “Corpo meu” .....	70
Quadro 8 – Levantamento de pautas em “Sonhos de além-mar” .....	74
Quadro 9 – Levantamento de pautas em “Guerreira do cotidiano” .....	80
Quadro 10 – Levantamento de pautas em “Migrante contemporâneo” .....	85
Quadro 11 – Levantamento de pautas em “O cronista do Desvio Rizzo” .....	88
Quadro 12 – Levantamento de pautas em “Em busca de remédio” .....	92
Quadro 13 – Levantamento de pautas em “O militante” .....	95
Quadro 14 – Cruzamento de pautas levantadas nos diálogos .....	99

## SUMÁRIO

<b>1 ESTAÇÃO DE EMBARQUE</b> .....	<b>11</b>
<b>2 O MENINO E O ÔNIBUS</b> .....	<b>17</b>
<b>3 ITINERÁRIOS DE PESQUISA</b> .....	<b>21</b>
3.1 PESQUISA QUALITATIVA .....	22
3.2 CARTOGRAFIA DE SABERES .....	23
<b>3.2.1 Saberes pessoais</b> .....	<b>23</b>
<b>3.2.2 Saberes teóricos</b> .....	<b>25</b>
<b>3.2.3 Usina de produção</b> .....	<b>27</b>
<b>3.2.4 Dimensão intuitiva</b> .....	<b>30</b>
<b>4 JORNALISMO: QUE VIAGEM É ESSA?</b> .....	<b>32</b>
4.1 NARRATIVAS NA CIDADE-TEXTO .....	35
4.2 NARRATIVAS JORNALÍSTICAS NA CONTEMPORANEIDADE .....	38
<b>5 “SE ME DEIXAM FALAR”</b> .....	<b>45</b>
5.1 DIA INCOMUM NA <i>LINHA VERMELHA</i> .....	47
5.2 CAMPAINHA .....	50
5.3 LUVAS CORTADAS .....	53
5.4 UM JUVENTUDISTA DE BENTO .....	56
5.5 O ENGENHEIRO CATARINENSE .....	60
5.6 SEM MEDO DE SER FELIZ .....	64
5.7 CORPO MEU .....	69
5.8 SONHOS DE ALÉM-MAR .....	72
5.9 GUERREIRA DO COTIDIANO .....	77
5.10 MIGRANTE CONTEMPORÂNEO .....	83
5.11 O CRONISTA DO DESVIO RIZZO .....	87
5.12 EM BUSCA DE REMÉDIO .....	90
5.13 O MILITANTE .....	93

<b>6 CONVERSAS CRUZADAS .....</b>	<b>98</b>
6.1 CRUZAMENTO DE PAUTAS .....	98
6.2 ASPECTOS SINALIZADORES DO JORNALISMO CONTEMPORÂNEO .....	103
<b>7 ESTAÇÃO DE DESEMBARQUE .....</b>	<b>106</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>109</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>111</b>
APÊNDICE A – PROJETO MONOGRAFIA I .....	111

## 1 ESTAÇÃO DE EMBARQUE

Amou daquela vez como se fosse a última  
 Beijou sua mulher como se fosse a última  
 E cada filho seu como se fosse o único  
 E atravessou a rua com seu passo tímido  
 Subiu a construção como se fosse máquina  
 Ergueu no patamar quatro paredes sólidas  
 Tijolo com tijolo num desenho mágico  
 Seus olhos embotados de cimento e lágrima  
 Sentou pra descansar como se fosse sábado  
 Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe  
 Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago  
 Dançou e gargalhou como se ouvisse música  
 E tropeçou no céu como se fosse um bêbado  
 E flutuou no ar como se fosse um pássaro  
 E se acabou no chão feito um pacote flácido  
 Agonizou no meio do passeio público  
 Morreu na contramão atrapalhando o tráfego

**Chico Buarque**

Desde que se tornaram palco dos principais acontecimentos da vida em sociedade, as cidades têm servido de inspiração para poetas, escritores e músicos. Esse é o caso de *Construção*, música escrita por Chico Buarque em 1971. É possível perceber – e ouvir! –, por meio desta composição, alguns dos traços característicos das relações sociais e econômicas do processo de urbanização do Brasil. O operário de construção civil, que deixa mulher e filhos para erguer “paredes sólidas/mágicas/flácidas” no patamar de um edifício qualquer, espelha seu rosto nas multidões dos vários centros urbanos brasileiros dos séculos XX e XXI.

A complexidade do cenário urbano – traduzida nos versos de Chico Buarque –, também tem atraído, historicamente, olhares de jornalistas e cientistas sociais. Quais são as histórias que surgem das ruas e avenidas de metrópoles e cidades de pequeno e médio porte? O povo brasileiro - heterogêneo e vibrante - tem pautado, de fato, o cotidiano da imprensa? Será que os milhões de trabalhadores que atravessam “a rua com seu passo tímido” têm oportunidade para contar suas histórias?

*Narrativas passageiras* tem como objetivo geral cartografar conversas de ônibus e verificar a possibilidade de proposição de pautas a partir dessas narrativas.

Como recorte, realizaremos o trabalho de campo na principal linha do transporte coletivo de Caxias do Sul<sup>1</sup>, a TR-01. Conhecida popularmente como *linha vermelha*, devido à coloração dos veículos que fazem o percurso, ela corta a região central da cidade, ligando as duas EPI's (Estações Principais de Integração). São passageiros dos mais diversos bairros e regiões do município, um prato cheio de histórias a serem conhecidas e contadas. Os objetivos específicos buscam discutir a conceituação de narrativa e narrativa jornalística, apresentar pressupostos teóricos do jornalismo contemporâneo e cartografar conversas no transporte coletivo.

Este trabalho é fruto de questionamentos levantados ao longo de quatro anos de participação nas reuniões semanais do *Amorcomtur! Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese* (CNPq/UCS). As rodas de conversa, chamadas de Encontros Caóticos da Comunicação e do Turismo, foram – e continuam sendo – de fundamental importância para o amadurecimento das reflexões apresentadas ao longo do texto.

A abordagem teórica utilizada nesta pesquisa é transdisciplinar, percorrendo, inicialmente, textos que trazem a conceituação de narrativa jornalística, com destaque para as contribuições de Muniz Sodré (1986, 2010 e 2012) e Cremilda de Araújo Medina (2003). Em seguida, o referencial mergulha nas correntes contemporâneas do jornalismo. Neste campo, vale ressaltar o Jornalismo Literário Avançado, de Edvaldo Pereira Lima (2009 e 2013), e o Jornalismo Amoroso, de Maria Luiza Cardinale Baptista (2012). A discussão sobre os aspectos da urbanidade e a construção do imaginário nas cidades encontra respaldo em Susana Gastal (2006) e Lucrécia Ferrara (1988). Por fim, a reflexão sobre nossa condição de 'passageiros' nas metrópoles contemporâneas é fundamentada em Nelson Brissac Peixoto (1990).

No que diz respeito aos aspectos metodológicos, chamados neste trabalho de *itinerários de pesquisa*, optou-se por uma abordagem com orientação qualitativa, de cunho exploratório, associando a realização de levantamento bibliográfico, relatos de observação participante no transporte coletivo de Caxias do Sul e entrevistas do tipo aberta. Os passos trilhados no desenvolvimento deste trabalho são orientados

---

<sup>1</sup> Localizada na região serrana do Rio Grande do Sul, a cidade é marcada pelo encontro de culturas e etnias, ambiente que favorece o surgimento de narrativas vivas e complexas. Com população estimada em mais de 470 mil habitantes, conforme o Censo de 2010 (realizado pelo IBGE), o município se constitui como a segunda maior aglomeração urbana do Estado e a quinta maior da região Sul do Brasil.

pela Cartografia de Saberes, estratégia metodológica capaz de abrigar as técnicas e recursos de pesquisa mencionados.

Mas por que este trabalho é importante para o estudo do jornalismo e pertinente ao campo da Comunicação? Para responder a esse questionamento, é preciso voltar à temática e aos objetivos propostos anteriormente e levar em consideração que as narrativas são presença constante em nossas vidas. O mesmo pode ser dito sobre o jornalismo.

Desde o momento em que acordamos, estamos interagindo com o ambiente externo e com as pessoas ao nosso redor. Esse movimento nos faz tecer, voluntária e involuntariamente, as narrativas do nosso cotidiano. Não estamos nos referindo, necessariamente, a textos escritos ou falados. As narrativas também residem nas experiências sensoriais e subjetivas, como gestos, olhares, expressões corporais, aromas, ruídos e sabores. Tudo isso contribui para o processo de significação – e ressignificação – do ambiente em que estamos inseridos. Existe um grande potencial de troca, de *comunicação*.

Com as narrativas jornalísticas não é diferente. Elas estão presentes de maneira constante em nosso cotidiano. Dispensando aqui o recorrente maniqueísmo de muitas análises sobre o conteúdo das mensagens, é preciso reconhecer que estamos inseridos nesta grande arena de debate. Salvo as críticas aos *usos e desusos* do jornalismo – que precisam ser feitas, logicamente –, se faz necessário, também, repensar a prática dessa apaixonante arte de contar histórias.

É válido notar que predomina, nas redações dos veículos tradicionais de imprensa (tanto escrita, quanto falada ou televisionada), a preferência pelos textos objetivos, enxutos e impessoais. Trata-se do modelo da pirâmide invertida<sup>2</sup>, traduzida nas perguntas básicas do *lide* (Quem? Que? Quando? Onde? Por que? Como?). Mas será que este modelo de narrativa é suficiente para abordar as inúmeras histórias de vida que transitam pelos cenários urbanos?

Justamente por inferirmos que a resposta seja negativa, a pesquisa pretende apresentar alternativas ao modelo tradicional de jornalismo. Mesmo reconhecendo o seu contexto de surgimento e consolidação (além, é claro, sua importância histórica), é preciso avançar quando o assunto é narrativa jornalística. A realização

---

<sup>2</sup> “Sistema de redação jornalística, que adota a seguinte sequência: a) entrada ou fatos culminantes; b) fatos importantes ligados à entrada; c) pormenores interessantes e d) detalhes dispensáveis” (ERBOLATO, 1985, p. 241).

deste estudo, portanto, se justifica na medida em que é latente a necessidade de reinventarmos as práticas a partir do cotidiano.

Contar histórias é uma arte delicada e o jornalismo, que busca nas ruas sua matéria-prima, não pode ficar refém das rotinas industriais de produção da notícia. Apostar numa prática pautada pela humanização das narrativas significa estar atento aos personagens do cotidiano. Por consequência, ser um jornalista socialmente comprometido implica no exercício diário de empoderar esses personagens. Dar voz às histórias que brotam das ruas, sejam elas centrais ou periféricas. No caso deste trabalho, dar voz às narrativas passageiras que circulam pelos ônibus.

Por último, é preciso ressaltar que a pesquisa pode contribuir para refletirmos o potencial da imersão jornalística no terreno onde as histórias, de fato, acontecem. Assim como as narrativas não precisam ser, necessariamente, enxutas e objetivas (pois a realidade social não o é), o jornalista não precisa ser apenas um executor de pautas. Afinal, um contador de histórias precisa sentir e respeitar o lugar de fala das pessoas. Seja no papel, na fita de vídeo ou no disco rígido de um computador qualquer, pensar em jornalismo na contemporaneidade só é possível com a humanização dos olhares e com o toque fraterno entre os sujeitos.

Do mesmo modo, pensamos o pesquisador como um sujeito que se aventura pela viagem investigativa para, posteriormente, narrar os acontecimentos de campo. Sendo assim, a produção desse texto segue pressupostos do Jornalismo Literário Avançado, como o mergulho visceral na realidade e a utilização da figura humana para expressar o contexto social (LIMA, 2009). Em função disso, o leitor vai encontrar, em vários trechos, uma escrita mais autoral, como exercício narrativo que aproxima a produção científica do Jornalismo Literário Avançado.

Em relação à estrutura, o trabalho está organizado em sete capítulos. Na sequência desta introdução, o leitor é convidado a conhecer um pouco da trajetória de vida do pesquisador, em *O menino e o ônibus*. Essa incursão, que à primeira vista pode aparentar menor relevância acadêmica, nos parece fundamental para que se compreenda *quem escreve* e suas *motivações*. É preciso levar em consideração que todo texto é fruto da realidade - econômica, política e social - na qual foi produzido. Conhecer esse contexto, portanto, é de grande valia para compreendermos as escolhas e posicionamentos adotados ao longo do percurso.

O terceiro capítulo apresenta os *itinerários de pesquisa*, isto é, os aspectos metodológicos que orientam as fases de planejamento e execução do trabalho. Como já mencionamos, trata-se de uma pesquisa em movimento, coerente com o cenário da ciência na contemporaneidade. Neste espaço, também apresentamos a contribuição de autores como Boaventura de Sousa Santos (1997) e Edgar Morin (2003), que nos ajudam a refletir sobre a mutação do *fazer científico*. Essa contextualização é necessária para compreendermos a multiplicidade de itinerários escolhidos.

Logo na sequência, em *Jornalismo: que viagem é essa?*, trazemos um panorama histórico-conceitual sobre a apaixonante arte de contar histórias. Para onde caminha o jornalismo? Para responder a esse questionamento, o roteiro de viagem contempla desde a conceituação de narrativa, até as formulações sobre jornalismo clássico e contemporâneo. No primeiro caso, optamos por um breve panorama, tendo em vista a quantidade de obras que já se debruçaram sobre a temática. No caso das correntes contemporâneas, dedicamos atenção especial para abrir o leque de teorias e práticas que nascem das redações, bancos da Academia e, logicamente, das ruas. Também aproveitamos esse espaço para refletir sobre a dinâmica do transporte coletivo e nossa condição de 'passageiros'.

No momento seguinte, apresentamos as experiências de campo. No capítulo intitulado "*Se me deixam falar*", o leitor é convidado a dialogar com alguns dos passageiros que marcaram a trajetória da pesquisa. Trata-se de uma cartografia em movimento, apresentando as experiências vividas na *linha vermelha*. As narrativas são acompanhadas pelo levantamento de pautas que surgiram durante as conversas de ônibus e um breve comentário sobre cada episódio.

A discussão sobre as pautas ganha espaço no capítulo seis, a partir do cruzamento das teorias abordadas ao longo da pesquisa com as experiências de campo. É neste capítulo que tentamos responder a pergunta que orienta o trabalho: qual agendamento jornalístico possível a partir das conversas de ônibus? Logicamente, não temos pretensão de oferecer uma resposta definitiva ao assunto, mas fornecer subsídios que possam contribuir com o debate acerca da prática jornalística e o impacto social das narrativas.

Feita a discussão, o sétimo capítulo traz as considerações finais da pesquisa, onde fazemos um balanço dos meses transcorridos desde o início do projeto. É o momento de voltar à proposta central e aos objetivos específicos e



analisar, não somente o resultado alcançado, mas o aprendizado constante na prática da pesquisa. É importante sinalizar que o caráter de mutabilidade em que se encontra a Ciência favorece o surgimento de surpresas ao longo do processo (SANTOS, 1997). Por consequência, fazer essa reflexão torna-se fundamental para a projeção de futuras ações investigativas.

Antes de prosseguirmos com a viagem, é importante contar ao passageiro-leitor como nasceu este projeto e estabelecer sua relação com a história de vida do passageiro-pesquisador. O ônibus do jornalismo chega à estação e abre as portas para o embarque. Não é preciso contar as moedas ou pular a catraca: é dia de passe livre e a jornada está só começando.

## 2 O MENINO E O ÔNIBUS

Eu sou apenas um rapaz  
Latino-americano  
Sem dinheiro no banco  
Sem parentes importantes  
E vindo do interior  
Mas trago de cabeça  
Uma canção do rádio  
Em que um antigo  
Compositor baiano  
Me dizia  
Tudo é divino  
Tudo é maravilhoso

***Belchior***

Paulo Freire nos ensina que pronunciar o mundo é um gesto político. Eu não fujo desta característica. A minha escrita, mesmo científica, não deixa de ser um manifesto de resistência e comprometimento social. Resistência, porque essa pesquisa é um grito de ‘sim, é possível!’. Apesar dos retrocessos observados no Brasil, com cortes drásticos nos investimentos públicos em educação e programas sociais, é possível ter esperança quando vemos um filho de trabalhadores chegar ao final da graduação. Comprometimento, quando reconhecemos que nenhuma escrita é neutra, mas sim, denota uma visão de mundo, pertencente a determinado contexto político, econômico e social.

Podemos e devemos ocupar os bancos universitários, para que nossa voz seja ouvida na Academia. Estou falando de afirmação e empoderamento. Nós, os rapazes latino-americanos, sem dinheiro no banco e sem parentes importantes – como na composição de Belchior –, também temos o que dizer, cientificamente. Como antecipado na *Estação de embarque*, este capítulo – com voz autoral e narrativa na primeira pessoa do singular – tenta esclarecer algumas questões fundamentais para que se compreenda o surgimento desta viagem investigativa.

Vem à tona o primeiro questionamento: é possível resgatar, precisamente, o momento em que um projeto de pesquisa floresce? Fazendo uma rápida retrospectiva pela minha ainda incipiente – mas gratificante – trajetória universitária, confesso não ter conseguido localizar ou determinar, com exatidão, o instante em

que jornalismo e conversas de ônibus surgem como elementos de interesse. Será que eles sempre estiveram presentes?

É preciso esclarecer ao leitor que minha paixão pela arte de contar histórias remonta à infância. Quando criança – recordação que vem à mente com clareza e nostalgia –, adorava criar narrativas e personagens. Isso acontecia antes mesmo de saber ler ou escrever, tendo em vista que a destemida e fértil imaginação infantil não encontra barreiras. Além das histórias, sonhava em narrar jogos de futebol – desejo que ganhava vida nas disputas do futebol de botão, *videogame* e nos jogos transmitidos pela TV. Também era frequente ‘brincar de telejornal’, com notícias divertidas para um público imaginário, numa bancada improvisada no meio quarto. Em outras palavras, o que eu mais quis, desde pequeno, foi poder contar histórias. Seja nas notícias, locuções esportivas ou criações ficcionais, minha infância foi marcada por essa paixão que continua me conquistando diariamente.

O encantamento pelos ônibus também é da época de criança. Enquanto muitos meninos da minha idade sonhavam em ser bombeiro, craque de futebol ou médico, eu corria pela casa empurrando um ônibus de brinquedo. Um veículo amarelo, de plástico, com pneus azuis e bancos vermelhos – lotados de bonecos-passageiros. Quartos, sala e cozinha se transformavam em rodovias e cidades distantes. Ser motorista de ônibus também era uma forma de contar – ou transportar – histórias.

Além disso, os ônibus sempre estiveram presente no meu cotidiano, tanto nos deslocamentos dentro da cidade, quanto nos trajetos intermunicipais. É impossível não recordar as viagens para visitar a família da minha mãe, em Bom Jesus, na região dos Campos de Cima da Serra, ou também os períodos de férias no litoral norte gaúcho. Tudo de ônibus. Diante dessa proximidade, como não ser tocado pela dinâmica do transporte coletivo – tão plural e vibrante?

Ao mesmo tempo, a partir da minha experiência com *Narrativas passageiras*, posso afirmar que a escolha por um objeto de estudo é um processo coletivo, partilhado com inúmeras pessoas. Estar aqui, diante de uma tela preenchida gradativamente por este texto, não seria possível sem o esforço conjunto de muitos protagonistas, a quem, de antemão, gostaria de registrar meu profundo e sincero agradecimento. O fazer científico na contemporaneidade é uma estrada que só é possível percorrer de mãos dadas.

Nesse aspecto, é valioso resgatar a importância do grupo de pesquisa que faço parte há quatro anos, o *Amorcomtur! Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese* (CNPq-UCS), liderado pela professora Maria Luiza Cardinale Baptista. Assim como em outras situações pontuais, inserir-se no ambiente do ensino superior é um marco, que concentra expectativas, aflições e inquietudes. Para mim não foi diferente. Assim que entrei na Universidade, aquele mar de novidades mesclava o encantamento pelo imensurável com as incertezas trazidas pelo desconhecido.

Com o passar do tempo, no entanto, comecei a perceber alguns vícios no ambiente acadêmico e passei a sentir-me um náufrago. Era como se estivesse largado à própria sorte, numa ilha deserta. Como corresponder às expectativas de um jornalismo humano e transformador quando as engrenagens de um sistema empoeirado tentam nos normatizar? Foi em meio a esse emaranhado de tortuosas dúvidas que entrei em contato – no já distante 2013 – com as discussões realizadas pelo *Amorcomtur!*, num ambiente pautado pela horizontalidade.

As reuniões semanais do grupo são conhecidas como Encontros Caóticos da Comunicação e do Turismo. É nesse espaço que compartilhamos experiências, sejam elas referentes à pesquisa ou às variadas formas de contato com as realidades objetiva e subjetiva na qual estamos inseridos. Esse compartilhar, o ‘tecer com’, é realizado por meio do diálogo, no formato roda de conversa: um modo simples e, ao mesmo tempo, profundo de encontrar-se com o Outro. É durante esse momento de encontro que problematizamos nossa existência e, em decorrência disso, acabamos por teorizar, por criar conhecimentos novos e híbridos.

Percebo que, nesse processo de interação ‘em roda’, ‘em conversa’, vivenciamos a desconstrução do modelo tradicional de ensino, uma vez que todos são ‘sujeitos’, iguais interlocutores no diálogo. Falamos e ouvimos, tocamos e somos tocados pelo que nos dizem. Discutimos e refletimos sobre livros, autores, artigos, teorias, conceitos e correntes de pensamento. Acredito que vivenciamos, nessa prática de relação não hierarquizada, um contraponto ao recorrente abismo que a rigidez da Academia tradicional tenta criar entre estudantes e professores.

Ao participar de um grupo de pesquisa, pude perceber que a luta por uma Universidade mais dinâmica e humanizada não se tornava menos difícil. Dei-me conta, porém, que essa condição de pertença me possibilita olhar para os lados e contar com o apoio daqueles que partilham dos mesmos anseios. Estar em relação

com o outro é uma experiência prazerosa, desejante e humanizadora. É por meio desse processo de criação coletiva que nos constituímos e nos afirmamos como sujeitos-pesquisadores, como produtores de conhecimento científico. É na roda de conversa que vemos brotar novos questionamentos, que irão amadurecer até se tornarem objetos de estudos, projetos de pesquisa pulsantes e consistentes, que acionem e reafirmem nosso desejo pelas buscas e (re)descobertas.

Como efeito, é possível reafirmar que esta pesquisa é fruto da minha paixão pelo contar histórias, bem como da relação dialógica com os companheiros de pesquisa. O meu interesse pelo jornalismo e pela dinâmica dos ônibus esteve sempre me acompanhando, mesmo antes do ingresso na vida universitária. Perceber isso, entretanto, só foi possível ao dar as mãos, trocar experiências e permitir-me sujeito/autor em coletividade. É justamente na interação dialógica que o menino decide embarcar no ônibus desta saborosa viagem chamada *pesquisa*.

Diante da narrativa tecida até aqui, é pertinente retomar duas indagações: afinal de contas, por que e para quem eu escrevo? Para tentar responder, faço questão de pedir auxílio a uma das grandes inspirações da minha apaixonante jornada pelo jornalismo: Eduardo Galeano. Nas palavras do eterno contador de histórias uruguaio, “a gente escreve sem saber muito bem por que ou para que, mas supõe-se que escrever tem a ver com as coisas nas quais a gente acredita da maneira mais profunda, tem a ver com os temas que nos desvelam” (GALEANO, 2016, p. 240).

Assim como Galeano, Belchior ou Paulo Freire, eu acredito profundamente no povo e nas cores da América Latina. Essa força quase inenarrável de ser, que, mesmo diante das adversidades, encontra no riso humilde e sincero um terreno fértil para a esperança. É por esse motivo que ofereço essas páginas aos milhões de cidadãos que não tiveram, como eu, oportunidade de contar suas histórias.

### 3 ITINERÁRIOS DE PESQUISA

Neblina densa que cobre os telhados e esconde o topo dos edifícios. Vento gelado que corre pelas esquinas, indiferente ao sinal vermelho dos semáforos. Logo adiante, o velho chafariz cinzento jorra água cortante para o público ainda inexistente. Nas escadarias da Catedral Diocesana, nenhum fiel arrisca a peregrinar. Caxias do Sul insiste em não amanhecer, após uma longa noite de rigoroso outono. São 06h20 e o termômetro da Praça Dante Alighieri, no coração da cidade, marca 3°C.

A poucos metros dali, na Rua Sinimbu, a combustão quase silenciosa de alguns motores vai quebrando o gelo, gradativamente. Trata-se dos ônibus do transporte coletivo, que começam a cumprir seu trajeto diário. Rotas múltiplas, que se entrelaçam pelas ruas e avenidas do maior centro urbano do interior gaúcho. Assim como um ônibus percorre seu itinerário, um pesquisador também precisa fazer escolhas em relação aos caminhos a trilhar.

Em *Itinerários de pesquisa*, título alusivo às linhas de ônibus, o leitor é convidado a conhecer os aspectos metodológicos utilizados nas diversas etapas deste projeto, que tem por objetivo cartografar conversas de ônibus e verificar a possibilidade de proposição de pautas a partir dessas narrativas. Mergulhar no objetivo central do trabalho demanda a escolha de *itinerários de pesquisa* coerentes com o tema de estudo e com o movimento de mutação da Ciência na contemporaneidade, sinalizado por Boaventura de Sousa Santos<sup>3</sup>.

Dessa forma, optou-se por uma abordagem qualitativa, de cunho exploratório, a partir da associação de levantamento bibliográfico, relatos de observação participante nos ônibus da principal linha do transporte coletivo de Caxias do Sul, além da realização de entrevistas do tipo aberta. É importante ressaltar que o desenvolvimento deste projeto é orientado pela estratégia

---

<sup>3</sup> Sobre esse assunto, é importante recuperar a contribuição do sociólogo português Boaventura de Sousa Santos (1997). Na obra *Um discurso sobre as ciências*, o autor traça um panorama histórico sobre o processo de mutação do fazer científico. Com a crise no chamado paradigma dominante (modelo consolidado a partir do século XVI, baseado na racionalidade, no determinismo mecanicista e na previsibilidade dos fenômenos naturais), Boaventura projeta a emergência de um novo jeito de fazer Ciência. O paradigma emergente, conforme o autor, está fundamentado em quatro premissas: 1) todo conhecimento científico-natural é científico-social; 2) todo conhecimento é local e total; 3) todo conhecimento é autoconhecimento; 4) todo conhecimento científico visa constituir-se em senso comum (SANTOS, 1997, p. 69-91).

metodológica da Cartografia de Saberes, que sistematiza as técnicas de pesquisa utilizadas ao longo do trabalho, como veremos adiante (BAPTISTA, 2014).

### 3.1 PESQUISA QUALITATIVA

A elaboração deste trabalho segue orientação qualitativa, por entendermos que a realidade social é plural e não pode ser compreendida apenas por meio de dados, estatísticas ou números. Para justificar a escolha desta abordagem, recorreremos ao sociólogo alemão Uwe Flick (2009). Conforme o autor, o método qualitativo é recomendado para analisar fenômenos sociais, tendo em vista a complexidade do cenário contemporâneo, caracterizado pela multiplicação de narrativas, contextos sociais e perspectivas culturais (FLICK, 2009, p. 20).

Flick (2009) ressalta que a abordagem qualitativa pressupõe reflexão pormenorizada e deliberação consciente quanto às técnicas de pesquisa que serão utilizadas ao longo do trabalho. Ele também alerta sobre o levantamento de teorias convenientes para o conhecimento das diversas perspectivas do assunto a ser estudado (FLICK, 2009, p. 23).

Na mesma linha de raciocínio, a socióloga Maria Cecília de Souza Minayo (2010) afirma que a pesquisa qualitativa se debruça no campo dos significados, expandindo possibilidades em relação à abordagem puramente quantitativa. “Esse nível de realidade não é visível, precisa ser exposta e interpretada, em primeira instância, pelos próprios pesquisados” (MINAYO, 2010, p. 22). Tal abordagem permite ao investigador captar as nuances subjetivas do campo de estudo escolhido.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes (MINAYO, 2010, p. 21).

É preciso levar em consideração que o jornalismo não é uma ciência exata. Por consequência, uma pesquisa na área não pode ser encarada de forma fria ou pragmática. Portanto, um trabalho cujo objetivo é cartografar narrativas e verificar a

proposição de pautas a partir de conversas de ônibus precisa buscar fundamentação em pressupostos qualitativos.

## 3.2 CARTOGRAFIA DE SABERES

As fases de planejamento e execução da pesquisa seguem a estratégia metodológica denominada Cartografia de Saberes. A proposição, desenvolvida pela doutora em Ciências da Comunicação Maria Luiza Cardinale Baptista (2014), sistematiza técnicas e recursos metodológicos citados ao longo do texto.

Conforme Baptista (2014, p. 344-345), a Cartografia de Saberes está alinhada aos pressupostos teóricos da ciência contemporânea, marcada pelas noções de mutabilidade e complexidade<sup>4</sup>. A autora recorda que:

O cenário da ciência transdisciplinar caosmótica exige outro tipo de pesquisa, em termos de operacionalização. Nesse sentido, proponho que o trabalho da pesquisa deve ser iniciado em várias frentes, em várias trilhas investigativas, como venho chamando. O processo de investigação é o de investimento desejante, na busca de conhecimento. Trata-se de uma viagem investigativa em que o pesquisador se reinventa, se re-nova, se re-faz (BAPTISTA, 2014, p. 350).

A estratégia metodológica desenvolvida por Baptista sistematiza quatro trilhas investigativas. São elas: *saberes pessoais*, *saberes teóricos*, *usina de produção* e *dimensão intuitiva*. É válido ressaltar que esses caminhos não são sequenciais, mas sim, simultâneos e entrelaçados. “Assim não existe ‘um’ único caminho, mas o que eu denomino de ‘trama de trilhas’ e possibilidades a serem acionadas. São pistas que cada pesquisador vai compondo, numa espécie de trama metodológica” (BAPTISTA, 2014, p. 344).

### 3.2.1 Saberes pessoais

A primeira trilha investigativa, a dos *saberes pessoais*, leva em consideração a história de vida do pesquisador. Ou seja, o que o levou a escolher determinado

---

<sup>4</sup> A concepção de complexidade aqui mencionada encontra respaldo em Edgar Morin (2003). No texto *Introdução ao pensamento complexo*, o autor discorre sobre os pressupostos da pós-modernidade, período histórico que inicia na segunda metade do século XX. Podemos destacar os princípios da incerteza, da mutabilidade e da pluralidade dos saberes como características marcantes deste contexto.



objeto de estudo. Essa trilha está relacionada ao conhecimento prévio sobre o assunto de interesse, mesmo que intuitivamente. Baptista (2014) acredita que a definição de uma temática de pesquisa não se dá ao acaso. Essa escolha está entrelaçada às vivências do pesquisador, mesmo que de forma inconsciente. Conforme a autora:

O pesquisador iniciante nem sempre tem claro quais são os referenciais teóricos, as teorias entrelaçadas na proposição do problema de pesquisa, mas, se buscar com atenção dentro de si mesmo, vai conseguir encontrar os seus próprios saberes, seus pensamentos e seu sentimento a respeito das temáticas envolvidas na proposição do problema de pesquisa (BAPTISTA, 2014, p. 350).

Nesta primeira trilha investigativa, portanto, cabe ao pesquisador elencar o que já sabe sobre o tema escolhido. Essa lista de conhecimentos prévios pode abarcar desde situações vividas, como conversas ou reflexões relacionadas ao assunto, até filmes assistidos, contato com livros ou autores. Enfim, experiências que ilustrem a recorrência da temática na trajetória do investigador.

No caso específico deste trabalho, é válido destacar que a dinâmica do transporte coletivo é um assunto constante na vida do pesquisador. Não só pela defesa do modelo coletivo de mobilidade – em contraponto ao individualismo do automóvel –, mas também porque o tema já esteve presente em experiências anteriores. Lembremos do encantamento, ainda na infância, pelos ônibus do transporte intermunicipal (como vimos no capítulo anterior), ou também a produção da crônica *Olhares Cruzados*<sup>5</sup>, que aborda a vivência nos ônibus, num cenário urbano contemporâneo.

A pesquisa, contudo, não fala *apenas* de conversas de ônibus, mas também de como elas podem se tornar subsídios para o agendamento de pautas no jornalismo. Nota-se, portanto, outro tópico em que os *saberes pessoais* são acionados, uma vez que a proposição do tema está relacionada à percepção pessoal de que a rua – ou, nesse caso, o ônibus – é matéria-prima do jornalismo.

Logicamente, essa percepção será entrelaçada, nas etapas seguintes, com o referencial teórico levantado. Isso só é possível, no entanto, devido a preocupação inicial baseada no contato prévio do pesquisador com o campo. Em outras palavras,

---

<sup>5</sup> O texto citado, escrito em parceria com Jennifer Bauer Eme, conquistou o primeiro lugar na categoria 'Crônicas' do 1º Concurso Literário de Flores da Cunha/RS, promovido pela Biblioteca Pública Municipal Erico Verissimo, em 2013.

a relação empírica antecede o projeto e é responsável por despertar no autor o interesse de aprofundá-lo na Academia.

### 3.2.2 Saberes teóricos

Simultâneo ao mapeamento dos *saberes pessoais*, somam-se os *saberes teóricos*. A segunda trilha investigativa envolve o trabalho de buscar contribuições de terceiros, ou seja, aquilo que já foi produzido nas temáticas que compõem o campo de interesse do pesquisador. Nota-se que as trilhas aqui mencionadas se entrelaçam no *fazer pesquisa*. Cartografar o conhecimento prévio do autor e localizar o que já foi produzido a respeito do tema de interesse são etapas simultâneas, que se complementam e dialogam entre si. Baptista (2014) salienta que:

[...] se o pesquisador já escolheu o assunto, sabe as temáticas envolvidas. Essas temáticas são trilhas investigativas, que precisa percorrer. Além dos saberes pessoais, vai precisar buscar teoria, a respeito dessas temáticas. Vai buscar os saberes dos outros, em textos que tragam informações a serem trabalhadas para acrescentar aos seus saberes pessoais (BAPTISTA, 2014, p. 351).

A trilha dos *saberes teóricos* encontra no *levantamento bibliográfico* sua principal ferramenta. Essa técnica de pesquisa permite estreitar os laços com o objeto de estudo e dialogar com autores que já visitaram temas semelhantes. No caso deste trabalho, estamos falando, fundamentalmente, de dois eixos: jornalismo e construção do imaginário nos centros urbanos. Por um lado, a cartografia de textos que abordam a conceituação de narrativa e as correntes clássica e contemporânea do jornalismo. De outro, reflexões sobre a relação sujeito-território e nossa condição de 'passageiro' nos ônibus do transporte coletivo.

A doutora em Ciências da Comunicação Ida Regina Stumpf (2014) afirma que o levantamento bibliográfico é a sistematização, por parte do pesquisador, daquilo que já foi produzido a respeito do tema de pesquisa. A prática corresponde à elaboração/visualização de um panorama de autores e conceitos essenciais para a realização do projeto.

[...] é um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e

proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico (STUMPF, 2014, p. 51).

Conforme Stumpf, o trabalho de localizar e conhecer autores que já se debruçaram sobre o tema é responsável não só por aproximar o pesquisador das perspectivas já abordadas, como também por auxiliar na conquista de autonomia investigativa. “À medida que o indivíduo vai lendo sobre o assunto de seu interesse, começa a identificar conceitos que se relacionam até chegar a uma formulação objetiva e clara do problema que irá investigar” (STUMPF, 2014, p. 53).

Trata-se da contextualização. Em outras palavras, a vantagem de utilizar a técnica do levantamento bibliográfico ultrapassa a simples busca por referencial teórico e citações pertinentes à redação do texto acadêmico. Ela também é fundamental para o pesquisador perceber o seu tema de interesse dentro de um panorama histórico-contextual.

[...] o pesquisador utiliza os *insights* e as informações provenientes da literatura enquanto conhecimento sobre o contexto, utilizando-se dele para verificar afirmações e observações a respeito de seu tema de pesquisa naqueles contextos (FLICK, 2009, p. 62).

Vale destacar, também, que o levantamento bibliográfico possui caráter mutante, uma vez que está em constante movimento e atualização. A busca por textos e materiais já produzidos para compor o referencial teórico da pesquisa não se limita ao período que antecede à redação do projeto, propriamente dito. Stumpf nos lembra que:

[...] a revisão da literatura acompanha o trabalho acadêmico desde a sua concepção até sua conclusão. Da identificação do problema e objetivos do estudo, passando por sua fundamentação teórica e conceitual, pela escolha da metodologia e da análise dos dados, a consulta à literatura pertinente se faz necessária (STUMPF, 2014, p. 54).

Por último, é necessário ressaltar que o levantamento bibliográfico não resulta, simplesmente, na exposição de conceitos ou teorias dos autores pesquisados. Trata-se de um diálogo, onde aquilo que já foi escrito sobre o tema de interesse é colocado em interação com as considerações do pesquisador. Em outras palavras, um movimento dialético, onde corroborar, contrapor ou argumentar com os autores enriquece o material produzido.

Trazemos no referencial teórico deste trabalho, por exemplo, textos que conceituam o que chamamos de jornalismo clássico. A rotina industrial de produção, cristalizada principalmente nas grandes redações, é responsável por conteúdos mais homogêneos e pasteurizados. Mesmo discordando desse modelo, é preciso compreender o seu contexto de surgimento e também sua importância histórica. Nota-se, aqui, o diálogo com os saberes teóricos.

O mesmo pode ser percebido mais adiante, quando abordamos as correntes contemporâneas. Embora concordemos que a prática jornalística precisa ser repensada a partir da rua como matéria-prima, considerando a humanização das narrativas, é preciso fazer ponderações ou apontamentos sobre as teorias que os autores nos trazem. E ainda, posteriormente, verificar no campo se aquilo que levantamos em livros e artigos se traduz na realidade objetiva que escolhemos: o transporte coletivo de Caxias do Sul.

### 3.2.3 Usina de produção

Chegando à terceira trilha investigativa, temos a *usina de produção*. É o que Baptista (2014) chama de ‘chão de fábrica da pesquisa’, ou seja, o movimento que leva da teoria à prática. É na *usina de produção* que o pesquisador “[...] vai poder pensar algumas situações concretas que permitam entrar em contato direto com o que está estudando, com o que pretende abordar” (BAPTISTA, 2014, p. 351). Trata-se, portanto, de uma trilha investigativa que provoca o pesquisador a sair do ‘gabinete’ de estudos para mergulhar no campo.

A *usina de produção* é subdividida em dois momentos: *aproximações* e *ações* investigativas. O primeiro está relacionado às incursões que permitem ao pesquisador estabelecer ou ampliar contato com o campo de trabalho. Cabem aqui visitas prévias, conversas informais com possíveis fontes, busca preliminar por materiais, além de discussões ou seminários teóricos. Já no segundo momento – as *ações* investigativas, propriamente ditas – ocorre o mergulho ao campo de pesquisa, que mescla planejamento prévio e abertura ao inesperado.

No caso de *Narrativas passageiras*, é importante ressaltar que, inicialmente, pretendíamos fazer o trabalho de campo nas ruas de Caxias do Sul, a fim de verificar o surgimento de pautas que traduzissem a relação de troca entre sujeito e território. Não havíamos pensado o recorte, mas sim, a ideia geral: trabalhar na rua,

a partir da pluralidade do cotidiano. Foi assim que nos lançamos às *aproximações investigativas*: caminhando por ruas e praças movimentadas ou quase desertas, endereços familiares ou desconhecidos, embarcando em diversas linhas do transporte coletivo para circular pelo centro ou regiões periféricas.

Foi deixando-se perder pela cidade que encontramos o recorte. Percebemos, durante as orientações que antecederam a imersão a campo, que o transporte coletivo seria intrigante e desafiador como local de pesquisa. A mudança de rumos se deu, principalmente, por dois fatores: a relação pessoal com a dinâmica dos ônibus e o recorte plural que este cenário nos oferece. Dados operacionais da Visate<sup>6</sup> dão conta de que aproximadamente 95 mil pessoas circulam diariamente pelos 343 veículos do transporte coletivo de Caxias do Sul. Para um jornalista em formação, esse número tem um significado quase imediato: um prato cheio de histórias a serem contadas.

Definido o transporte coletivo como local de pesquisa, passamos a refletir qual linha seria utilizada como recorte. A partir de material informativo<sup>7</sup> da Secretaria de Trânsito, chegamos ao consenso de que a linha *Troncal 01* (TR-01) era a mais adequada para cenário das narrativas. O itinerário, implantado em abril de 2016 com o Sistema Integrado de Mobilidade (SIM Caxias), faz o trajeto entre as duas EPI's (Estações Principais de Integração), Floresta e Imigrante. Conhecida popularmente como *linha vermelha*, devido à coloração dos veículos que cumprem o percurso, a TR-01 é responsável por cortar a região central de Caxias do Sul, transportando passageiros dos mais diferentes bairros e regiões do município.

Para fazer a imersão na *linha vermelha*, optamos pela observação participante, técnica em que se vivencia o contexto social do campo. Nela, o pesquisador não se limita a observar o que acontece ao seu redor, mas também vive a experiência e compartilha sentimentos e percepções sensoriais. É preciso enxergar o campo, ouvir sons e ruídos do ambiente, experimentar a textura, sentir aromas e sabores do local escolhido. Minayo (2010) afirma que essa técnica:

---

<sup>6</sup> Viação Santa Teresa. Empresa concessionária do transporte coletivo em Caxias do Sul. Embora não conste no site da Visate, o número diário de passageiros foi revelado pela empresa ao Jornal Pioneiro, em matéria datada em 24 de março de 2017. Disponível em: <<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/noticia/2017/03/com-tarifa-congelada-ate-2018-prefeitura-quer-saber-quantos-passageiros-usam-onibus-em-caxias-9756011.html>> Acesso em: 27 abr. 2017.

<sup>7</sup> Página informativa do Sistema Integrado de Mobilidade (SIM Caxias), no site da prefeitura de Caxias. Disponível em: <[https://www.caxias.rs.gov.br/sim\\_caxias/texto.php?codigo=1027](https://www.caxias.rs.gov.br/sim_caxias/texto.php?codigo=1027)> Acesso em: 27 abr. 2017.

[...] permite ao pesquisador ficar mais livre de prejulgamentos, uma vez que não o torna, necessariamente, prisioneiro de um instrumento rígido de coleta de dados ou hipóteses testadas antes, e não durante o processo de pesquisa. Na medida em que convive com o grupo, o observador pode retirar de seu roteiro questões que percebem serem irrelevantes do ponto de vista dos interlocutores; consegue também compreender aspectos que vão aflorando aos poucos, situação impossível para um pesquisador que trabalha em questionários fechados e antecipadamente padronizados (MINAYO, 2010, p. 70-71).

Minayo destaca que a principal ferramenta para quem escolhe a observação participante é o diário de campo. Trata-se do registro de tudo que acontece nas fases de aproximação e ação investigativa. Além de contar a experiência 'concreta' e receber transcrições de conversas e entrevistas, o diário de campo também se configura como um personagem vivo, um companheiro nesta jornada pelos ônibus de Caxias do Sul. Inquietações, incertezas, ideias que brotaram no meio do percurso, desabafo das dificuldades encontradas no caminho. Tudo isso ganhou espaço nos inúmeros blocos de anotações – surrados pelo uso –, pequenos papéis e anotações digitais, que formam o diário de campo desta pesquisa.

A escolha do transporte coletivo também trouxe o desafio da entrevista em movimento. Como estabelecer contato com os passageiros, iniciar uma conversa e ainda alcançar um nível de profundidade que pudesse subsidiar o agendamento de pautas? A *linha vermelha* é caracterizada pela velocidade. Para se ter uma ideia, os ônibus da TR-01 cumprem o seu trajeto, na região central da cidade, num tempo que oscila de 15 a 20 minutos.

Além disso, é preciso estar atento ao fato de que a maioria dos passageiros não faz o itinerário completo. Muitos desembarcam do ônibus em alguma das 14 paradas existentes entre as duas estações (sete no sentido Floresta-Imigrante e outras sete no sentido oposto). Outros passageiros embarcam no meio do caminho. Isso faz com que o tempo de conversa seja inesperado e, na maior parte dos casos, pequeno.

Dessa forma, para auxiliar na observação participante, recorreremos à técnica da entrevista aberta. Nesse tipo de diálogo, conforme Minayo, "o informante é convidado a falar livremente sobre um tema e as perguntas do investigador, quando são feitas, buscam dar mais profundidade às reflexões" (MINAYO, 2010, p. 64). No caso dos ônibus, como veremos no quinto capítulo, muitas conversas iniciam de maneira quase que despretensiosa, com declarações sobre o clima ou a simples demora do ônibus no semáforo vermelho.

Seguindo a mesma linha de raciocínio de Minayo, o doutor em Comunicação Social Jorge Duarte (2014) define a entrevista aberta pelo cunho exploratório e caráter flexível, uma vez que não há roteiro pré-estabelecido de perguntas ou assuntos a serem abordados. Nesses casos, conforme Duarte, a conversa:

[..] flui livremente, sendo aprofundada em determinado rumo de acordo com aspectos significativos identificados pelo entrevistador enquanto o entrevistado define a resposta segundo seus próprios termos, utilizando como referência seu conhecimento, percepção, linguagem, realidade, experiência. Desta maneira, a resposta a uma questão origina a pergunta seguinte e uma entrevista ajuda a direcionar a subsequente. A capacidade de aprofundar as questões a partir das respostas torna este tipo de entrevista muito rico em descobertas (DUARTE, 2005, p. 65).

Essa última característica sinalizada por Duarte nos proporcionou situações únicas, de surpresa e encantamento com a variedade de temas abordados nas entrevistas. Conversas que versaram desde a qualidade do transporte coletivo em Caxias do Sul, passando pela avaliação do atendimento de hospitais e postos de saúde, paixões e decepções esportivas, análise do cenário político nacional, crítica dos materiais veiculados pela imprensa e até falas engajadas contra a opressão de gênero. Assuntos que só foram possíveis abordar pela liberdade que a entrevista aberta oferece.

### 3.2.4 Dimensão intuitiva

A quarta e última trilha investigativa, denominada *dimensão intuitiva*, sinaliza para o abstrato/intangível. Não se trata de buscar soluções mágicas aos problemas investigativos, mas sim de uma abertura do pesquisador aos aspectos sensíveis, que fogem ao planejamento inicial e brotam em diversos momentos no percorrer das demais trilhas. Baptista (2014) defende que a produção de conhecimento não ocorre apenas nos níveis controlados de consciência. Quando mergulhamos num objeto de estudo, entramos em contato, subjetivamente, com uma gama de significados que interagem com as camadas do inconsciente.

Quando alguém investiga, esse sujeito investe-se em direção ao objeto paixão-pesquisa e isso significa que o sujeito todo pesquisa e vibra com a investig[ação]. Assim, é comum que as soluções, os desfechos da pesquisa surjam em momentos em que ocorre uma espécie de *click*, aqueles

momentos em que uma ideia parece brotar de dentro sujeito, meio que do nada, como se saltasse do inconsciente (BAPTISTA, 2014, p. 352).

Como explicar, por exemplo, o surgimento de uma ideia que, a princípio, não está relacionada ao tema de interesse, mas encontra uma conexão posteriormente? É preciso estar atento, portanto, ao que Baptista chama de 'brotações autônomas', fazendo registro dos cacos de frase, ideias ou soluções de pesquisa que surgirem inesperadamente. Mesmo que a anotação pareça desconectada, num primeiro momento, ela pode ser útil em etapas futuras. Neste trabalho, optamos por registrar os *pensamentos picados* nas páginas ou arquivos digitais do diário de campo.

Em alguns casos, eles não foram utilizados. Em outros, foram de grande importância para fazer conexões entre blocos de texto ou pensamento. Um exemplo relacionado à *dimensão intuitiva* está na escolha do título deste trabalho. É impreciso afirmar o momento exato em que brotou a expressão 'narrativas passageiras'. Curiosamente, durante uma das discussões sobre a pesquisa, a orientadora comentou que já havia lido o título em algum artigo que escrevemos em coautoria. Buscamos em nossos arquivos, mas não encontramos registro em textos anteriores. Ou seja, de alguma maneira, o título *Narrativas passageiras* surgiu como se saltasse do inconsciente, tanto do pesquisador, quanto da orientadora deste trabalho.

Por fim, cabe lembrar que a *dimensão intuitiva* está entrelaçada com as demais trilhas investigativas. As ideias só brotam do inconsciente, em momentos inesperados, quando houver um trabalho conjunto entre *saberes pessoais*, *saberes teóricos* e *usina de produção*. A Cartografia de Saberes é uma estratégia metodológica complexa e mutável, capaz de se adaptar a diferentes objetos de estudo e abrigar técnicas e ferramentas necessárias para execução do projeto.



#### 4 JORNALISMO: QUE VIAGEM É ESSA?

Seguimos o trajeto de *Narrativas passageiras*. Agora que já conhecemos os itinerários que iremos percorrer nesta pesquisa e as motivações que levaram o sujeito-pesquisador a embarcar nesta jornada investigativa, é chegado o momento de nos aventurarmos pela apaixonante arte de contar histórias, o jornalismo. Afinal de contas, que viagem é essa?

Ao iniciarmos o percurso pelos olhares que compõem o referencial teórico deste estudo, é preciso levar em consideração três premissas: 1) toda cidade é um texto, transversalizado pelo contexto histórico, social, econômico e político; 2) todo texto produzido nos espaços urbanos é narrativa, mas nem toda narrativa é jornalística; 3) o jornalismo convencional praticado nas grandes redações é insuficiente para contemplar a complexidade da realidade social contemporânea.

Nessa linha de abordagem, a urbanista Raquel Rolnik (1995) descreve que “a cidade é antes de mais nada um imã, antes mesmo de se tornar local permanente de trabalho e moradia” (ROLNIK, 1995, p. 13). Ou seja, a definição de Rolnik nos indica que o aspecto fundamental que caracteriza um espaço urbano é sua capacidade de atrair e reunir seres humanos. Em outras palavras, um campo aberto para a interação.

Ao abordar a cidade como uma espécie de escrita histórica e social, Rolnik explora o potencial comunicativo dos aglomerados urbanos:

O desenho das ruas e das casas, das praças e dos templos, além de conter a experiência daqueles que os construíram, denota o seu mundo. É por isto que as formas e tipologias arquitetônicas, desde quando se definiram enquanto hábitat permanente, podem ser lidas e decifradas, como se lê e decifra um texto (ROLNIK, 1995, p. 17).

A partir das considerações formuladas por Rolnik, podemos dizer que todo espaço urbano carrega um potencial de comunicação, favorecido pelas narrativas que enriquecem nosso cotidiano. Mas o que são essas narrativas e quais suas principais características?

Primeiramente, é importante observar que não estamos nos referindo a textos escritos ou falados, necessariamente, uma vez que o processo comunicacional é complexo e também abrange os fluxos extralinguísticos. Desde o momento em que acordamos, estamos interagindo com o ambiente externo e com

as pessoas ao nosso redor. Esse contato dinâmico nos faz tecer, voluntária e involuntariamente, as narrativas do nosso cotidiano.

Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986) conceituam que narrativa é “todo e qualquer discurso capaz de evocar um mundo concebido como real, material e espiritual, situado em um espaço determinado” (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 11). No caso específico desta pesquisa, o cenário das narrativas é a principal linha do transporte coletivo de Caxias do Sul. Portanto, estamos falando de textos cotidianos pronunciados diariamente pelos passageiros, no momento da interação com esse território de convivência e seus semelhantes.

Outro entendimento importante para compreendermos a pluralidade das narrativas produzidas no contato com os cenários urbanos é a influência contextual. Os textos cotidianos só podem ser observados em sua complexidade quando levamos em consideração o contexto. Ao considerarmos que ‘comunicar’ é a ação de tornar comum, de socializar, a experiência narrativa também só pode ser concebida num ambiente compartilhado. “Assim como a comunicação é contínua e aberta às interferências ou apropriações humanas, a narrativa, enquanto forma comunicativa originária, mantém-se disponível para as continuações de ordem prática e moral” (SODRÉ, 2012, p. 181). As narrativas, portanto, são tecidas no entrelaçamento dos grupos sociais com o território e com os contextos social, econômico e político.

Em *O monopólio da fala: função e linguagem da televisão no Brasil*, Muniz Sodré (2010) aprofunda a discussão sobre as narrativas e o processo de comunicação, sinalizando a fronteira que separa o *código linguístico* do *código extralinguístico*. Conforme o autor, o primeiro está diretamente relacionado à linguagem instituída e convencionada. Os idiomas, a linguagem de sinais e as placas de trânsito são alguns exemplos do código linguístico. Já o fluxo extralinguístico incorre, justamente, na tentativa de romper esse limite, com base na experiência de interação com o ambiente:

A palavra permite-nos dizer apenas aquilo que se deve dizer, isto é, o que o código linguístico autoriza. Isso implica em que a *vivência* (a totalidade expressiva de um sujeito) pessoal seja sempre maior do que a palavra. Comunicar-se verdadeiramente é tentar superar as barreiras da incomunicação, as restrições do código, e dar curso livre à vivência (SODRÉ, 2010, p. 50).

Em uma linha de abordagem semelhante, Ciro Marcondes Filho (2008) propõe uma Nova Teoria da Comunicação, em contraponto ao que ele chama de ‘modelos simplificadores’. Segundo o autor, esses modelos são decorrentes da influência exercida pelo paradigma das ciências exatas e da natureza – e teriam predominado a literatura da teoria da comunicação durante os séculos XIX e XX. Em síntese, Marcondes Filho aponta uma tentativa histórica de reduzir e limitar a complexidade do fluxo comunicacional a algo puramente mecânico ou calculável.

Durante muito tempo pensou-se que a comunicação era isso: eu transmito algo, através de um canal, sobre um meio qualquer, por intermédio de um veículo a outra pessoa: eu passo isso a ela. Que eu levaria as mensagens de um lado (emissor) a outro lado (receptor), da mesma maneira como um ônibus leva passageiros de um bairro ao centro da cidade. Pensava-se que a comunicação era uma coisa, um objeto (MARCONDES FILHO, 2008, p. 15).

Mais adiante, no mesmo texto, o autor nos fornece pistas importantes para compreender o processo da comunicação a partir da perspectiva da complexidade. Marcondes Filho (2008) salienta que os olhares, as expressões corporais e os sentidos (como a audição e o olfato, por exemplo), compõem parte essencial desse processo. Ele também destaca a importância dos fluxos abstratos, como os sentimentos e as intencionalidades que circulam entre as pessoas. Dessa forma, o conceito de comunicação proposto por Ciro Marcondes Filho remete à construção de um espaço comum de vivência e entrelaçamento, isto é, de *diálogo*:

[...] é o que acontece *entre* as pessoas, é a atmosfera, a cena, o clima, a situação em que duas, três, cinco, dez pessoas se relacionam. [...] Entre as pessoas circula algo. Além de palavras emitidas, circulam sensações, desejos, interesses, curiosidades, percepções, estados de espírito, intuições, humores, uma indescritível sensação de ‘coisa comum’, de ligação (MARCONDES FILHO, 2008, p. 26).

Dessa forma, ao associarmos as contribuições teóricas de Raquel Rolnik, Muniz Sodré, Maria Helena Ferrari e Ciro Marcondes Filho, podemos perceber que as narrativas também residem nas experiências sensoriais e subjetivas de troca com o território. São gestos, olhares, expressões corporais, aromas, ruídos e sabores. Tudo isso contribui para o processo de significação – e ressignificação – do ambiente em que estamos inseridos. Isso também é evidente nos ônibus. Cada passageiro carrega consigo um universo de narrativas a serem compartilhadas.

Existe um grande potencial de troca. Todos esses fluxos – linguísticos ou extralinguísticos, concretos ou abstratos, corporais ou extracorporais – oferecem uma possibilidade de comunicação viva e pulsante.

#### 4.1 NARRATIVAS NA CIDADE-TEXTO

Mas por que as conversas de ônibus podem ser consideradas *narrativas passageiras*? Para responder a esse questionamento é necessário compreendermos uma característica marcante dos centros urbanos na contemporaneidade: a velocidade. As aglomerações urbanas – principalmente se levarmos em conta o período histórico da segunda metade do século XX em diante – são transversalizadas pela dinâmica da efemeridade, onde tudo é rápido e passageiro.

O filósofo Nelson Brissac Peixoto (1988) é perspicaz e pontual ao analisar a dinâmica das cidades contemporâneas. No texto *O olhar do estrangeiro*, o autor afirma que a velocidade característica dos centros urbanos altera o processo de captação – ou leitura – da realidade.

O indivíduo contemporâneo é em primeiro lugar um passageiro metropolitano: em permanente movimento, cada vez para mais longe, cada vez mais rápido. Esta crescente velocidade determinaria não só o olhar mas sobretudo o modo pelo qual a própria cidade, e todas as outras coisas, se apresentam a nós (PEIXOTO, 1988, p. 361).

Essa característica sinalizada por Peixoto é latente no transporte coletivo. Praças, fachadas de prédios, *outdoors*, sinalizações de trânsito, pedestres que aguardam para atravessar a rua... Todas essas imagens são rápidas e passageiras para quem está dentro de um ônibus. A cidade se sobrepõe rapidamente através da janela. Ao mesmo tempo, é válido observar que a velocidade não está *apenas* no lado de fora. A dinâmica do transporte coletivo é pautada por conversas rápidas, falas curtas, pequenas histórias. Ou seja, as narrativas tramadas na cidade-texto e, especialmente nos ônibus, são passageiras.

Ao analisar a leitura do espaço urbano, a pesquisadora Lucrécia D'Aléssio Ferrara (1988) afirma que as cidades constituem um campo plural de narrativas – ou, como a autora denomina, “textos não-verbais” (FERRARA, 1988, p. 11). A autora corrobora o posicionamento de Peixoto, dizendo que a velocidade é fator determinante no processo de leitura da realidade urbana.

O texto não-verbal é urbano, não só porque se inscreve no espaço, mas porque, na multiplicidade significante que compõe sua densidade, o espaço urbano lhe serve de suporte, ao mesmo tempo que é um dos signos que o compõe em semiose com outros. [...] A cidade é o lugar do texto não-verbal e a velocidade é o ritmo de sua leitura (FERRARA, 1988, p. 11-12).

Outra abordagem importante para analisar o tema desta pesquisa pode ser observada na contribuição da jornalista Susana Gastal (2006). No livro *Alegorias urbanas: O passado como subterfúgio*, a autora discorre sobre a construção do imaginário nos centros urbanos. Ela explica que as cidades, tal como conhecemos, são um fenômeno essencialmente contemporâneo. Sendo assim, é preciso levar em consideração que seu desenvolvimento vai além dos aspectos físicos e objetivos:

Ver o espaço como fruto de uma construção social de imagens e imaginários significa admitir que os espaços diferem de cultura para cultura, ou seja, que estamos lidando no campo do significante e não apenas do significado. O espaço, assim, é passível de leitura semiótica em suas práticas, discursos, jogos textuais e superfícies: o espaço é um texto (GASTAL, 2006, p. 82).

Dessa forma, podemos considerar que as narrativas cotidianas são fundamentais para construir e ressignificar os espaços urbanos. Conforme a autora (GASTAL, 2006), as cidades são formadas por três imaginários: Praça, Palco e Monumento. O primeiro – e o mais marcante nas cidades contemporâneas –, com origem na Ágora grega, diz respeito à convivência em coletividade, ao *estar-junto*. O segundo texto, *Palco*, se justifica na necessidade do sujeito observar e ser observado, imposta justamente pela convivência propiciada pelos centros urbanos. Já o terceiro imaginário, *Monumento*, surge da vocação de preservar o passado, ou seja, as memórias subjetivas de uma determinada cultura, por meio da materialização.

Neste aspecto, é interessante perceber que os ônibus carregam características dos três imaginários descritos por Gastal (2006). Os veículos do transporte coletivo promovem a convivência típica das praças, uma vez que transportam milhares de passageiros diariamente. Além disso, não podemos ignorar que os ônibus também cumprem o papel de *Palco* - seja equilibrando-se de pé, no corredor, ou sentado à janela, apreciando a paisagem urbana, nossa presença é observada e compartilhada pelos outros passageiros. Por fim, ainda é possível perceber materialização e preservação da memória no transporte coletivo. Para

tanto, basta recordarmos que as marcas de oralidade inerentes às conversas de ônibus denotam aspectos culturais de determinado contexto.

Mais adiante, ainda analisando o processo de formação do imaginário nos centros urbanos, Susana Gastal (2006) afirma que para compreendermos o fenômeno das cidades contemporâneas é necessário ir além dos aspectos físicos. Precisamos, portanto, reconhecer seu caráter abstrato, que floresce na coletividade - seja nas ruas e avenidas, praças e parques ou nos ônibus da *linha vermelha*.

Se a cidade é a materialização do urbano no espaço, essa materialização não se restringe aos elementos fixos: praças, monumentos, igrejas, indústrias, casas, ruas e muitos outros. Em torno e no interior dos fixos, há todo um mundo em movimento, onde circulam pessoas, mercadorias, relações sociais, manifestações culturais [...]. Eles constituem os fluxos que, juntos com os fixos, formam a cidade (GASTAL, 2006, p. 94).

Na mesma linha de raciocínio, o geógrafo Milton Santos (2008) nos fornece pistas preciosas para compreendermos o potencial narrativo dos cenários urbanos. A partir de uma leitura orientada pela transdisciplinaridade, Santos (2008, p. 112-114) discorre sobre os conceitos de 'lugar' e 'espaço geográfico'. Conforme o autor, o *lugar* precisa ser encarado como um grande palco para o exercício pleno da existência e da cidadania.

É o espaço, isto é, os lugares, que realizam e revelam o mundo, tornando-o historicizado e geografizado, isto é, empiricizado. Os lugares são, pois, o mundo, que eles reproduzem de modos específicos, individuais, diversos. Eles são singulares, mas são também globais, manifestações da totalidade-mundo, da qual são formas particulares (Santos, 2008, p. 112).

Percebe-se, nesse trecho, uma consideração importante que o autor nos sinaliza: o caráter regional e universal que permeia, influencia e compõe os espaços geográficos. Isto é, ao fazer a análise de um determinado espaço (como uma cidade ou região de um estado, por exemplo), é preciso levar em consideração que existem características singulares e globais. Esses aspectos são responsáveis por aproximar e diferenciar as localidades.

Sendo assim, é possível verificar que as narrativas cotidianas produzidas em determinado centro urbano (no caso deste trabalho, no transporte coletivo de Caxias do Sul) estarão recheadas de características culturais específicas da região, ao mesmo tempo em que estarão repletas de aspectos comuns a outros centros urbanos. Como efeito, podemos visualizar que as relações sujeito-território são

permeadas, sobretudo, pelo contexto histórico, econômico, político e social. Feita essa associação, torna-se palpável a conexão existente entre os fluxos comunicacionais e a resignificação dos espaços urbanos. De acordo com Santos, repensar o território – e aqui a narrativa jornalística humanizada será de grande valia – é essencial para renovar a concepção de cidadania:

[...] não é apenas um quadro de vida, mas um espaço vivido, isto é, de experiência sempre renovada, o que permite, ao mesmo tempo, a reavaliação das heranças e a indagação sobre presente e futuro. A existência *naquele* espaço exerce um papel revelador sobre o mundo (SANTOS, 2008, p. 114).

A alternativa proposta por Milton Santos (2008), portanto, está diretamente relacionada à capacidade narrativa do cidadão, sempre potencializada pelo caldo cultural característico dos centros urbanos. Dessa forma, segundo o autor, o cenário brasileiro se mostra propício para o surgimento de novas experiências, sejam elas estéticas, sociais ou políticas. Por que não arriscar, então, novas experiências jornalísticas? É o que abordaremos na sequência.

#### 4.2 NARRATIVAS JORNALÍSTICAS NA CONTEMPORANEIDADE

A partir da compreensão de que as cidades – e, no caso específico desta pesquisa, os ônibus que circulam pelas ruas – são cenários de narrativas passageiras, nos deparamos com uma nova problemática: como contar essas histórias de vida a partir do jornalismo? Ao longo da história da imprensa, muitos autores se debruçaram sobre a temática das narrativas jornalísticas e formularam uma série de teorias para tentar compreender esse campo de estudo. Afinal de contas, o que é uma notícia? O que diferencia ‘fato’ de ‘acontecimento’? Quais os elementos que constituem uma reportagem? Que impactos as narrativas jornalísticas exercem sobre a opinião pública?

Em seu *Dicionário de propaganda e jornalismo*, Mário Erbolato (1985) considera que narração é a “exposição de um fato” (ERBOLATO, 1985, p. 219). O autor não traz definição para o termo ‘fato’, porém, se recorrermos ao sinônimo ‘acontecimento’, temos o seguinte significado: “assunto que deve ser coberto pela reportagem” (ERBOLATO, 1985, p. 22).

Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986), por sua vez, destacam que os acontecimentos noticiados pelo jornalismo diário carregam, em si, grande potencial narrativo – nem sempre aprofundado como poderia.

O desdobramento das clássicas perguntas a que a notícia pretende responder (quem, o quê, como, quando, onde, por quê) constituirá de pleno direito uma narrativa, não mais regida pelo imaginário, como na literatura de ficção, mas pela realidade factual do dia-a-dia, pelos pontos rítmicos do cotidiano que, discursivamente trabalhados, tornam-se reportagem (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 11).

Para além da definição de narrativa jornalística, Nelson Traquina (2005) percorre de maneira didática, em *Teorias do jornalismo*, as diferentes correntes que tentaram definir um conceito para este campo de estudo. A falta de consenso sinalizada pelo autor justifica a tentativa de aprofundarmos o debate sobre novas propostas quando o assunto é narrativa. Traquina ressalta que vários pesquisadores buscaram “responder à pergunta porque as notícias são como são, reconhecendo o fato de que a utilização do termo ‘teoria’ é discutível, porque também pode significar aqui somente interessante e plausível, e não um conjunto elaborado” (TRAQUINA, 2005, p. 146).

É válido notar que predomina, nas redações dos veículos tradicionais de imprensa (seja ela escrita, falada ou televisionada), a preferência pelos textos objetivos, enxutos e impessoais. Trata-se do modelo da pirâmide invertida, cristalizada nas perguntas básicas do *lide* (O que? Quem? Quando? Onde? Por quê? Como?). Mas será que este modelo de narrativa é suficiente para contemplar as inúmeras histórias de vida que transitam pelos cenários urbanos?

Em relação a esse questionamento, é válido destacar a contribuição teórica de Edvaldo Pereira Lima. Ao verificar as insuficiências do modelo tradicional, calcado no racionalismo e na objetividade, o autor propõe a perspectiva do Jornalismo Literário Avançado, com a premissa básica de abandonar a “leitura preconceituosa do real” (LIMA, 2013, p. 74) e superar a barreira da objetividade, imposta pelo jornalismo convencional. Em seu livro *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*, Lima (2009) discorre sobre os limites da estrutura conhecida como *lide* (do inglês, *lead*):

A estruturação da mensagem jornalística nessa fórmula atende melhor à categoria jornalística que acabou conhecida como jornalismo informativo.



Seu papel é informar e orientar de maneira rápida, clara, precisa, exata, objetiva. Em virtude disso, essa prática é muitas vezes criticada como superficial, incompleta (LIMA, 2009, p. 17).

Dessa forma, podemos observar que a abordagem convencional do jornalismo caminha no sentido de enxugar as matrizes afetivas do texto urbano. Enquanto isso, a alternativa proposta por Edvaldo Pereira Lima é fundamentada, como o próprio autor explica, no reconhecimento da complexidade do cenário urbano na contemporaneidade. Mesmo reconhecendo a importância histórica da modelo convencional de produção do conteúdo jornalístico, Lima propõe uma leitura de realidade que tenha outro propósito:

[...] cabe a essa modalidade afastar-se desse papel importante, mas limitado, indo ao encontro de sua própria missão nobre. Essa consiste em ler o real de maneira ampla, buscando contextos, evitando julgamentos (especialmente os apressados), caminhando para a conquista de discernimento amplo e pela elucidação dos acontecimentos e situações sociais sobre os quais debruça o seu olhar (LIMA, 2013, p. 71).

Alicerçado na transdisciplinaridade (valorização dos conhecimentos em diversas áreas, como ciência, arte, filosofia e tradições), o Jornalismo Literário Avançado exige que o jornalista esteja aberto ao diálogo com os múltiplos saberes. A proposta, nesse caso, dialoga com a concepção freireana de que ninguém sabe mais ou menos sobre alguma coisa, mas sim, existem saberes diferentes – que também precisam ser legitimados pelas narrativas jornalísticas. “Precisamos ampliar nossos horizontes de percepção, [...] inserindo o novo quadro em nossos exercícios da arte de se contar histórias. Precisamos mostrar o mundo, na sua complexidade, com olhares e sentimentos novos” (LIMA, 2009, p. 437).

Entre as características predominantes do Jornalismo Literário Avançado, podemos destacar o resgate da arte narrativa, a humanização dos relatos e a imersão no campo dos acontecimentos – aspectos que levaremos em conta no momento de trazer ao passageiro-leitor a transcrição das conversas de ônibus. No que diz respeito à arte de contar histórias, Lima (2009) recorda que estamos nos referindo a uma característica inerente à condição de humanidade. As pinturas nas paredes das cavernas, os mitos passados de geração a geração ao redor de uma fogueira, os relatos de tempos imemoriais, histórias sobre guerreiros e deuses, o cinema, a novela das nove... Tudo isso é fruto da nossa condição humana de contar histórias.

Artificialmente, o jornalismo convencional esqueceu-se disso, buscando estruturar seu discurso de um modo considerado por muito tempo lógico, racional e objetivo. Pelo exagero, o que se gerou foi um modo de comunicação social muitas vezes asséptico, que o leitor logo esquece. Entre a técnica da pirâmide invertida - que congrega artificialmente os elementos primários de uma informação no início de um texto - ainda presente como principal recurso organizador de uma matéria, em muitos periódicos, e o estilo narrativo, o leitor aprecia mais o segundo. Pois o estilo narrativo corresponde a uma tendência natural humana, há milênios, que é contar e receber (ouvir, ver, ler) histórias (LIMA, 2009, p. 358).

A segunda característica fundamental do Jornalismo Literário Avançado é a humanização das narrativas. Essa estratégia é responsável por evitar estereótipos nas descrições de personagens ou cenários. Lima (2009) recorda que “toda boa narrativa do real só se justifica se nela encontramos protagonistas e personagens humanos tratados com o devido cuidado, com a extensão necessária e com a lucidez equilibrada onde nem os endeusamos nem os vilipendiamos” (LIMA, 2009, p. 359). Neste aspecto, vale ressaltar que também é necessário humanizar o contador de histórias. Do mesmo modo que buscamos personagens humanos, em sua complexidade, o jornalista não precisa esconder o rosto em fórmulas impessoais de narrativas. A voz autoral é importante para legitimar a vivência.

Por fim, não podemos esquecer que repensar a prática jornalística só é possível por meio do trabalho de campo. Humanizar as narrativas e os personagens que dela fazem parte requer proximidade. Nisso, também reside o desafio para que o jornalista se desprenda de seus eventuais preconceitos e de sua própria visão de mundo. É preciso ter a sensibilidade necessária – além de coragem – para colocar-se no lugar do outro, colocar-se no lugar dos personagens do cotidiano e tentar perceber o mundo através de outros pontos de vista.

Como o propósito-motriz do jornalismo literário é a compreensão da realidade, só há uma maneira de um bom repórter aquilatá-la melhor: mergulhando na própria. O autor precisa partir a campo ver, sentir, cheirar, apalpar, ouvir os ambientes por onde circulam seus personagens. Precisa interagir com eles. Deve vivenciar parte da experiência de vida que eles vivem (LIMA, 2009, p. 373).

Isso vale para propostas de maior fôlego, como livro-reportagem, mas também para o cotidiano da prática jornalística. Viver o campo e sentir o que o ambiente e os personagens podem oferecer é uma necessidade latente para resgatar a matéria-prima do bom jornalismo. A experiência de campo pressupõe

atirar-se às vivências como um nadador que salta em uma piscina, de corpo e alma. O distanciamento vem depois, na hora de refletir sobre a experiência, decupar os materiais e produzir o conteúdo jornalístico.

Sendo assim, é possível perceber que essa mudança de perspectiva na linguagem jornalística, proposta por Edvaldo Pereira Lima, está em consonância com os fluxos comunicacionais abstratos, sugeridos nas contribuições de Muniz Sodré e Ciro Marcondes Filho. Ou seja, a legitimação e o reconhecimento de uma comunicação aberta e contemporânea passam pela necessidade de uma releitura da produção jornalística e dos textos que pronunciam as histórias e percepções de mundo.

Como efeito, no processo de captação das *narrativas passageiras*, as histórias são contadas a partir de personagens de vida, e não mais das tradicionais fontes do jornalismo convencional. Além disso, o território deixa de ocupar o papel de apenas ‘onde?’, na narrativa, e passa a ser contextualizado, ganhando autonomia e pulsando como um personagem. Compreender que as pessoas e os lugares são matrizes da realidade, portanto, nos ajuda a visualizar o jornalismo literário como um processo, e não apenas como uma fórmula de escrita, previamente estabelecida.

Essa abordagem “não se dá apenas no aspecto estilístico, de escrita. E nem é coisa exclusivamente do passado. Também acontece no plano da captação, da observação do real” (Lima, 1998, p. 43). Isso significa que a proposta do Jornalismo Literário Avançado também contempla a necessidade de uma nova forma de observação dos acontecimentos, mais ativa e participante. Trata-se de outra maneira de vivenciar a experiência de captação do real.

No mesmo caminho, também é válido resgatar a contribuição de Cremilda de Araújo Medina (2003), que parte da crítica ao modelo racional de texto jornalístico, para propor ‘a arte de tecer o presente’. Conforme a autora, a narrativa cotidiana, que deveria ser a matéria-prima do jornalismo, acabou sendo deixada de lado pela rotina sufocante das grandes redações. Como resultado, o *potencial criativo* foi substituído, gradualmente, pela quantificação da *capacidade produtiva*. A autora completa:

Para que o cotidiano se presentifique é preciso romper com as rotinas industriais da produção da notícia. É preciso superar a superficialidade das situações sociais e o predomínio dos protagonistas oficiais. Há uma demanda reprimida pela democratização das vozes que se fazem presente

na mídia. Torna-se necessário mergulhar no protagonismo anônimo (MEDINA, 2003, p. 93).

O resultado imediato do ‘protagonismo anônimo’ proposto por Medina é a mudança de perspectiva da narrativa jornalística. Quando as fontes oficiais dão lugar às vozes do cotidiano e os textos enxutos e impessoais são substituídos por narrativas vibrantes e humanizadas, podemos perceber um movimento que vai “da objetividade esquemática e burocrática de uma notícia à complexa e surpreendente subjetividade dos que vivem aqueles acontecimentos” (MEDINA, 2003, p. 93).

Por consequência, a narrativa deixa de ser um fato avulso para tornar-se pertencente a uma trama contextualizada. Mais adiante, na transcrição das conversas que observamos e participamos nos ônibus, será possível verificar essa característica. Quando um passageiro revela que é preciso passar diariamente no supermercado para economizar alguns trocados no fim do mês, temos uma noção humana e realista dos efeitos da inflação dos alimentos. Não é o professor de economia afirmando que o quilo do feijão aumentou 10% ou 15% no trimestre. É o cidadão – ou protagonista anônimo – que ilustra a escalada nos preços com sua vivência cotidiana. Por trás de cada estatística, existem inúmeras vidas e suas histórias.

Ao levar em consideração o mergulho no ‘protagonismo anônimo’, podemos sentir, na prática, o caráter social da comunicação e, por consequência, do jornalismo. Aqui, nos aproximamos das considerações formuladas por Maria Luiza Cardinale Baptista (2012), com o *Jornalismo Amoroso*. Essa perspectiva está entrelaçada ao conceito de amorosidade defendido pelo biólogo chileno Humberto Maturana. O amor, para este teórico, deve ser encarado como o “reconhecimento do outro como legítimo outro, na convivência” (MATURANA, 1998, p. 15).

Sendo assim, é fundamental destacar que o amor ao qual nos referimos ultrapassa a barreira do amor romântico, dos amantes. Em suma, ele está relacionado ao que Baptista (2012) chama de ‘a ética da relação’, uma vez que “amorosidade e comunicação são palavras que representam processos de vida, absolutamente entrelaçados” (BAPTISTA, 2012, p. 96). A autora também destaca que:

As produções jornalísticas, neste sentido, resultam de processos intensos de relações e de respeito mútuo. Os textos são produzidos e discutidos em

todo o seu processo, na busca de sinalizar produções que possam agradar ao leitor esperado (BAPTISTA, 2012, p. 96).

Por consequência, recorrermos à perspectiva de um jornalismo pautado pela amorosidade é fundamental para que reconheçamos no outro os olhares múltiplos e sensíveis, necessários para a construção de territórios mais humanos e solidários. O entendimento de que a amorosidade é uma característica inerente à condição de ser humano, portanto, nos leva a compreender que as narrativas aqui mencionadas surgem para resgatar as marcas de oralidade e espontaneidade deixadas para trás pelo jornalismo das grandes corporações. É válido observar que, em termos metodológicos, os relatos de observação participante nos ônibus (apresentados no próximo capítulo) precisam estar fundamentados na sensibilidade.

Isto é essencial para que se possa ampliar o olhar para a matriz narrativa do cotidiano da cidade e suas histórias. Conforme Baptista, “não há como entrar em contato com o outro, para fazer fluir informações, se não houver a disposição do encontro, verdadeira, plena” (BAPTISTA, 2012, p. 99). Afinal, esses personagens, ao interagir com o espaço urbano, estão produzindo textos, narrativas vivas de experiências, capazes de reinventar a relação sujeito-território e ressignificar sua história e a dos lugares nos quais se relacionam.

Considerando os pressupostos teóricos até aqui trabalhados, é chegado o momento de mergulharmos no campo de pesquisa. Desejamos que o passageiro-leitor aproveite a viagem investigativa e desfrute os saborosos diálogos observados e vividos no transporte coletivo de Caxias do Sul. As conversas de ônibus são dinâmicas e seus protagonistas são figuras humanas complexas e vibrantes. É preciso estar aberto às surpresas do percurso, a fim de aproveitar ao máximo a experiência. Só não vale perder a parada!

## 5 “SE ME DEIXAM FALAR”

Era um cidadão comum como esses que se vê na rua  
 Falava de negócios, ria, via show de mulher nua  
 Vivia o dia e não o sol, a noite e não a lua  
 Acordava sempre cedo (era um passarinho urbano)  
 Embarcava no metrô, o nosso metropolitano...

**Belchior**

Os primeiros raios de sol começam a ricochetear sobre as lajes cinzentas dos arranha-céus e vidraças espelhadas de edifícios comerciais. Logo abaixo deste monumento de vidro, tijolos e concreto, ruas e avenidas se entrelaçam, numa composição que mescla desalinho e linearidade. É mais um amanhecer de temperatura amena em Caxias do Sul, também conhecida como *Pérola das Colônias*. As paradas de ônibus - há pouco vazias - começam a receber os primeiros passageiros, à espera dos ônibus. Cidadãos comuns, que a gente vê na rua - como na canção de Belchior -, repletos de histórias, sonhos e expectativas. São milhares de vozes prontas para tecer narrativas complexas e cotidianas.

Enquanto o ônibus não aparece, falemos mais sobre este capítulo, que traz os passageiros como protagonistas. Em primeiro lugar, na reflexão sobre o título mais adequado, decidimos fazer referência à obra homônima<sup>8</sup>, da jornalista caxiense Moema Viezzer. No livro, uma operária boliviana - chamada Domitila - narra sua trajetória de vida, permeada pela luta da classe trabalhadora no país vizinho. Em *Narrativas passageiras* não é diferente. Mesmo em conversas rápidas - consequência do dinamismo dos centros urbanos na contemporaneidade -, os passageiros compõem um retrato plural e vibrante da realidade brasileira neste início de século XXI. Para além de números e estatísticas, narrativas marcadas pelo caráter humano.

Conforme antecipamos no capítulo *Itinerários de pesquisa*, as imersões na *linha vermelha* - vivenciadas nos meses de março, abril e maio de 2017 - foram feitas a partir de técnicas como observação participante, entrevistas do tipo aberta e registros no diário de campo (formado por blocos de papel e arquivos digitais). Para

---

<sup>8</sup> VIEZZER, Moema. **Se me deixam falar**: depoimento de uma mineira boliviana. São Paulo: Global, 1987.

manter o tom de informalidade característico das conversas de ônibus, nenhuma entrevista foi gravada. A transcrição foi possível a partir da reconstituição mental de alguns trechos, logo após o término das conversas. Para auxiliar nessa tarefa, recorreremos às anotações e gravações em áudio de observações feitas assim que o pesquisador descia do ônibus, com os acontecimentos ainda frescos na memória. Vale ressaltar, também, que nos deparamos com três tipos diferentes de diálogo: 1) iniciados pelo pesquisador; 2) iniciados pelos passageiros; 3) e, ainda, as conversas de terceiros, sem participação ativa do pesquisador.

Os relatos de observação participante na *linha vermelha* estão estruturados em quatro momentos: abertura e descrição do cenário, transcrição dos diálogos, apresentação do quadro de pautas levantadas e, por último, breve comentário. É importante sinalizar ao leitor que os textos de abertura carregam uma escrita mais autoral, como exercício narrativo que tenta aproximar a produção científica do Jornalismo Literário Avançado.

A transcrição das conversas, por sua vez, segue o modelo de entrevista pingue-pongue (com perguntas e respostas em sequência), “fórmula que garante maior fidelidade, assim como maior facilidade de leitura” (GARCIA, 1992, p. 32). Na sequência, os quadros com o levantamento de pautas estão organizados em três colunas, reservadas às editorias<sup>9</sup>, pautas<sup>10</sup> e citações<sup>11</sup> dos passageiros. Por último, o comentário da experiência faz uma rápida reflexão dos assuntos que brotaram das conversas, além de antecipar alguns tópicos da discussão que faremos no capítulo seguinte.

A curta duração das conversas também trouxe o seguinte desafio metodológico: como dar nome aos passageiros na transcrição dos diálogos? Por um

---

<sup>9</sup> Utilizamos, neste trabalho, a definição de editoria proposta por Mário Erbolato (2008), em *Técnicas de codificação em jornalismo*. Conforme o autor, “as Editorias se responsabilizam cada uma por determinado assunto, permanente ou transitório” (ERBOLATO, 2008, p. 227). Trata-se, portanto, das grandes áreas/assuntos de interesse, como *Economia, Política, Mobilidade, Saúde*, entre outros.

<sup>10</sup> Para a definição de pauta, é válido resgatar as considerações dos jornalistas Heródoto Barbeiro e Paulo Rodolfo de Lima (2003). Os autores afirmam que “tudo o que for relevante para a sociedade é objeto de interesse jornalístico e de pautas: política, economia, cultura, ciência, religião, comportamento, meio ambiente, esporte, problemas da cidade etc.” (BARBEIRO; LIMA, 2003, p. 65). Mário Erbolato (1985), por sua vez, define pauta como a “designação prévia dos principais assuntos que serão cobertos jornalisticamente, dia a dia, ou algum tempo depois. [...] Esquema minucioso de levantamento pretendido pelo meio de comunicação social, para fins de elaboração de matéria jornalística” (ERBOLATO, 1985, p. 237).

<sup>11</sup> Em seu *Dicionário de propaganda e jornalismo*, Mário Erbolato (1985) define citação como a “transcrição textual de uma declaração ou afirmação” (ERBOLATO, 1985, p. 81). As declarações, por outro lado, são entendidas como “idéias expostas ao jornalista por uma ou várias pessoas, sobre um fato com ela relacionado, ou assunto do qual seja(m) especializada(s)” (ERBOLATO, 1985, p. 109).

lado, a dinâmica dos ônibus faz com que a maioria dos contatos termine sem a troca de informações básicas, como nome, idade ou local de moradia. Em contrapartida, seria incoerente denominar os protagonistas deste capítulo apenas por 'passageiros', tendo em vista a proposta deste trabalho de humanizar as narrativas jornalísticas. Diante dessa variável, decidimos buscar um pseudônimo para cada um deles. O critério de escolha leva em consideração que cada passageiro é um contador de suas próprias histórias. Dessa forma, optamos por relacioná-los com escritores brasileiros<sup>12</sup>, tendo o cuidado de encontrar elos de ligação, identificando no sujeito do cotidiano os traços do autor - sejam semelhanças físicas, temáticas ou narrativas.

Dito isso, chega o momento de embarcar. Imponente, o ônibus vermelho surge, em meio à selva de concreto e narrativas a qual chamamos de cidade. O veículo ostenta 21 metros de comprimento e capacidade para quase 180 passageiros, sentados e de pé. No lado de fora, uma multidão se aglomera na fila de embarque. São vozes ávidas para serem ouvidas. Desejo ao passageiro-leitor uma excelente viagem, calorosa e humana.

### 5.1 DIA INCOMUM NA LINHA VERMELHA

“Cinco panos por dez reais!”. O grito do vendedor ambulante, ao som das flautas andinas dos artistas peruanos ilustra o cenário plural da Praça da Bandeira. Situada na região do bairro São Pelegrino, o local ostenta fluxo intenso de pedestres e veículos. A parada de ônibus, junto à Rua Sinimbu, é uma das mais movimentadas no trajeto da *linha vermelha*. O cenário, no entanto, era bastante diferente naquela terça-feira. A greve dos funcionários da empresa responsável pelo transporte coletivo deixou as paradas praticamente vazias.

O relógio marcava 13h40 e os veículos acabavam de sair das garagens, após avanço na negociação entre trabalhadores e classe patronal. No ponto de ônibus, me deparo com um pequeno grupo de quatro pessoas, abrigadas sob a estrutura metálica. Não tardou até o ônibus vermelho surgir. Além de mim, três mulheres e um rapaz entram no veículo. Os termômetros de rua indicavam temperatura de 20°C, clima considerado típico da estação pelos moradores da

---

<sup>12</sup> A exceção está no episódio *Sonhos de além-mar*, cujo protagonista é um imigrante senegalês. Nesse caso, buscamos fazer relação com um escritor do país de origem do passageiro.



região serrana do Rio Grande do Sul. O que não parece corriqueiro, no entanto, é sentar ao lado de alguém quando quase todos os lugares estão vazios. Ao menos foi essa a sensação que tive ao receber um olhar - que julguei ser de desconfiança - da senhora que escolhi como companheira de viagem.

A passageira, sentada à direita, tinha as duas mãos livres, cruzadas sobre a barriga. Ela vestia calças e terno marrom, acompanhada de camisa branca. O pseudônimo escolhido - Rachel de Queiroz - está relacionado à semelhança física com a autora de *Memorial de Maria Moura*. Além dos óculos arredondados, de aro marrom, o cabelo curto e grisalho lhe conferem tom de serenidade.

**RONALDO BUENO: Dia difícil, não?**

RACHEL DE QUEIROZ: Difícil? Nem me fale. Me atrasei meia hora com a 'folia' dessa greve. Precisava chegar em casa às 13h30 para comer alguma coisa e ir pro meu segundo emprego. Sabe como é... hoje em dia a gente não pode ficar parada.

**RONALDO BUENO: E a senhora vai conseguir chegar a tempo?**

RACHEL DE QUEIROZ: Eu sempre dou um jeito. Sempre deixo a comida pronta, à noite, antes de dormir. Agora eu chego em casa e esquento tudo, rapidinho, no micro-ondas.

**RONALDO BUENO: Entendi. E no que a senhora trabalha?**

RACHEL QUEIROZ: Agora de manhã eu trabalho numa confecção. Faço a venda das peças. O problema é que ninguém mais quer comprar roupa feita aqui, sabe. Agora vem tudo de fora, da China, da Arábia, sei lá. Só neste ano, o patrão teve que mandar duas meninas embora. Coitadinhas! Já tinham pegado o jeito da coisa e agora vão ter que arrumar outro emprego. Eu, graças a Deus, continuo firme! Mas já são 12 anos de 'firma'. Eles não vão querer me mandar embora. Acho que ia sair mais caro.

**RONALDO BUENO: Pois é. Eu pego sempre esse ônibus, mas nunca nesse horário. Ao contrário, acho que a gente já teria se encontrado.**

RACHEL DE QUEIROZ: Sim! Eu pego sempre esse. Só ontem que tive que ir a pé pra casa. Onde já se viu ficar o dia inteiro sem ônibus? Eu 'tava' falando isso lá confecção. Parece que o novo prefeito [Daniel Guerra, PRB] não está nem aí pra quem votou nele. Parecem todos iguais! Quando aperta um pouquinho é sempre a gente que sofre: com os ônibus, com os médicos [referência à greve dos médicos que atendem pelo SUS, em Caxias do Sul]...

Quadro 1 - Levantamento de pautas em “Dia incomum na *linha vermelha*”

Editoria	Pauta	Citação
Cotidiano	dupla jornada de trabalho feminina	“Precisava chegar em casa às 13h30 para comer alguma coisa e ir pro meu segundo emprego. Sabe como é... hoje em dia a gente não pode ficar parada”
Economia	demissões no setor têxtil de Caxias do Sul	“Só neste ano, o patrão teve que mandar duas meninas embora”
Economia	efeitos econômicos da entrada de produtos asiáticos no mercado brasileiro	“O problema é que ninguém mais quer comprar roupa feita aqui, sabe. Agora vem tudo de fora, da China, da Arábia, sei lá”
Mobilidade	suposto descaso do poder público com o transporte coletivo em Caxias do Sul	“Onde já se viu ficar o dia inteiro sem ônibus? [...] Parece que o novo prefeito não está nem aí pra quem votou nele. Parecem todos iguais!”
Saúde	suposto descaso da administração municipal com a rede pública de saúde	“Quando aperta um pouquinho é sempre a gente que sofre: com os ônibus, com os médicos...”

Fonte: Diário de campo.

No pequeno intervalo de tempo em que mantive contato com Rachel de Queiroz, pude perceber subsídios para uma curiosa gama de pautas. O diálogo, estabelecido num dia incomum no transporte coletivo, percorreu assuntos de quatro editorias diferentes: *Cotidiano*, *Economia*, *Mobilidade* e *Saúde*. Além da paralisação dos trabalhadores rodoviários e o suposto descaso do poder público na mediação da greve junto à empresa concessionária (pauta que surge naturalmente diante do contexto), a conversa também trouxe preocupações da passageira em relação à economia nacional. Isso pode ser verificado no trecho em que Rachel demonstra

insatisfação com a entrada de produtos têxteis asiáticos e os impactos diretos na confecção em que trabalha. No entendimento da passageira, a concorrência desleal com as empresas locais resulta na queda vertiginosa da comercialização e, por consequência, demissões no setor.

Na espontaneidade de sua fala, Rachel de Queiroz também sinaliza para um assunto cotidiano que pode ser aprofundado pelo jornalismo: a dupla (ou tripla) jornada de trabalho feminina. Depois de cumprir o expediente no setor de vendas da confecção, a passageira se desloca para um rápido almoço em casa antes de iniciar o segundo turno de trabalho. Sem contar os afazeres domésticos antecipados à noite, situação relatada por Rachel. A jornada cansativa, conforme a passageira, se justifica na medida em que a crise econômica traz incertezas para a classe trabalhadora. “Hoje em dia a gente não pode ficar parada”, diz em alusão ao ritmo quase incessante.

Temos, por último, breve declaração que pode orientar a realização de uma quinta pauta, sobre a qualidade do sistema público de saúde. Além de mencionar a suposta omissão do governo municipal em negociar com os motoristas e cobradores de ônibus, Rachel de Queiroz recorda que situação semelhante ocorre com os médicos que atendem pelo SUS. Sem negociação entre prefeitura e sindicato médico, boa parte dos profissionais da saúde aderiram à paralisação da categoria. O resultado, nos postos de saúde, é o aumento das filas e demora no atendimento.

Todos esses assuntos desfilaram em poucos minutos de conversa. Pautas que brotam das ruas – ou, no caso, dos bancos de ônibus. Fragmentos de frase que o modelo enxuto e impessoal do *lide* pode deixar de lado, mas estão vivos na complexidade do cenário urbano. Depois de me despedir de Rachel, termino meu percurso em poucos minutos, na Estação Imigrante (EPI Imigrante, região Leste de Caxias do Sul). O relógio bate 14h10 e um tom escuro começa a tomar conta da cidade – sinal da chuva que não tardaria a chegar.

## 5.2 CAMPAINHA

Horário de pico no transporte coletivo. São 16h15 e o tempo segue abafado em Caxias do Sul, com nuvens cinzentas e pesadas tomando conta de toda região. No interior da *linha vermelha*, os passageiros fazem um esforço quase sobre-humano para se acomodar nos bancos e espaços vazios. Estudantes universitários,

idosos e crianças formam a maioria daquele ambiente, e carregam sacolas, mochilas e guarda-chuvas. Muitos guarda-chuvas! A previsão do tempo é enfática: um temporal se avizinha da Serra Gaúcha. Os equipamentos para se proteger das tormentas, aliás, são um personagem à parte: pequenos e discretos, grandes e coloridos, alguns utilizados como ‘bengala’ de apoio pelos passageiros que estão de pé. Eles refletem, à sua maneira, a diversidade do transporte coletivo.

Eu também estou de pé, de mochila nas costas, rumo à Estação Imigrante, para fazer conexão com a Universidade de Caxias do Sul. Me posiciono próximo à porta traseira, com o propósito de facilitar a saída. No meio do caminho, uma senhora de cabelos e tênis prateados vem na minha direção. Ela está vestida com um abrigo esportivo azul escuro e utiliza um óculos redondo de aros grossos e hastes douradas. A simplicidade e espontaneidade de sua fala me fizeram lembrar a contista goiana Cora Coralina. A despeito da aparência frágil, a autora de *Tesouro da Casa Velha* é perspicaz e alegre no diálogo.

CORA CORALINA: Você sabe se alguém já puxou a campainha? Eu não enxergo direito.

**RONALDO BUENO: Não, ainda não puxaram. A senhora vai descer na próxima parada?**

CORA CORALINA: Sim, eu desço na próxima. Você poderia puxar pra mim, meu filho?

**RONALDO BUENO: Sem problema.**

CORA CORALINA: Que bom. Obrigada! Assim eu não perco a parada. Esses dias eu apertei esse ‘botãozinho’ e o motorista passou reto. A cobradora disse que não tinha acendido a luz lá na frente, pro motorista. Já pensou? Esses ônibus não são feitos pras pessoas de idade, como eu. Tem muito barulho, muita confusão. Daí, quando aperto a campainha, não tenho como saber se o motorista enxergou.

**RONALDO BUENO: Pois é. O pior é que já aconteceu pra mim também. Esses ônibus grandes [veículos articulados], às vezes, têm problema nas campainhas aqui do fundo. Você aperta o botão, mas não aciona lá na frente. Se eu não tivesse visto na hora, teria perdido minha parada.**

CORA CORALINA: Tem que ficar com as antenas ligadas. A gente pega o ônibus justamente pra descer perto de onde precisa ir. Ainda mais na minha idade! Não dá pra ficar caminhando muito. Eu desço aqui na próxima porque fica bem pertinho da

academia que eu vou. Em cinco minutos eu ‘tô’ lá. A gente tem que se mexer um pouco, né?!

**RONALDO BUENO: Um exercício sempre faz bem.**

CORA CORALINA: E como faz! Eu, depois que me aposentei, comecei a sentir um monte de dores. No corpo, nas ‘juntas’... não sabia o que ‘tava’ acontecendo. Procurei até um médico no ‘postinho’ [Unidade Básica de Saúde] lá do bairro. Daí ele me disse “olha, dona Cora, a senhora precisa se exercitar”. Daí ‘tô’ aqui. Já faz três meses que faço academia. Mas eu pego leve, sabe, se não a velhinha não aguenta.

Quadro 2 - Levantamento de pautas em “Campainha”

Editoria	Pauta	Citação
Mobilidade	adaptação dos ônibus do transporte coletivo para a população idosa	“Esses ônibus não são feitos pras pessoas de idade, como eu. Tem muito barulho, muita confusão”
Saúde	prática de exercícios físicos na terceira idade	“Já faz três meses que faço academia. Mas eu pego leve, sabe, se não a velhinha não aguenta”

Fonte: Diário de campo.

O diálogo que tivemos em *Campainha* é o exemplo de que, no transporte coletivo, situações corriqueiras podem se desenrolar em matérias-primas da prática jornalística. O rápido encontro com Cora Coralina, por exemplo, resultou em subsídio para duas pautas, nas editoriais de *Mobilidade* e *Saúde*.

Em sua fala alegre e espontânea, a autora de *Estórias da Casa Velha da Ponte* demonstra preocupação com a adaptação dos ônibus para a população idosa. “Esses ônibus não são feitos pras pessoas de idade, como eu”, disse passageira. O que motiva uma declaração como essa? Será que os veículos do transporte coletivo possuem número suficiente de assentos destinados aos passageiros da terceira idade? Uma pessoa com dificuldade de locomoção consegue se movimentar com segurança no interior do ônibus? Os sinais luminosos e sonoros são adequados para orientar os passageiros quanto ao itinerário e pontos de desembarque?

São questionamentos que vão além da simples verificação das normas que regulamentam o transporte coletivo. Abre-se uma brecha para o jornalista indagar se as atuais regras são suficientes para atender a demanda da população idosa. Além disso, é claro, a latente necessidade de ouvir a opinião dos personagens que vivem essa realidade: os idosos que utilizam o transporte coletivo.

Adiante, a fala de Cora Coralina é recheada por um toque de esperança. A despeito das limitações físicas que a idade pode trazer, a passageira não deixa de praticar exercícios e utiliza o ônibus para se deslocar até a academia. “Mas eu pego leve, sabe, se não a velhinha não aguenta”, brinca com a situação. Nota-se, aqui, uma pauta na editoria de saúde, voltada à prática de atividades físicas na terceira idade. Quais são os exercícios indicados? Como encontrar o ponto de equilíbrio? O que mudou na vida de quem passou a praticar exercícios? São perguntas que embasam a realização desta segunda pauta.

### 5.3 LUVAS CORTADAS

Sexta-feira, 18h30. Depois de uma semana de calor atípico - afinal de contas, estamos no outono da Serra Gaúcha -, o tempo virou e começa a esfriar. Não sei ao certo qual a temperatura, pois me distraí encantado com uma criança que brincava na calçada enquanto o ônibus passava pelo termômetro da praça central. Pela minha vivência de Caxias do Sul, devia estar de 12 a 15 graus, o suficiente para colocar casacos mais pesados. O ônibus está lotado - na sua maioria, trabalhadores com sorriso incontrolado, devido ao início do fim de semana - e o excesso de roupas dificulta a mobilidade dentro do veículo.

Faltando menos de uma quadra para chegarmos à Estação Imigrante, eu fico de pé, próxima à porta traseira, a tempo de ouvir um curto diálogo entre duas mulheres. Elas estavam sentadas na última fileira de bancos, à direita. Serão chamadas, aqui, de Adélia Prado e Ana Maria Machado. A escolha está referendada em características que remetem às obras das autoras. Enquanto Adélia Prado demonstra, em sua fala, encanto pelo cotidiano e marcas de religiosidade, Ana Maria Machado também se aventura pelo mundo artístico. A passageira batizada com esse pseudônimo é pintora - não de telas, mas de equipamentos industriais.

**ADÉLIA PRADO: ‘Tu viu’ como esfriou lá fora? Chegou a embaçar os vidros [da janela] do ônibus.**

ANA MARIA MACHADO: Mas não ‘tá’ tudo isso, não. É que ‘tava’ quente ontem, daí parece que piorou muito. Mas não é tudo isso...

**ADÉLIA PRADO: Mas eu ‘tô’ com frio. Já tirei até as cobertas pra fora do guarda-roupa. Hoje vai estar bom pra dormir.**

ANA MARIA MACHADO: Nem me fala.

**ADÉLIA PRADO: Mas tu não ‘tá’ com frio só com essa ‘jaquetinha’?**

ANA MARIA MACHADO: Não! Eu não sou de sentir muito frio.

**ADÉLIA PRADO: Eu ‘tô’ quase congelando. Principalmente as mãos... pena que esqueci minhas luvas em casa.**

ANA MARIA MACHADO: Eu não uso luva. Só quando alguma luva do Jairo rasga. Daí eu corto a ponta dos dedos e uso pra ir e pra voltar do trabalho, porque na empresa eu não posso usar. Como eu trabalho na pintura, tenho que usar o material especial da empresa, pra proteção.

**ADÉLIA PRADO: Sim, sim.**

ANA MARIA MACHADO: Mas ‘tá’ bem difícil lá na empresa, guria. Não sei onde estão colocando os meus direitos...

**ADÉLIA PRADO: Como assim?**

ANA MARIA MACHADO: Ah! Você nem imagina... Eu tenho a carteira assinada como pintora, né, mas ando fazendo muito mais coisas do que deveria. E nem ‘tô’ recebendo pra isso.

**ADÉLIA PRADO: Mas eles enlouqueceram?**

ANA MARIA MACHADO: Enlouqueceram nada! É tudo pra gastar menos. Já demitiram não sei quantos lá do setor. Daí quem ficou tem que dar conta de tudo.

**ADÉLIA PRADO: Nossa Senhora! E vocês não falam nada?**

ANA MARIA MACHADO: Falar como? Pra quem? E ainda pra perder o emprego? Do jeito que a coisa ‘tá’, não dá pra se arriscar...

**ADÉLIA PRADO: E o pior é que a gente vai ter que se acostumar.**

ANA MARIA MACHADO: Pois é! Eu ‘tava’ vendo na TV que vai mudar tudo, os direitos, a aposentadoria. Vai ficar pior do que já é.

**ADÉLIA PRADO: É, mas ainda não tá definido. Eu, graças a Deus, recebo direitinho minhas horas extras. Tudo que eu trabalho, eu recebo.**

ANA MARIA MACHADO: Graças a Deus, não! É o mínimo que a empresa tem que fazer: cumprir a lei.

Quadro 3 - Levantamento de pautas em “Luvas cortadas”

Editoria	Pauta	Citação
Economia	sobrecarga de trabalho nas empresas	“Eu tenho a carteira assinada como pintora, né, mas ando fazendo muito mais coisas do que deveria. E nem ‘tô’ recebendo pra isso”
Economia	demissões na indústria	“É tudo pra gastar menos. Já demitiram não sei quantos lá do setor”
Economia	medo do desemprego diante da crise econômica	“E ainda pra perder o emprego? Do jeito que a coisa ‘tá’, não dá pra se arriscar...”
Economia	reformas trabalhista e previdenciária	“Eu ‘tava’ vendo na TV que vai mudar tudo, os direitos, a aposentadoria. Vai ficar pior do que já é”

Fonte: Diário de campo.

Em diálogo marcado por frases curtas e objetivas - talvez como resultado da noite fria de outono -, Ana Maria Machado e Adélia Prado fornecem subsídios que permitem pensar em quatro pautas. Um fato curioso da conversa é a constatação de que todos os assuntos são ligados a mesma editoria: *Economia*. As conversas de ônibus, geralmente rápidas e dinâmicas, costumam percorrer diversos campos de interesse. Em contrapartida, a recorrência de assuntos na área econômica reflete a preocupação das passageiras com a manutenção de seus empregos e da qualidade de vida.

Logo de início, Ana Maria Machado relata descontentamento com a sobrecarga de trabalho - situação que merece aprofundamento jornalístico. Será que as empresas estão respeitando os direitos trabalhistas? São comuns os casos em que funcionários executam mais tarefas do que o previsto em contrato? Os dois questionamentos revelam a necessidade de ir a campo, com o propósito de



conhecer as histórias de quem trabalha no setor produtivo. Vozes que raramente são encontradas no jornalismo diário, seja pela linha editorial dos veículos ou pela rotina industrial imposta aos repórteres.

Na sequência, dois assuntos surgem como desdobramento da primeira pauta: as demissões na indústria caxiense e o medo do desemprego diante da crise econômica. Com certo constrangimento, Ana Maria demonstra receio em reivindicar melhores condições de trabalho frente à incerteza que paira sobre o setor. Temos, aqui, uma variável que rende abordagem jornalística: a classe trabalhadora, que reconhece a urgência de lutar por seus direitos, esbarra no medo de represálias da classe patronal.

A preocupação das duas passageiras resulta na proposição de mais uma pauta: os impactos das reformas trabalhista e previdenciária. As duas medidas, propostas pelo governo de Michel Temer (PMDB), seguem conquistando apoio de deputados e senadores, a despeito da rejeição popular. O que muda com as reformas? Quais as implicações na vida de milhões de brasileiros? Quais os interesses que permeiam as duas propostas? São perguntas básicas, mas que podem fundamentar a produção de matérias abrangentes e comprometidas com os impactos sociais.

#### 5.4 UM JUVENTUDISTA DE BENTO

Rezam os contadores de história que a rivalidade entre Caxias do Sul e Bento Gonçalves remonta à primeira metade do século XX. À época, os recém-formados municípios da região disputavam os escassos recursos federais para obras de infraestrutura. O auge do desentendimento teria sido a suposta mudança de traçado da BR-116, após articulação de lideranças caxienses. Mais tarde, em 1950, veio o troco dos vizinhos. A Festa da Uva, que retornava após uma década de interrupção devido à Segunda Guerra, estendeu o concurso de escolha das soberanas para candidatas de toda região. A eleita para representar a festa, por curiosidade ou ironia do destino, foi a postulante de Bento Gonçalves.

Os traços de ironia na relação entre as duas cidades até parecem ter saltado da obra de João Ubaldo Ribeiro. Aliás, o escritor baiano foi o escolhido para emprestar seu nome ao protagonista deste diálogo: um senhor de cabelo ralo e grisalho, riso fácil e rosto arredondado. Por sinal, a narrativa solta e espontânea ao

longo da conversa lembram alguns dos traços marcantes do autor de *Sargento Getúlio* e *Viva o Povo Brasileiro*, que deu início à conversa de maneira divertida e peculiar.

JOÃO UBALDO RIBEIRO: Tem lugar pra um velho de Bento [Gonçalves, município vizinho de Caxias do Sul] nesse teu banco?

**RONALDO BUENO: Opa! Claro que tem. Fica à vontade!**

JOÃO UBALDO RIBEIRO: Sabe como é... Caxias e Bento estão sempre em pé de guerra.

**RONALDO BUENO: Nem sempre...**

JOÃO UBALDO RIBEIRO: Capaz! Depois que os caxienses ‘roubaram’ a BR, não podia dar em outra coisa.

**RONALDO BUENO: Ah, isso sim! Mas vamos deixar a rivalidade para os ‘caciques’.**

JOÃO UBALDO RIBEIRO: Os brancos que se entendam.

**RONALDO BUENO: Bem por aí...**

JOÃO UBALDO RIBEIRO: Mas, cá entre nós, eu nem posso voltar pra Bento. Lá, meus amigos me chamam de ‘traidor’. Só porque passei a torcer pro Juventude quando vim morar em Caxias.

**RONALDO BUENO: Olha só! Então não somos adversários. Também torço pro Juventude.**

JOÃO UBALDO RIBEIRO: Corajoso, hein!

**RONALDO BUENO: O senhor também!**

JOÃO UBALDO RIBEIRO: Mas eu fui mais, guri. Lá em Bento eu torcia pro Esportivo. Isso sim era coragem! Quanto menor o time, mais corajoso o torcedor.

**RONALDO BUENO: Torcia só pro Esportivo?**

JOÃO UBALDO RIBEIRO: Não, não. Esportivo e Grêmio. A gente também tem que ser um pouco feliz, não é?

**RONALDO BUENO: Pois é.**

JOÃO UBALDO RIBEIRO: Com o Grêmio eu equilibrava o sofrimento do “Tivo”. Mas torcia só pela TV. Os homens se aproveitam no preço do ingresso. Ainda mais pra mim, que precisava que descer pra Porto Alegre pra ver o jogo. Não dava, não.

**RONALDO BUENO: E no jogo do Esportivo? O senhor ia pro estádio?**

JOÃO UBALDO RIBEIRO: Às vezes, sim. Dependia muito o jogo. Mas no ‘radinho’ eu sempre escutava. Isso até eu vir pra Caxias, na verdade. Daí eu comecei a torcer pro Ju. Peguei a época boa, da Parmalat. Gauchão, Copa do Brasil [títulos de 1998 e 1999, respectivamente]... vi tudo isso no estádio.

**RONALDO BUENO: Que maravilha! E hoje? O senhor continua indo no jogo?**

JOÃO UBALDO RIBEIRO: Só quando é no fim de semana. E de dia. Hoje não dá pra dar ‘bobeira’ de noite. ‘Tá’ muito perigoso.

**RONALDO BUENO: ‘Tá’ perigoso mesmo. Esses dias me assaltaram ali perto do [Hospital] Pompéia. Ainda bem que levaram só o celular.**

JOÃO UBALDO RIBEIRO: Credo! Mas não te machucaram?

**RONALDO BUENO: Não, não. Foi mais o susto.**

JOÃO UBALDO RIBEIRO: Só imagino. Eu sempre digo pra minha filha: te cuida de noite. Ela acha que eu exagero, mas todo cuidado é pouco. Ainda mais ela, que é mulher. É tanta coisa que a gente lê no jornal, que se fosse levar tudo a sério não dava nem pra sair de casa.

**RONALDO BUENO: A gente não pode parar pelo medo.**

JOÃO UBALDO RIBEIRO: Não pode mesmo. Mas eu preciso descer. Tenho que passar no mercado antes de ir pra casa. Com o preço das coisas, ‘tô’ indo no mercado quase todo dia. É melhor pra conseguir o que está em promoção.

**RONALDO BUENO: É uma boa estratégia. Até mais!**

JOÃO UBALDO RIBEIRO: Até!

Quadro 4 - Levantamento de pautas em “Um juventudista de Bento”

(continua)

Editoria	Pauta	Citação
Esporte	a realidade adversa dos clubes de futebol do interior gaúcho	“Quanto menor o time, mais corajoso o torcedor”
Esporte	elitização do acesso a eventos esportivos	“[...] torcia só pela TV. Os homens se aproveitam no preço do ingresso”
Segurança	insegurança para caminhar na rua à noite	“Hoje não dá pra dar ‘bobeira’ de noite. ‘Tá’ muito perigoso”

(conclusão)

Editoria	Pauta	Citação
Segurança	situações de violência contra a mulher	“Eu sempre digo pra minha filha: te cuida de noite. Ela acha que eu exagero, mas todo cuidado é pouco. Ainda mais ela, que é mulher”
Imprensa	análise crítica da imprensa: relativização das notícias publicadas	“É tanta coisa que a gente lê no jornal, que se fosse levar tudo a sério não dava nem pra sair de casa”
Economia	novos hábitos de consumo no supermercado diante da crise econômica	“Com o preço das coisas, ‘tô’ indo no mercado quase todo dia. É melhor pra conseguir o que está em promoção”

Fonte: Diário de campo.

A irreverência de João Ubaldo Ribeiro rendeu subsídios para elaboração de seis pautas, em conversa que percorreu assuntos como *Esporte*, *Segurança* e *Economia*. Torcedor do Juventude, mas com antiga paixão pelo Esportivo de Bento Gonçalves, o passageiro faz uma reflexão sobre a realidade adversa dos clubes de futebol do interior gaúcho. “Quanto menor o time, mais corajoso o torcedor”, analisa, bem humorado. Mesmo com o abismo em relação aos badalados clubes de Porto Alegre e do centro do país, as equipes do interior sobrevivem e conseguem mobilizar torcedores nas arquibancadas. Como analisar esse fenômeno? Como descrever o sentimento de paixão pelo esporte?

Essas indagações podem ser respondidas com trabalho jornalístico de campo, no contato direto com torcedores - seja do Esportivo, Juventude, Caxias ou Brasil de Pelotas. Em contrapartida ao sentimento de paixão, João Ubaldo Ribeiro alerta para a elitização do acesso aos eventos esportivos. Ao mesmo tempo que o esporte mais popular do Brasil mobiliza multidões, é preciso estar atento ao encarecimento dos ingressos. A situação, observada há alguns anos, ganhou novos contornos com a construção das arenas em estilo europeu, no período de preparação à Copa do Mundo de 2014.

Na editoria de *Segurança*, o passageiro comenta dois assuntos que podem ser desdobrados como pauta: insegurança para caminhar na rua à noite e situações de violência urbana contra mulheres. Além de evitar saídas noturnas, com receio da criminalidade, João Ubaldo Ribeiro relata que a maior preocupação é com a filha. “Todo cuidado é pouco. Ainda mais ela, que é mulher”. A constatação abre caminho para uma investigação jornalística que aborde as raízes da violência de gênero e os casos de feminicídio. A análise crítica da imprensa também ganha espaço no diálogo. Ribeiro, por exemplo, relativiza as notícias publicadas pelos veículos tradicionais. Observa-se que o passageiro não chega a contrapor as informações publicadas, mas questiona a recorrência das narrativas de violência e seus impactos na população.

Para finalizar, uma breve declaração do passageiro alerta para uma pauta de *Economia*: os novos hábitos de consumo no supermercado, diante da crise. Isso pode ser verificado no momento em que Ribeiro revela visitar diariamente o mercado, com objetivo de conferir as promoções. A estratégia, segundo o passageiro, garante uma cesta básica mais barata ao final do mês. Ficam como perguntas: esse comportamento é caso isolado ou generalizado na população? A estratégia resulta, de fato, em economia no orçamento familiar? Indo além: por que o padrão salarial da classe trabalhadora está obrigando a criação de novos hábitos no supermercado?

## 5.5 O ENGENHEIRO CATARINENSE

‘Cartão zerado’. A mensagem que aparece no visor eletrônico da catraca mostra que eu calculei errado quantas viagens ainda poderia fazer antes de recarregar o cartão estudantil. Desde a implantação do Sistema Integrado de Mobilidade, em abril de 2016, o painel do ônibus - localizado na entrada, junto ao cobrador - não mostra mais quantas passagens ainda restam, mas sim a quantia em dinheiro. A mudança dificultou o cálculo rápido para muitos passageiros - inclusive para mim. Busco algumas moedas na carteira e pago a passagem: R\$ 3,40.

No corredor do veículo, encontro assento vago ao lado de um rapaz que aparenta ter minha idade. Ele está de mochila no colo e observa o movimento da rua, pela janela. Um olhar fixo e atento, típico de quem está se ambientando a um local até então desconhecido. Engenheiro de profissão, chamarei aqui de Euclides

da Cunha. Bastou alguns instantes ao seu lado, para que se virasse em minha direção e iniciasse a conversa.

**EUCLIDES DA CUNHA:** A gente 'tá' no centro, né?

**RONALDO BUENO:** Sim. Aqui é o centro.

**EUCLIDES DA CUNHA:** Que bom! Pensei que eu tivesse me perdido...

**RONALDO BUENO:** Você não é de Caxias?

**EUCLIDES DA CUNHA:** Não, sou de Lages [Santa Catarina]. Cheguei em Caxias na semana retrasada e ainda 'tô' meio perdido.

**RONALDO BUENO:** Que bacana! E o que você está achando daqui?

**EUCLIDES DA CUNHA:** Olha... ainda 'tá' um pouquinho estranho. Sabe como é, né?! Sair da cidade da gente é um pouco difícil no começo.

**RONALDO BUENO:** Pois é... deve ser estranho no início, até se acostumar.

**EUCLIDES DA CUNHA:** Sim! Muito.

**RONALDO BUENO:** E as pessoas estão te recebendo bem por aqui?

**EUCLIDES DA CUNHA:** Olha... [pequena risada] Acho que a cidade é um pouco fria, né?

**RONALDO BUENO:** [risada, em resposta] Não sei... você que está dizendo!

**EUCLIDES DA CUNHA:** Pelo menos por enquanto. Mas é que Lages é uma cidade menor, então acho que as pessoas acabam sendo mais próximas. Talvez seja só impressão minha.

**RONALDO BUENO:** Talvez...

**EUCLIDES DA CUNHA:** Pra se ter uma ideia, você é a primeira pessoa que fala comigo no ônibus.

**RONALDO BUENO:** Olha só! Que bom saber. E como são os ônibus lá de Lages?

**EUCLIDES DA CUNHA:** Lá é pior, eu acho. O ponto positivo é que não é tão lotado como aqui, acho que porque tem menos gente, mesmo. O problema é que os ônibus são piores. São mais velhos do que esse que a gente 'tá' agora. E o preço não compensa...

**RONALDO BUENO:** Ah é? Quanto custa lá?

**EUCLIDES DA CUNHA:** Parece que 'tava' R\$ 3,30.

**RONALDO BUENO:** Nossa! É um pouco caro, mesmo. Aqui custa R\$ 3,40, mas a Visate [empresa concessionária do transporte coletivo em Caxias do Sul] está pedindo reajuste da tarifa.

EUCLIDES DA CUNHA: Poxa!

**RONALDO BUENO:** E você veio pra estudar?

EUCLIDES DA CUNHA: Não. Quer dizer... ainda não. Eu vim porque recebi uma proposta de emprego, mas ainda não sei se vou ficar. Tem um período de experiência... daí, se eu ficar, quero ver se consigo fazer algum curso de especialização na minha área. O salário é bom.

**RONALDO BUENO:** Que bom! E qual é a tua área?

EUCLIDES DA CUNHA: Engenharia. Sou formado em engenharia de materiais.

**RONALDO BUENO:** Aqui em Caxias tem bastante opção nessa área.

EUCLIDES DA CUNHA: Sim, verdade! Um pessoal lá de Santa Catarina me indicou pra tentar alguma coisa por aqui. Daí enviei uns currículos pra cá, demorou alguns meses, mas acabaram me chamando.

Quadro 5 - Levantamento de pautas em “O engenheiro catarinense”

(continua)

Editoria	Pauta	Citação
Cotidiano	receptividade dos caxienses com os novos moradores	“Acho que a cidade é um pouco fria, né? [...] Pelo menos por enquanto”
Cotidiano	as diferenças na convivência entre cidades de pequeno, médio e grande porte	“Mas é que Lages é uma cidade menor, então acho que as pessoas acabam sendo mais próximas”
Mobilidade	qualidade do transporte coletivo de Caxias do Sul, na comparação com o mesmo serviço em outras cidades	“O ponto positivo é que não é tão lotado como aqui, acho que porque tem menos gente, mesmo. O problema é que os ônibus são piores. São mais velhos do que esse que a gente ‘tá’ agora. E o preço não compensa...”

(conclusão)

Editoria	Pauta	Citação
Economia	oportunidades de emprego na área da engenharia, na região de Caxias	“Eu vim porque recebi uma proposta de emprego [...] Sou formado em engenharia de materiais. [...] Um pessoal lá de Santa Catarina me indicou pra tentar alguma coisa por aqui”

Fonte: Diário de campo.

Se o Euclides da Cunha escritor conseguia descrever com precisão a aridez dos *Sertões*, o Euclides da Cunha passageiro consegue relatar com semelhante fidelidade o movimento de deixar a terra natal em busca de oportunidades. O fio condutor deste diálogo oferece subsídio para elaboração de quatro pautas, nas editorias de *Cotidiano*, *Mobilidade* e *Economia*.

A primeira delas, que surge naturalmente diante do contexto da conversa, é a receptividade dos caxienses em relação aos novos moradores, que buscam na cidade melhores condições de vida. A percepção inicial do passageiro, “que a cidade é um pouco fria”, é indicativo de que o assunto merece um aprofundamento. O que pensam outras pessoas que vieram morar em Caxias do Sul? Como é o tempo de adaptação na cidade? Essa proposta de pauta também deve levar em consideração a percepção dos caxienses em relação ao tema. Os nativos reconhecem o ambiente da região como ‘frio’ ou pouco acolhedor? O que pode melhorar quando o assunto é receptividade?

Seguindo a linha da primeira pauta, surge a proposta de abordar as diferenças entre o cotidiano de pequenas e grandes cidades. Da mesma forma que relata frieza na receptividade, o passageiro relativiza a situação. Euclides da Cunha levanta a hipótese de o tratamento impessoal ser característico de grandes centros urbanos. Quanto maior a população, menor a receptividade. Pequenas cidades, contato facilitado entre os habitantes. As duas inferências de Euclides da Cunha são passíveis de verificação, do ponto de vista jornalístico.

O diálogo com o engenheiro catarinense também aborda a questão da mobilidade urbana. O passageiro, que mora há poucos dias em Caxias do Sul,



inevitavelmente traça um comparativo entre o transporte coletivo da cidade com o serviço de sua terra natal, Lages/SC. Nota-se, aqui, uma característica importante na proposição dessa pauta. Falar da qualidade do transporte coletivo é algo quase natural - até mesmo simbiótico - quando se está dentro de um ônibus. É comum ouvir passageiros comentando sobre eventuais atrasos, qualidade dos veículos, horários de linhas, etc. O diferencial, nesse caso, é a comparação com o serviço de outras cidades. Será que a passagem paga em Caxias é justa, em relação ao preço de outros centros urbanos? E a qualidade dos veículos? Seja Lages, Porto Alegre ou Rio de Janeiro, comparações são sempre bem-vindas no jornalismo, ampliando o espectro de análise.

Por fim, Euclides da Cunha fala do que motivou sua vinda para Caxias do Sul: a busca de emprego na área de engenharia. No entanto, o município - que é considerado o segundo polo metalmeccânico do Brasil - sofreu duro impacto com a crise econômica nacional. Com mais de 20 mil demissões na indústria nos últimos três anos, será que a região continua sendo sinônimo de emprego no setor de engenharia? É um questionamento que convida para a elaboração de matérias. Além de dados e estatísticas, fica o desafio para que o jornalismo ilustre essas realidades a partir do enfoque humano.

## 5.6 SEM MEDO DE SER FELIZ

O semáforo em vermelho piscante sinaliza que o fluxo de veículos será liberado em poucos segundos. As quatro pistas da Rua Sinimbu estão repletas de motores que roncam no aguardo pelo 'estouro da boiada' de lata. Os canos de escapamento expõem dióxido de carbono - uma fumaça acinzentada, que logo se mistura à atmosfera urbana. Poucos metros adiante, a singeleza de uma menina correndo atrás de um grupo de pombos contrasta com o cenário quase hostil da principal artéria de asfalto de Caxias do Sul.

De sorriso estampado e passos saltitantes, a brincadeira da criança atrai minha atenção enquanto o motorista do ônibus espera pelo embarque e desembarque dos passageiros. Estou sentado na última fileira, colado à janela da esquerda. O céu está nublado, mas a temperatura não é baixa. Contrariando os prognósticos, o termômetro marca 19°C, quando não deveria passar dos 14°C, segundo a previsão do tempo. Enquanto isso, um homem de cavanhaque grisalho

se aproxima e pede licença para sentar. Ele usa camisa de flanela xadrez, nas cores vermelho, preto, branco e cinza. A irreverência de sua fala, que transita em diversos temas do cotidiano, me faz recordar a fina ironia do mestre Machado de Assis.

MACHADO DE ASSIS: Com licença, meu amigo. Vou me 'aprochegando' por aqui.

**RONALDO BUENO: Pode se 'aprochegar'!**

MACHADO DE ASSIS: Nesse frio é complicado ficar à vontade. A gente fica tudo apertado. Fica difícil até de se mexer.

**RONALDO BUENO: É verdade. Mas pelo menos não tá chovendo, porque o frio já é difícil, mas frio úmido, como no fim de semana, daí complica.**

MACHADO DE ASSIS: Isso é verdade. Quando tá chovendo a gente tem que andar de guarda-chuva pra lá e pra cá. Fica difícil demais. No ônibus, então, sem se fala. É horrível.

**RONALDO BUENO: Já passei vários apuros de guarda-chuva no ônibus.**

MACHADO DE ASSIS: Eu tenho um carro, sabe, mas deixo ele em casa. Prefiro andar de ônibus. Vale mais a pena.

**RONALDO BUENO: Bacana a iniciativa! Realmente vale a pena. O ônibus acaba sendo rápido, polui menos...**

MACHADO DE ASSIS: *Versailles*, 93... esse é meu carro! Todo mundo se surpreende como eu consigo deixar ele bem cuidadinho. Eu uso mais no fim de semana, ou pra viajar. Não tem porque usar no dia de semana. É como 'tu disse', o ônibus é rápido, passa toda hora. Além de ser mais barato. O preço da passagem sai mais em conta do que a gasolina.

**RONALDO BUENO: Que cor é seu carro?**

MACHADO DE ASSIS: Vermelho! Na verdade, um vermelho forte, quase puxando pro bordô. Mas no documento 'tá' lá escrito que é vermelho. Muito cuidadinho! Você precisa ver. Ano 93. Viajo sempre com ele e nunca me deixa na mão. Atravesso o estado com o 'bichinho', vou lá pra Livramento [Santana do Livramento, na fronteira Sul].

**RONALDO BUENO: Que ótimo! O senhor é de Livramento?**

MACHADO DE ASSIS: Sim! Sou de Livramento. Precisa ver quanta gente de Livramento tem aqui em Caxias. Livramento, Alegrete, Dom Pedrito. Toda aquela região, sabe. O pessoal veio pra cá em busca de alternativa.

**RONALDO BUENO: O meu avô é de Alegrete. Veio pra cá e também acabou ficando. E quanto tempo demora pra ir de carro até lá?**

MACHADO DE ASSIS: Olha, eu levo umas sete horas, sete horas e meia. Uma vez eu cheguei a fazer em cinco horas e meia. O problema é que agora tem que cuidar a fiscalização. Os caras pegam mesmo! Uma vez eu andava a 140, 150 km/h. Lá naquelas retas que têm na fronteira. Estrada reta que só se vê o horizonte. Dava pra colocar velocidade sem perigo. Mas agora a fiscalização 'tá' forte demais, homem de Deus. Tem que ficar dentro do permitido.

**RONALDO BUENO: Verdade. Não dá pra se arriscar muito com velocidade. E há quanto tempo você está em Caxias?**

MACHADO DE ASSIS: Mais de vinte anos. A cidade estendeu a mão e eu nunca mais quis ir embora. Trabalhei aqui e consegui me aposentar. Tudo em Caxias.

**RONALDO BUENO: Se apaixonou pela cidade?**

MACHADO DE ASSIS: Oh! Lugar bom esse aqui. Eu só não fiz dinheiro porque não tenho estudo. Só fiz até os primeiros anos do primário. Mas nunca faltou emprego. Saía de um, já conseguia outro, até melhor. Mas agora 'tá' complicado. Não tem muita oportunidade.

**RONALDO BUENO: Está complicado mesmo...**

MACHADO DE ASSIS: E, além de complicado, tem que lutar pra conseguir viver com esse governo.

**RONALDO BUENO: A coisa 'tá' difícil mesmo.**

MACHADO DE ASSIS: A única coisa boa que esse presidente [Michel Temer, PMDB] fez foi liberar o FGTS [saldo das contas inativas do Fundo de Garantia]. Daí o pessoal pode tirar um dinheirinho pra aproveitar, pagar alguma conta. Mas também foi só isso. O resto 'tá' de mal a pior. Escândalo atrás de escândalo. Querem tirar a aposentadoria, tirar os direitos...

**RONALDO BUENO: Só retrocesso.**

MACHADO DE ASSIS: Mas eu vi que saiu uma pesquisa esses dias. O Lula, se for candidato, tem 30% dos votos [intenções de voto, segundo pesquisa Datafolha<sup>13</sup>]. Já esse presidente aí [Michel Temer] não chega a 5%.

---

<sup>13</sup> Pesquisa do Instituto Datafolha, divulgada em 2 de maio de 2017. O levantamento mostra o ex-presidente Lula (PT) com 30% das intenções de voto para o pleito presidencial de 2018, seguido por Jair Bolsonaro (PSC), com 15%, Marina Silva (REDE), 14%, Aécio Neves (PSDB), com 8% e Ciro Gomes (PDT), com 5%. O presidente Michel Temer (PMDB) aparece com 2% das intenções de voto.

**RONALDO BUENO: A rejeição é muito grande mesmo.**

MACHADO DE ASSIS: E com toda razão. Eu não votaria nele de jeito nenhum. Te digo com toda certeza: se o Lula for candidato, eu voto nele. Foi o cara que mais fez pelo trabalhador. Mas agora tem que torcer pra ele conseguir ser candidato. Querem prender o homem de qualquer jeito. E não acham prova! Investigam, investigam e nada.

Quadro 6 - Levantamento de pautas em “Sem medo de ser feliz”

(continua)

Editoria	Pauta	Citação
Mobilidade	as vantagens do transporte coletivo frente ao transporte individual	“É como ‘tu disse’, o ônibus é rápido, passa toda hora. Além de ser mais barato. O preço da passagem sai mais em conta do que a gasolina”
Cotidiano	pessoas que deixam e terra natal em busca de oportunidades em Caxias do Sul	“Precisa ver quanta gente de Livramento tem aqui em Caxias. Livramento, Alegrete, Dom Pedrito. Toda aquela região, sabe”
Mobilidade	aperto da fiscalização de trânsito nas estradas gaúchas	“Dava pra colocar velocidade sem perigo. Mas agora a fiscalização ‘tá’ forte demais, homem de Deus. Tem que ficar dentro do permitido”
Cotidiano	a relação dos novos moradores com Caxias do Sul	“A cidade estendeu a mão e eu nunca mais quis ir embora. Trabalhei aqui e consegui me aposentar. Tudo em Caxias”
Economia	efeitos da crise econômica na geração de empregos	“Mas agora ‘tá’ complicado. Não tem muita oportunidade”

(conclusão)

Editoria	Pauta	Citação
Política	avaliação do governo Temer (PMDB)	“A única coisa boa que esse presidente fez foi liberar o FGTS. [...] Mas também foi só isso. O resto ‘tá’ de mal a pior”
Política	eleições 2018	“Te digo com toda certeza: se o Lula for candidato, eu voto nele. Foi o cara que mais fez pelo trabalhador”
Política	seletividade da Operação Lava-Jato	“Querem prender o homem de qualquer jeito. E não acham prova! Investigam, investigam e nada”

Fonte: Diário de campo.

A inconfundível irreverência narrativa de Machado de Assis proporciona subsídios para oito pautas. Os assuntos percorrem editorias como *Mobilidade*, *Cotidiano*, *Economia* e *Política*. Logo no início, mesmo adotando certo saudosismo em relação a seu *Versailles 93*, o passageiro enumera as vantagens de usar o transporte coletivo, em detrimento do transporte individual. Conforme Machado de Assis, “o preço da passagem sai mais em conta do que a gasolina”.

Estamos diante de uma postura que pode ser desdobrada pelo jornalismo. É comum as pessoas deixarem o carro na garagem para utilizar o ônibus? Em caso afirmativo, outro questionamento: essa opção é por consciência ambiental, economia no orçamento familiar ou as duas variáveis? Ainda na editoria de *Mobilidade*, Machado de Assis fala sobre o aumento da fiscalização de trânsito nas estradas gaúchas - situação que também pode ser ampliada com motoristas e policiais rodoviários.

Na editoria de *Cotidiano*, por sua vez, a conversa traz subsídios que permitem pensar em duas pautas: as pessoas que deixam sua terra natal em busca de oportunidades na Serra Gaúcha e a relação desses novos moradores com as cidades escolhidas. Ao contrário de outros passageiros ouvidos nesta pesquisa, Machado de Assis elogia a receptividade de Caxias do Sul. “A cidade estendeu a

mão e eu nunca mais quis ir embora”. Temos aqui um exemplo de como a realidade social é subjetiva e complexa. A mesma cidade que proporcionou recepção ‘fria’ a diversas pessoas, recebeu calorosamente o autor de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

O sonho de oportunidades e vida nova ganha contraponto logo na sequência. Com preocupação, o passageiro discorre sobre os efeitos da crise econômica na geração de empregos. Machado de Assis afirma que “agora ‘tá’ complicado” e lamenta por aqueles que sofrem diretamente os impactos. A pauta, aqui listada em *Economia*, serve como gancho para três assuntos no campo político. O primeiro deles é a impopularidade do governo Temer. “A única coisa boa que esse presidente fez foi liberar o FGTS”, avalia o passageiro, que ainda enumera os motivos para reprovar a atuação do peemedebista no Planalto.

Por último, com discernimento e bom humor, Machado de Assis comenta a corrida presidencial de 2018 e critica a suposta seletividade da Operação Lava-Jato. A força-tarefa, que completou três anos em 2017, segue dividindo opiniões. Para o passageiro, a Justiça não deveria gerar múltiplas interpretações, como *Dom Casmurro*. No entendimento de Machado de Assis, existe perseguição política contra o ex-presidente Lula. “Querem prender o homem de qualquer jeito. E não acham prova!”. A declaração ilustra o momento conturbado na política nacional e a descrença de grande parte da população no sistema político representativo e nas decisões de magistrados. Um prato cheio para o jornalismo de profundidade.

## 5.7 CORPO MEU

Andar de ônibus é um exercício quase antropológico. Além de conversar, o ato de observar também rende narrativas vibrantes. Foi o que aconteceu naquele fim de tarde cinzento de terça-feira. O mês de maio já se arrastava pelo calendário, querendo ir embora, assim como o calor fora de época. No interior da linha vermelha, alguns olhares cansados ilustravam o tom daquele dia. Ao meu lado, um rapaz de moletom cinza não estava aberto ao diálogo: logo que sentou, colocou fones de ouvido e ficou imerso numa música de batida eletrônica.

O ônibus se deslocava quase que silenciosamente pela região central de Caxias. Com exceção de algumas conversas, apenas o ronco do motor se destacava. Atrás de mim, um diálogo sussurrado me chamou atenção. O fio

condutor: empoderamento feminino. Batizei as duas vozes de Hilda Hilst, com temperamento nitidamente firme, e Lygia Fagundes Telles, com fala de natureza igualmente engajada. Durante o pequeno diálogo, acabei não olhando para trás, com receio de interromper o fluxo da narrativa. Dessa forma, somente as vozes permanecem na memória, além do conteúdo da conversa.

**HILDA HILST: ‘Tu precisava’ ver o jeito que elas me olharam. Parece que eu ‘tava’ roubando tudo dentro da loja.**

LYGIA FAGUNDES TELLES: Que absurdo!

**HILDA HILST: Mas elas que me esqueçam! Nunca mais coloco os pés lá dentro. Me deu tanta raiva que saí chorando.**

LYGIA FAGUNDES TELLES: Eu só imagino.

**HILDA HILST: O meu dinheiro elas não vão ter. Fui comprar na loja ao lado, só pr desaforo. Ora essa! Eu visto o que quiser, guria. Me dá uma raiva! Não dá pra sair com uma roupa mais curta que já chamam a gente de ‘puta’. Ou de ladra.**

LYGIA FAGUNDES TELLES: Pior que chamam mesmo. Mas isso ‘tá’ errado.

**HILDA HILST: Muito errado. No meu corpo mando eu.**

LYGIA FAGUNDES TELLES: Você ‘tá’ certa. Eu me separei por causa disso.

**HILDA HILST: Bem que ‘tu fez’!**

LYGIA FAGUNDES TELLES: Ele queria mandar em tudo. No que eu ia vestir, no meu corte de cabelo... Isso quando não ficava me incomodando pra saber com quem eu ‘tava’ saindo. Paranoia dele, sabe! Teve um dia que ele bebeu demais e quis levantar a mão pra mim. Foi a gota d’água. Pensei comigo mesma: já chega!

**HILDA HILST: Isso aí.**

LYGIA FAGUNDES TELLES: Eu trabalho, eu me sustento. Não dependo de marido pra nada.

#### Quadro 7 - Levantamento de pautas em “Corpo meu”

(continua)

Editoria	Pauta	Citação
Economia	qualidade do atendimento no comércio caxiense	“‘Tu precisava’ ver o jeito que elas me olharam”

(conclusão)

Editoria	Pauta	Citação
Direitos Humanos	empoderamento feminino, autodeterminação da mulher sobre o próprio corpo	“Não dá pra sair com uma roupa mais curta que já chamam a gente de ‘puta’. Ou de ladra. [...] No meu corpo mando eu”
Direitos Humanos	situações de violência doméstica	“Teve um dia que ele bebeu demais e quis levantar a mão pra mim. Foi a gota d’água. Pensei comigo mesma: já chega!”
Economia	independência financeira da mulher contemporânea	“Eu trabalho, eu me sustento. Não dependo de marido pra nada”

Fonte: Diário de campo.

O temperamento firme e a fala engajada das passageiras proporcionaram subsídio para elaboração de quatro pautas, nas editorias de *Economia* e *Direitos Humanos*. Neste episódio, é possível perceber que o pesquisador não participa - ao menos, ativamente - do diálogo. A discussão sobre essa característica, bem como suas implicações, será ampliada no capítulo seguinte.

No que concerne ao levantamento de pautas, podemos afirmar que o fio condutor de *Corpo Meu* é o empoderamento feminino. O assunto, aqui listado na editoria *Direitos Humanos*, pode ser desdobrado em duas abordagens jornalísticas. Primeiro, a autodeterminação da mulher sobre o próprio corpo. “Não dá pra sair com uma roupa mais curta que já chamam a gente de ‘puta’”, declara Hilda Hilst. “No meu corpo mando eu”, sentencia, logo adiante, em tom convicto. É uma sinalização importante para um aprofundamento jornalístico que aborde a luta feminina pela igualdade de gênero.

Em contrapartida, também é papel do jornalismo verificar e trazer à tona situações de violência doméstica. É o que sugerimos como segunda pauta. “Teve um dia que ele bebeu demais e quis levantar a mão pra mim”, recorda Lygia Fagundes Telles. Nesse assunto, cabe lembrar que é importante tipificar os diversos casos de violência. Ou seja, não apenas agressões físicas, mas também casos de agressão psicológica e, até mesmo, financeira.



Esse último tipo de violência, aliás, abre caminho para pensarmos numa pauta de *Economia*: a busca de independência financeira das mulheres contemporâneas. A declaração “não dependo de marido pra nada” revela uma realidade que, embora não seja recente, pede abordagens humanas e aprofundadas. Fica o desafio para o jornalista ir além dos números e estatísticas e buscar histórias que ilustrem os dados na realidade social, além dos impactos políticos e econômicos.

Por fim, embora não menos importante, é preciso destacar uma pauta que surge nos momentos iniciais do diálogo: qualidade do atendimento no comércio caxiense. Hilda Hilst relata, em tom de indignação, o tratamento recebido em uma loja, devido às roupas que utilizava. Será que situações como essa são casos isolados ou acontecem frequentemente em Caxias do Sul? Como é o treinamento dado aos vendedores? E mais: será que as condições de trabalho dos comerciários não está na raiz do suposto atendimento impessoal e, em determinados casos, até hostil? São apenas alguns questionamentos que surgem de uma breve declaração, cabendo ao jornalista esmiuçá-los na elaboração da matéria.

## 5.8 SONHOS DE ALÉM-MAR

O tom alaranjado do céu em final de tarde começa a contornar prédios, casas e monumentos. Na Estação Imigrante, entre ônibus e passageiros, uma imagem se destaca, logo ao lado. A estátua de bronze do casal de imigrantes mirando o horizonte, com uma criança no colo, simboliza a luta dos que deixaram sua terra natal em busca dos sonhos de além-mar. Inaugurado em 1953, pelo então presidente Getúlio Vargas, o Monumento Nacional ao Imigrante segue atual. Quase um século e meio depois dos italianos que povoaram a região, é a vez de senegaleses buscarem a chance de recomeçar na Serra Gaúcha.

Enquanto anoitece, entro no *ônibus vermelho*, parado na Estação. Na fileira da esquerda, percebo um banco vago ao lado de um imigrante senegalês. A noite que se avizinha é fria. Ele está trajado com um grosso casaco preto, de couro, além de um gorro listrado em vermelho, verde e cinza. Tomarei a liberdade de chamar o passageiro de Osmane Sembène, renomado escritor do país africano, sempre atento às questões sociais de seu povo. Sembène fala português, mas com forte sotaque de quem está morando há pouco tempo no Brasil.

**RONALDO BUENO: Noite fria!**

OUSMANE SEMBÈNE: Como?

**RONALDO BUENO: A noite... está fria.**

OUSMANE SEMBÈNE: Ah, sim! Muito frio nessa época do ano.

**RONALDO BUENO: Você pega sempre esse ônibus?**

OUSMANE SEMBÈNE: Quase sempre. Na verdade, eu pego um pouco mais tarde, mas hoje resolvi sair mais cedo, por causa do frio.

**RONALDO BUENO: Fez bem, 'tá' bem gelado. Você está indo pra casa?**

OUSMANE SEMBÈNE: Não. 'Tô' indo pro trabalho. Eu sou segurança de um prédio no centro.

**RONALDO BUENO: Então você trabalha de madrugada?**

OUSMANE SEMBÈNE: Sim. Eu começo às 22h30 e vou até o início da manhã.

**RONALDO BUENO: Teve uma época que eu também trabalhei de madrugada.**

**Você não fica com sono?**

OUSMANE SEMBÈNE: Eu fico com um pouco de sono, sim. Mas daí eu tomo café pra ajudar.

**RONALDO BUENO: E o que você faz no trabalho?**

OUSMANE SEMBÈNE: Eu tenho que ficar atento a tudo que acontece. Olhar pras câmeras, atender à porta. E também controlar as visitas estranhas.

**RONALDO BUENO: Ah, sim. Você trabalha há bastante tempo com isso?**

OUSMANE SEMBÈNE: Não. Comecei esse ano, em fevereiro. Antes eu trabalhava num mercado, mas me mandaram embora por causa da crise.

**RONALDO BUENO: Que coisa! E você está há quanto tempo no Brasil?**

OUSMANE SEMBÈNE: Eu cheguei em 2012. Vim do Senegal com um grupo de conhecidos. A gente entrou no Brasil pelo Acre e depois fomos pra Salvador, onde eu fiquei morando alguns meses, até me mudar pro Rio de Janeiro.

**RONALDO BUENO: Não se adaptou ao Rio?**

OUSMANE SEMBÈNE: Rio de Janeiro tinha pouco emprego pra mim. Então vi que não era negócio ficar. O pessoal da igreja, que estava nos ajudando lá, indicou Caxias. Disseram que tinha bastante trabalho.

**RONALDO BUENO: Isso faz tempo?**

OUSMANE SEMBÈNE: Faz três anos que moro em Caxias.

**RONALDO BUENO: E você está gostando?**

OUSMANE SEMBÈNE: Salvador e Rio de Janeiro eram mais quentes. Então aqui eu tô precisando me adaptar mais ao frio, né. No primeiro ano que morei aqui achei um pouco estranho, mas agora já estou acostumado.

**RONALDO BUENO: O inverno daqui castiga... E onde você trabalhou antes do mercado?**

OUSMANE SEMBÈNE: Eu trabalhei um tempo na rua. Logo que eu cheguei aqui, tentei arrumar alguma coisa no comércio. Eu tenho especialização nessa área, mas acabei não conseguindo nada. É difícil arrumar trabalho quando se é estrangeiro.

**RONALDO BUENO: Que coisa.**

OUSMANE SEMBÈNE: Sim. Você fala três línguas, tem especialização em comércio, mas daí, por ser do Senegal, não consegue trabalho. Então precisei me virar. Fiquei um tempo na rua, vendendo roupa, relógio, pulseira.

**RONALDO BUENO: É muito difícil trabalhar na rua?**

OUSMANE SEMBÈNE: Só pelo tempo. Quando chove complica. Ou quando faz muito calor. Mas as pessoas são legais. Conversam bastante com a gente.

**RONALDO BUENO: Que bom.**

OUSMANE SEMBÈNE: Ah! Também era ruim quando apareciam os policiais. Precisei sair correndo algumas vezes.

**RONALDO BUENO: E você já sentiu algum tipo de preconceito aqui em Caxias?**

OUSMANE SEMBÈNE: Preconceito? Nunca me falaram nada. A única vez que me senti mal foi quando tentei alugar um apartamento. O dono não quis me dar as chaves pra olhar o lugar. Se fosse com algum imigrante da Europa seria diferente...

Quadro 8 - Levantamento de pautas em “Sonhos de além-mar”

(continua)

Editoria	Pauta	Citação
Economia	a rotina dos trabalhadores noturnos	“Eu fico com um pouco de sono, sim. Mas daí eu tomo café pra ajudar”
Direitos Humanos	a chegada de imigrantes senegaleses ao Brasil	“Eu cheguei em 2012. Vim do Senegal com um grupo de conhecidos. A gente entrou no Brasil pelo Acre [...]”

(conclusão)

Editoria	Pauta	Citação
Direitos Humanos	adaptação dos novos imigrantes em Caxias do Sul	“Salvador e Rio de Janeiro eram mais quentes. Então aqui eu tô precisando me adaptar mais ao frio, né. No primeiro ano que morei aqui achei um pouco estranho, mas agora já estou acostumado”
Direitos Humanos	a dificuldade enfrentada por imigrantes senegaleses em encontrar emprego na região	“Logo que eu cheguei aqui, tentei arrumar alguma coisa no comércio. Eu tenho especialização nessa área, mas acabei não conseguindo nada. É difícil arrumar trabalho quando se é estrangeiro”
Economia	a realidade do trabalho informal nas ruas de Caxias do Sul	“Quando chove complica. Ou quando faz muito calor. Mas as pessoas são legais. Conversam bastante com a gente [...] Também era ruim quando apareciam os policiais. Precisei sair correndo algumas vezes”
Direitos Humanos	situações de preconceito vividas por imigrantes senegaleses	“A única vez que me senti mal foi quando tentei alugar um apartamento. O dono não quis me dar as chaves pra olhar o lugar. Se fosse com algum imigrante da Europa seria diferente...”

Fonte: Diário de campo.

O contato com Osmane Sembène foi uma das experiências mais significativas no trabalho de campo desta pesquisa. O olhar esperançoso de quem deixou seu país de origem em busca de sonhos no Brasil contrasta com situações adversas, relatadas ao longo do diálogo. Os poucos minutos de conversa

forneeceram subsídios para proposição de seis pautas, nas editorias de *Economia* e *Direitos Humanos*.

Começando pelo campo econômico, temos dois assuntos que são complementares: a rotina dos trabalhadores noturnos e a realidade do trabalho informal nas ruas de Caxias do Sul. A partir de experiência pessoal, Sembène recorda do tempo em que atuou como vendedor ambulante, desde o prazeroso contato com as pessoas até os momentos de constrangimento com a fiscalização da prefeitura. Mesmo rápida, a narrativa traz uma riqueza de detalhes capaz de aguçar a curiosidade por abordagens mais aprofundadas. Os vendedores ambulantes, que circulam diariamente pelas ruas dos centros urbanos, precisam ser ouvidos pelo jornalismo. Não apenas para relatar os ‘ossos do ofício’, mas também para instigar novos olhares sobre as cidades contemporâneas.

A jornada dos senegaleses que buscam melhores condições de vida em terras brasileiras também surge como pauta. Quais são as dificuldades encontradas no caminho? E quais são os sonhos que motivam as pessoas que decidem deixar sua terra natal? Além disso, a chegada ao novo país também é assunto de interesse para o jornalismo. Como é o processo de adaptação a uma nova cultura? E o contato com os brasileiros? Mais uma vez, o desafio proposto para a prática jornalística é dar voz a essas histórias, que, muitas vezes, ficam em segundo plano nas abordagens enxutas e impessoais.

A dificuldade encontrada por imigrantes senegalês para conquistar vagas de emprego na região de Caxias do Sul é destaque na conversa com Sembène. O passageiro relata que, mesmo com especialização para trabalhar no comércio, não conseguiu vaga no setor. Fica como questionamento: isso aconteceu apenas com Osmane ou é um indicativo de que a população senegalesa enfrenta dificuldades para conseguir emprego na região? Por fim, a dolorida - mas necessária - pauta sobre as situações de preconceito. A partir da conversa com Sembène, é possível inferir que o preconceito não se manifesta, necessariamente, de forma explícita. Como vimos no quarto capítulo, as narrativas - sejam elas amorosas ou não - também residem no campo sensorial e subjetivo. Gestos, olhares e expressões corporais podem revelar situações de xenofobia.

## 5.9 GUERREIRA DO COTIDIANO

“Meu choro não é nada além de carnaval / É lágrima de samba na ponta dos pés”. A voz marcante e impecável de Elza Soares, em composição de Romulo Fróes e Alice Coutinho, ilustra a força da protagonista deste diálogo. Carolina de Jesus é uma das inúmeras guerreiras do cotidiano. Ex-varredora de rua, trabalha atualmente como empregada doméstica e carrega no olhar um brilho esperançoso, lindamente brasileiro.

O encontro com a passageira inicia na Praça Dante Alighieri, na região central da cidade. Atrasado, eu embarco às pressas na *linha vermelha*, com destino à Universidade. Percebo, de imediato, um lugar vago ao lado da famosa autora de *Quarto de Despejo* e *Casa de Alvenaria*. Ela tem cabelo rente à altura do ombro, na cor castanho escuro. Carolina está sentada à janela, ao lado direito do corredor, segurando três sacolas de uma rede de supermercados. Eu peço licença para sentar e não tardo a puxar conversa. O trajeto que fizemos juntos não foi longo, porém, o trânsito difícil daquele dia proporcionou uma conversa longa e repleta de detalhes.

**RONALDO BUENO: A senhora precisa de ajuda com alguma sacola?**

CAROLINA DE JESUS: Não, não. Obrigada! Eu já estou acostumada!

**RONALDO BUENO: Tudo bem. Se a senhora precisar eu posso segurar alguma sacola. Eu ‘tô’ com a mochila, mas a gente dá um jeito.**

CAROLINA DE JESUS: Não, fica tranquilo. Não ‘tá’ tão pesado assim. É mais fruta, verdura e uns pãezinhos que eu ‘tô’ levando pra janta.

**RONALDO BUENO: Coisa boa!**

CAROLINA DE JESUS: Sim! Com o preço que as coisas estão no mercado, eu acabo passando quase todo dia pra ver o que tem de promoção e sempre acabo levando alguma coisinha. Quarta é sempre bom pra comprar fruta.

**RONALDO BUENO: Tem muita gente que feito isso, ir no supermercado várias vezes por semana.**

CAROLINA DE JESUS: Sim, se não a pessoa não aguenta. Cada dia eles colocam promoção diferente. Então tem dia que a fruta é mais barata. Tem dia que é a carne. Tem dia que são os produtos secos, tipo arroz e massa, sabe?

**RONALDO BUENO: Sim, sim.**

CAROLINA DE JESUS: Mas mesmo assim eu continuo fazendo o rancho. Faço as compras do mês assim que eu recebo e depois só vou abastecendo.

**RONALDO BUENO: A senhora está indo pra casa?**

CAROLINA DE JESUS: Sim, 'tô' indo pra casa. Moro lá no [bairro] Cruzeiro.

**RONALDO BUENO: Então a senhora vai até a Estação [Imigrante] e de lá pega um ônibus pro Cruzeiro?**

CAROLINA DE JESUS: Isso.

**RONALDO BUENO: E não fica ruim trocar de ônibus com as sacolas?**

CAROLINA DE JESUS: No início, logo que trocaram as linhas e a gente começou a descer no Imigrante, eu achava um pouco ruim. Mas é questão de costume. Agora não me importo muito.

**RONALDO BUENO: E pra você ficou bom esse novo sistema? Trocar de ônibus na Estação?**

CAROLINA DE JESUS: Olha, pra mim não mudou muita coisa. A única diferença é que chego no Imigrante e tenho que pegar outro ônibus pro Cruzeiro. Demora um pouquinho mais pra trocar de ônibus. Em compensação, esse ônibus que a gente tá é muito rápido e passa toda hora na [Rua] Sinimbu. Então, no fim das contas, eu demoro quase a mesma coisa pra ir do trabalho pra casa.

**RONALDO BUENO: O importante é isso. Que não demore muito, que não fique ruim pra gente, que usa ônibus.**

CAROLINA DE JESUS: Ninguém merece ficar plantada em parada de ônibus. Uma vez foi bem pior. Agora tem melhorado.

**RONALDO BUENO: A senhora trabalha no centro?**

CAROLINA DE JESUS: Sim. Trabalho ali pertinho do antigo Ópera.

**RONALDO BUENO: Bacana. É pertinho daqui. Não deve ficar ruim pra pegar o ônibus.**

CAROLINA DE JESUS: Fica bem bom pra mim. Eu trabalho numa casa, como doméstica, e daí saio cedinho. Quatro, quatro e meia da tarde. Aproveito pra passar no mercado, faço alguma que preciso no centro e depois vou pra casa.

**RONALDO BUENO: É muito puxado o trabalho?**

CAROLINA DE JESUS: Não, imagina! Já 'tô' acostumada com o batente. Eu acho até leve o serviço. Eu limpo a casa, faço almoço, arrumo alguma coisa que precisar, vou pra rua pagar conta... de tudo um pouco, né. Ah... e também adianto a janta do

patrão antes de ir embora. Mas não é tão puxado assim. Antes de trabalhar ali eu varria rua na CODECA<sup>14</sup>. Lá sim era puxado!

**RONALDO BUENO: Verdade! Lá é puxado.**

CAROLINA DE JESUS: Oh, se é! Principalmente naqueles dias que são bem frios, quando tinha que acordar cedo, se encher de roupa e varrer rua. Às vezes eu saía de casa com cerração que não dava pra enxergar meio palmo diante dos olhos. E a gente 'tava' lá, varrendo, varrendo...

**RONALDO BUENO: No ano passado eu cheguei a trabalhar um dia com as meninas que fazem a varrição ali do bairro de Lourdes. Eu sou estudante de jornalismo da UCS e tinha uma matéria pra fazer, então decidi contar um pouco das histórias delas, de como é trabalhar na varrição...**

CAROLINA DE JESUS: E 'tu gostou'?

**RONALDO BUENO: Sim, sim! As histórias que eu pude conhecer foram ótimas. Importante mostrar um pouco do trabalho, de como funciona. E era um dia bem frio. Mês de junho.**

CAROLINA DE JESUS: Que bom que 'tu conheceu' de pertinho. Mas sabe que no verão, quando fica bem quente, também é ruim. O sol pega direto na cabeça. Não adianta nem usar boné. Fora que a gente sua muito e cansa mais. Então no calor também é ruim. Por isso agora eu 'tô' bem.

**RONALDO BUENO: Entendo. E são quantas horas?**

CAROLINA DE JESUS: Depende do dia. Eu acabo combinando o horário com o que tem pra fazer. Eu chego ali por 09h30, 10h, e saio ali pelas 16h30. E não é carteira assinada, sabe?!

**RONALDO BUENO: Eles não quiseram assinar a carteira?**

CAROLINA DE JESUS: Eu que não quis assinar! Eles até me ofereceram, mas daí o salário seria menor. Tinha que descontar imposto, pagar INSS. Achei melhor fazer por fora. Eles me pagam direitinho e eu pago meu INSS no boleto, como autônoma. Assim eu ganho um pouquinho melhor.

**RONALDO BUENO: E sem a carteira a senhora tem os direitos?**

CAROLINA DE JESUS: Sim, sim. Tudo certinho. Eu tenho minhas férias, meu 13º. Disso eu não abro mão. 'Tô' quase me aposentando... se não mudarem as regras, claro.

---

<sup>14</sup> Companhia de Desenvolvimento de Caxias do Sul. A autarquia é responsável pelos serviços de coleta de resíduos, capina, varrição urbana e pavimentação de ruas do perímetro urbano.



**RONALDO BUENO: Tem que ficar atento. A reforma da Previdência está aí.**

CAROLINA DE JESUS: Nem me fala. Falta só dois anos pra eu me aposentar. ‘Tô’ acompanhando com atenção. Querem mudar a aposentadoria e ‘ferrar’ com o trabalhador. Dizem que quem está quase se aposentando pode pagar uma multa e pegar a regra antiga.

**RONALDO BUENO: E a senhora gostava de trabalhar na CODECA?**

CAROLINA DE JESUS: Eu gostava, sim. O trabalho era puxado, mas valia a pena.

**RONALDO BUENO: E preconceito? Você sentia? Ano passado eu perguntei pras moças que trabalham na varrição e elas me contaram que tem um pouco de preconceito contra a profissão.**

CAROLINA DE JESUS: Infelizmente sim. O ponto ruim é que tinha isso de preconceito. Nada que me falavam, sabe. Mas a gente sente no olhar das pessoas, né. Quando eu saía do trabalho era melhor tirar o uniforme antes de ir pra casa. Se eu entrasse no ônibus com o uniforme da CODECA, tinha gente que virava a cara e não sentava do meu lado.

**RONALDO BUENO: Nossa! Que absurdo.**

CAROLINA DE JESUS: Sim! Se eu voltasse pra casa com a minha roupa normal, não tinha problema nenhum, mas se eu chegava a vir de uniforme, Deus do céu! Tinha gente que preferia não sentar do lado.

Quadro 9 - Levantamento de pautas em “Guerreira do cotidiano”

(continua)

Editoria	Pauta	Citação
Economia	hábitos de consumo em tempos de crise econômica	“Com o preço que as coisas estão no mercado, eu acabo passando quase todo dia pra ver o que tem de promoção [...]”
Mobilidade	adaptação dos passageiros ao Sistema Integrado de Mobilidade (SIM Caxias)	“No início, logo que trocaram as linhas e a gente começou a descer no Imigrante, eu achava um pouco ruim. Mas é questão de costume”

(conclusão)

Editoria	Pauta	Citação
Mobilidade	avaliação dos horários e linhas do transporte coletivo de Caxias do Sul	“Ninguém merece ficar plantada em parada de ônibus. Uma vez foi bem pior. Agora tem melhorado”
Cotidiano	o cotidiano de quem trabalha como empregada doméstica	“Eu limpo a casa, faço almoço, arrumo alguma coisa que precisar, vou pra rua pagar conta... de tudo um pouco, né”
Economia	a realidade do trabalho autônomo/informal	“Eu que não quis assinar! Eles até me ofereceram, mas daí o salário seria menor. Tinha que descontar imposto, pagar INSS”
Economia	Reforma da Previdência	“Falta só dois anos pra eu me aposentar. ‘Tô’ acompanhando com atenção. Querem mudar a aposentadoria e ‘ferrar’ com o trabalhador”
Cotidiano	o cotidiano de quem trabalha na varrição de rua	“Às vezes eu saía de casa com cerração que não dava pra enxergar meio palmo diante dos olhos. E a gente ‘tava’ lá, varrendo, varrendo [...] Mas sabe que no verão, quando fica bem quente, também é ruim”
Direitos Humanos	preconceito sofrido pelos trabalhadores da varrição e limpeza urbana	“[...] a gente sente no olhar das pessoas, né. Quando eu saía do trabalho era melhor tirar o uniforme antes de ir pra casa. Se eu entrasse no ônibus com o uniforme da CODECA, tinha gente que virava a cara e não sentava do meu lado”

Fonte: Diário de campo.

O entardecer de congestionamento proporcionou o mais longo dos diálogos do trabalho de campo desta pesquisa. A conversa com Carolina de Jesus, de postura humilde e sabedoria profunda, trouxe subsídios para a proposição de oito pautas, nas editorias de *Cotidiano*, *Mobilidade*, *Economia* e *Direitos Humanos*.

No campo econômico, são três assuntos que se destacam: os hábitos de consumo em tempos de crise econômica, a realidade do trabalho autônomo ou informal e os impactos sociais da Reforma da Previdência. Esse último tema, recorrente nas conversas de ônibus, causa preocupação na passageira. “Falta só dois anos pra eu me aposentar”, diz Carolina, com receio de perder o direito tão próximo de ser conquistado.

Adiante, na editoria de *Mobilidade*, a passageira avalia os horários e linhas do transporte coletivo e fala sobre o período de adaptação ao Sistema Integrado de Mobilidade, implantado em abril de 2016. Mesmo reconhecendo alguns avanços no transporte coletivo de Caxias do Sul, Carolina recorda que “no início, logo que trocaram as linhas, [...] eu achava um pouco ruim”. Ao propor a elaboração de matéria jornalística sobre mobilidade urbana, nada mais adequado do que ouvir os protagonistas deste cenário: pedestres e usuários do transporte coletivo. Surgem aqui duas provocações: será que os engenheiros de trânsito têm andado de ônibus? E os jornalistas que abordam o assunto, conhecem a realidade do transporte coletivo?

Na sequência, a inesquecível autora de *Quarto de Despejo* aborda duas questões cotidianas: a realidade de quem trabalha na varrição de rua e o serviço diário de empregados domésticos. A passageira, que atualmente faz “de tudo um pouco” na casa de seus empregadores, da limpeza à preparação do almoço, atuou por anos na varrição urbana de Caxias do Sul. Uma narrativa riquíssima em detalhes, que pode ser abordada pelo jornalismo, levando em consideração a força do fator humano.

O cotidiano dos varredores de rua ainda pode ser desdobrado em outra abordagem jornalística, voltada às situações de preconceito sofrido pela categoria de trabalhadores. Assim como na conversa com o senegalês Osmane Sembène, podemos constatar que o preconceito não se manifesta apenas de maneira explícita. Ele também é subjetivo, englobando olhares e atitudes. “Se eu entrasse no ônibus com o uniforme da CODECA, tinha gente que virava a cara e não sentava do meu

lado”, relembra Carolina, com voz embargada. A declaração, que soa dolorosamente, merece aprofundamento a partir de narrativa humanizada.

## 5.10 MIGRANTE CONTEMPORÂNEO

A chuva escorre pela janela do ônibus e rebate no asfalto cinza e gelado. Lá fora, a visibilidade é baixa, pois os vidros estão embaçados e uma névoa fina paira sobre a cidade. Mesmo com a neblina, o cenário é inconfundível: é possível enxergar o contorno das árvores, dos bancos - e até mesmo dos tapumes do velho chafariz em reforma. Estamos na Rua Sinimbu, em frente à Praça Dante Alighieri, na Estação Catedral. O ônibus faz nova parada para o embarque de passageiros.

Um rapaz que aparenta trinta e poucos anos senta ao meu lado. Ele veste uma camiseta branca, com estampa colorida, sobreposta por um casaco de couro marrom. Esfrega uma mão na outra, em movimento rítmico, na tentativa de espantar o frio. O termômetro de rua assinala 12°C e o tempo chuvoso não dá trégua há mais de uma semana. Sem demora, o passageiro esboça um sorriso e começa a falar, com leveza, simplicidade e sotaque inconfundível. Natural de João Pessoa, na Paraíba, logo associei meu companheiro de viagem ao eterno Ariano Suassuna.

ARIANO SUASSUNA: Rapaz, está frio mesmo! Você não se importa de fechar a janela?

**RONALDO BUENO: Não, não. Eu fecho, sem problema.**

ARIANO SUASSUNA: Pensei que não fosse esfriar tanto, mas o tempo ‘tá’ castigando mesmo.

**RONALDO BUENO: Ainda mais com essa chuva. Só o frio não seria o problema, mas com a chuva fica terrível.**

ARIANO SUASSUNA: E me pegou de surpresa. Eu saí de casa sem guarda-chuva. Sabe ser fria essa cidade, né?

**RONALDO BUENO: Oh, se sabe! Você é de onde?**

ARIANO SUASSUNA: Eu sou lá de João Pessoa.

**RONALDO BUENO: Que bacana! E você mora aqui há quanto tempo?**

ARIANO SUASSUNA: Ih... já faz uns seis anos. Deixa eu lembrar... cheguei aqui em 2011. Sim, seis anos que eu ‘tô’ aqui.

**RONALDO BUENO: Então você já conhece bem o clima.**

ARIANO SUASSUNA: Aqui o clima é danado! Gosta de pregar peça. Faz sol e faz chuva no mesmo dia. Eu lembro do primeiro ano que morei aqui. Esse, sim, foi difícil. Era um frio danado. Eu via na TV que fazia frio por aqui, mas não imaginava que fosse tanto.

**RONALDO BUENO: E como você escolheu Caxias pra morar?**

ARIANO SUASSUNA: Eu vim por causa das oportunidades de emprego. Na verdade, um tio meu já mora aqui faz tempo. Faz uns vinte, trinta anos. Eu ‘tava’ morando em São Paulo, passando um pouco de dificuldade, sem emprego. Daí esse tio me disse o seguinte “ora, vem pra Caxias que aqui se consegue bastante coisa”. Então eu vim. Peguei minhas coisinhas, minhas malas, não era muita coisa... e vim de ônibus. Nem sei quantas horas na estrada.

**RONALDO BUENO: Ah, sim! De ônibus deve ser puxado. E você mora com seu tio?**

ARIANO SUASSUNA: Não. Só quando cheguei. Fiquei uns meses com ele até eu conseguir me ajeitar. Mas não foi fácil, não. Fiquei meses procurando emprego. Essa história de trabalho fácil nas indústrias não é bem assim. Tem que ter experiência na área ou curso técnico. E eu não tinha nem um, nem outro. Daí acabei não conseguindo nada.

**RONALDO BUENO: Hum. Tem isso.**

ARIANO SUASSUNA: Tive que dar meu jeito. Vir não é o problema, o difícil é voltar. Então, como já ‘tava’ por aqui, resolvi ficar. Pelo menos tinha meu tio. Em São Paulo eu não tinha ninguém. Mas não me assustei, não. Sou trabalhador e sabia que ia dar um jeito.

**RONALDO BUENO: Então você acabou indo pra outra área, e não pra indústria?**

ARIANO SUASSUNA: Pra outra área. Fiz de tudo, rapaz. Vendi meia, carteira, luva, touca. Na rua, sabe? Teve um tempo que vendia suco, uns pasteizinhos que eu pegava num bar e saía vender de porta em porta. Morrer de fome eu não morro.

**RONALDO BUENO: Sim! A gente acaba dando um jeito.**

ARIANO SUASSUNA: E agora, você vê, faço de tudo. ‘Tô’ fazendo meus ‘bicos’ por aí. Eu pinto, faço conserto... Agora mesmo ‘tô’ indo numa casa ajudar a montar uns móveis.

**RONALDO BUENO: E você gosta de Caxias?**

ARIANO SUASSUNA: Não tenho nada pra reclamar daqui, não. O povo é meio fechado. Mas deve ser o frio, né?

**RONALDO BUENO: O pessoal tem um pouco a fama de ser mais fechado por aqui.**

ARIANO SUASSUNA: Mas fora isso eu já me acostumei. Quem passou trabalho não pode ter medo de cara feia, né?!

Quadro 10 - Levantamento de pautas em “Migrante contemporâneo”

Editoria	Pauta	Citação
Cotidiano	adaptação de novos moradores à instabilidade climática de Caxias do Sul	“Aqui o clima é danado. Gosta de pregar peça. Faz sol e faz chuva no mesmo dia”
Economia	migrantes em busca de oportunidades de emprego na Serra Gaúcha	“Eu vim por causa das oportunidades de emprego. [...] Eu ‘tava’ morando em São Paulo, passando um pouco de dificuldade, sem emprego. [...] Então eu vim”
Economia	dificuldades pra quem procura emprego na indústria caxiense	“Fiquei meses procurando emprego. Essa história de trabalho fácil nas indústrias não é bem assim. Tem que ter experiência na área ou curso técnico”
Economia	o trabalho informal como alternativa de renda	“Fiz de tudo, rapaz. Vendi meia, carteira, luva, touca. Na rua, sabe? Teve um tempo que vendia suco, uns pasteizinhos que eu pegava num bar e saía vender de porta em porta”
Cotidiano	receptividade dos caxienses com quem vem de fora da cidade	“O povo é meio fechado. Mas deve ser o frio, né? [...] Mas fora isso eu já me acostumei. Quem passou trabalho não pode ter medo de cara feia, né?!”

Fonte: Diário de campo.

É com fala bem humorada e leveza narrativa que Ariano Suassuna consegue descrever a jornada na busca por melhores condições de vida em Caxias do Sul. A conversa com o paraibano de João Pessoa traz subsídios para a proposição de cinco pautas, nas editoriais de *Cotidiano* e *Economia*. Com muita naturalidade, o passageiro fala sobre a adaptação dos novos moradores à instabilidade climática da região. “Aqui o clima é danado. Gosta de pregar peça”, brinca Suassuna. Trata-se de uma abordagem diferente na temática da migração. Além das inúmeras dificuldades já conhecidas para quem busca vida nova em outras cidades, como a luta por emprego ou a formação de vínculos de relacionamento, Suassuna menciona o desafio de se acostumar com um clima diferente da terra de origem.

Mais adiante, o autor de *O Auto da Compadecida* também menciona um assunto recorrente entre os moradores que não são naturais de Caxias do Sul: a receptividade da população local. Novamente, surge o desafio jornalístico de abordar a questão. Os caxienses, de fato, são pouco acolhedores? Qual a percepção das pessoas que vieram de outras regiões do Brasil? E como a população nativa percebe a receptividade?

Adiante, o diálogo também propicia matéria-prima para pensarmos em três pautas na área de *Economia*. Além da realidade dos migrantes, o paraibano relata dificuldade para encontrar vagas de trabalho na indústria caxiense. “Essa história de emprego fácil não é bem assim”, lamenta Suassuna. Entre os motivos citados pelo passageiro, estão a inexperiência na área e a falta de cursos técnicos. A declaração é um convite para abordagens detalhadas sobre o tema. As pessoas que buscam Caxias do Sul à procura de emprego conseguem corresponder suas expectativas iniciais? O questionamento é passível de verificação.

A quinta pauta da conversa surge como consequência da pergunta anterior. Qual a solução encontrada pelos migrantes que não conseguem emprego na indústria ou no comércio? É neste ponto que podemos perceber o trabalho informal como alternativa de renda. De pequenos serviços de manutenção em empresas ou residências até a comercialização de alimentos e roupas na rua, de porta em porta. As alternativas são as mais variadas possíveis, cabendo ao jornalismo dar voz a essas histórias, que circulam diariamente pelos centros urbanos - seja nas ruas ou nos ônibus.

## 5.11 O CRONISTA DO DESVIO RIZZO

Talvez Luis Fernando Verissimo seja o autor que eu mais tenha lido nos bancos de ônibus. É uma informação imprecisa, mas que reflete a minha paixão pela criatividade narrativa desse autor que considero imbatível nos diálogos cotidianos. Tive a surpresa de cruzar por Verissimo na Feira do Livro de 2015 - ou 2014, não lembro ao certo. Ele participaria de um bate-papo no auditório do evento, realizado na Praça Dante Alighieri, e eu pensava estar atrasado - como de costume. Apertei o passo para conseguir um lugar. Não posso afirmar se o escritor também estava de mal com o relógio. O certo é que por pouco não nos esbarramos na entrada.

Da reposta ao meu improvisado 'Olá! Tudo bem?', o que recorro com mais exatidão é o timbre de voz do escritor. Curiosamente, encontrei a mesma entonação no passageiro que protagoniza esse diálogo. Logo que passei a catraca, me deparo com um senhor de camisa azul celeste lendo as páginas bagunçadas de um jornal. Aquilo me chamou atenção e decidi sentar ao lado pra experimentar o que brotaria da conversa. A surpresa foi a voz: o quase-sussurro harmonioso que certa vez ouvi de perto, do criador da Velhinha de Taubaté.

### **RONALDO BUENO: Lendo as notícias?**

LUIS FERNANDO VERISSIMO: Me mantendo atualizado. É bom pra movimentar a cabeça.

### **RONALDO BUENO: É bom, sim.**

LUIS FERNANDO VERISSIMO: Mas, ultimamente, eu só leio o esporte. O resto não dá coragem. É só notícia ruim: assalto, morte, corrupção... Não dá coragem de ler, não.

### **RONALDO BUENO: O senhor é gremista?**

LUIS FERNANDO VERISSIMO: Não! Deus me livre! Sou colorado. 'Tô lendo as notícias do Grêmio pra ver o que os caras estão aprontando. Mas eu sou do Inter.

### **RONALDO BUENO: Então ler sobre esporte também deve estar sendo difícil pro senhor...**

LUIS FERNANDO VERISSIMO: Pior que é verdade! Até no futebol a coisa 'tá' feia.

### **RONALDO BUENO: Imagino! E o senhor anda bastante de ônibus?**

LUIS FERNANDO VERISSIMO: Às vezes, sim. Mas não todos os dias.



**RONALDO BUENO: O que está achando do SIM Caxias [Sistema Integrado de Mobilidade] e dessas mudanças no transporte?**

LUIS FERNANDO VERISSIMO: Pra mim ficou um pouco estranho. Eu moro no [bairro Desvio] Rizzo. Hoje preciso ir no [Hospital] Geral, daí tenho que pegar três ônibus: um do Rizzo pro Floresta; outro, do Floresta até o Imigrante; e lá eu consigo pegar um pro Geral.

**RONALDO BUENO: Isso é verdade.**

LUIS FERNANDO VERISSIMO: O problema de descer naquelas estações é que eu já tenho idade. Ficar subindo e descendo de ônibus é complicado. Teve um dia que eu ‘tava’ descendo do *vermelho*, na Estação, e o ônibus do Rizzo já ‘tava’ saindo. Eu não consigo correr. Acabei perdendo o ônibus e tive que esperar.

**RONALDO BUENO: O senhor está indo pro Geral?**

LUIS FERNANDO VERISSIMO: Sim.

**RONALDO BUENO: Exame?**

LUIS FERNANDO VERISSIMO: Não. ‘Tô’ indo visitar minha irmã. Teve que fazer uma cirurgia pra retirar um tumor. Mas ela ‘tá’ se recuperando bem. Logo, logo tem alta.

**RONALDO BUENO: Que bom!**

LUIS FERNANDO VERISSIMO: Aquele hospital é uma maravilha. Eu já precisei do Geral. A equipe é bem atenciosa, tem a gurizada da faculdade, os médicos que são professores. Não tem como não ser bem atendido.

**RONALDO BUENO: O Geral tem bom atendimento, mesmo. É o que sempre dizem.**

Quadro 11 - Levantamento de pautas em “O cronista do Desvio Rizzo”

(continua)

Editoria	Pauta	Citação
Imprensa	análise crítica das notícias veiculadas na imprensa diária	“Mas, ultimamente, eu só leio o esporte. O resto não dá coragem. É só notícia ruim: assalto, morte, corrupção... Não dá coragem de ler, não”

(conclusão)

Editoria	Pauta	Citação
Mobilidade	avaliação do SIM Caxias (Sistema Integrado de Mobilidade)	“Pra mim ficou um pouco estranho. Eu moro no Rizzo. Hoje preciso ir no Geral, daí tenho que pegar três ônibus: um do Rizzo pro Floresta; outro, do Floresta até o Imigrante; e lá eu consigo pegar um pro Geral”
Mobilidade	adaptação dos ônibus do transporte coletivo para a população idosa	“O problema de descer naquelas estações é que eu já tenho idade. Ficar subindo e descendo de ônibus é complicado”
Saúde	avaliação do atendimento no Hospital Geral, em Caxias do Sul	“Aquele hospital é uma maravilha. Eu já precisei do Geral. A equipe é bem atenciosa, tem a gurizada da faculdade, os médicos que são professores. Não tem como não ser bem atendido”

Fonte: Diário de campo.

A conversa com Luis Fernando Verissimo oferece subsídio para a proposição de pauta logo nos momentos iniciais. Com tom de fala que mescla leveza e ironia, o criador de Ed Mort - o detetive genuinamente carioca - comenta com incredulidade as notícias que estampam o jornal que tem em mãos. “Ultimamente eu só leio o esporte. O resto não dá coragem”. Fato curioso é que o passageiro não deixa de ler o jornal, mas também não se furta de tecer críticas quanto a abordagem do veículo, com ênfase nas notícias de segurança pública e nos acontecimentos da política nacional. Vale ressaltar que a crítica aos materiais veiculados na imprensa diária é assunto recorrente nos bancos de ônibus e, justamente por esse motivo, merece atenção especial no campo jornalístico.

Logo na sequência, a conversa com Verissimo percorre outro assunto frequente nos ônibus: avaliação da qualidade do transporte coletivo. No caso específico deste diálogo, o passageiro discorre sobre as mudanças no trânsito da cidade após a implantação do SIM Caxias. Em vigor desde abril de 2016, o Sistema

Integrado de Mobilidade modificou itinerários e alguns pontos de embarque e desembarque. A mudança mais significativa foi a criação da *linha vermelha*, campo desta pesquisa.

Além de comentar as mudanças, Verissimo também faz uma provocação no que diz respeito à adaptação do transporte coletivo para a população idosa. “Ficar subindo e descendo de ônibus é complicado”, diz o passageiro, ao relatar dificuldade para fazer a troca de ônibus nas estações de integração. Assim como na pauta anterior, ouvir os passageiros é fundamental para uma abordagem jornalística humanizada, que ultrapasse a simples quantificação do assunto. Não basta saber quantos veículos circulam por Caxias do Sul ou quantas pessoas utilizam ônibus diariamente. É preciso conhecer essas histórias a partir do fator humano, bem como suas implicações sociais.

O rápido diálogo com Verissimo também fornece subsídio para um tema de *Saúde*. O passageiro, que utiliza o transporte coletivo para visitar a irmã no Hospital Geral, tece elogios ao atendimento da instituição. “Aquele hospital é uma maravilha. [...] A equipe é bem atenciosa, tem a gurizada da faculdade, os médicos que são professores”. Percebe-se, outra vez, a predominância do fator humano. Mesmo enfrentando a escassez de repasses estaduais e federais, a instituição é lembrada pelo atendimento afetuoso da equipe, situação que merece ser verificada *in loco*.

## 5.12 EM BUSCA DE REMÉDIO

Rua Pinheiro Machado. Estação Treze, quase na esquina com a Rua Treze de Maio. A *linha vermelha* faz uma breve parada para o embarque de um passageiro, que parece cansado e ofegante. Eu estou sentado no banco central da última fileira, de mochila no colo e guarda-chuva na mão esquerda. Ao contrário do que previam os meteorologistas, o sol reinava com força e a chuva parecia distante.

O passageiro recém-chegado escolhe a fileira de bancos logo à frente da minha, mas senta-se de lado, de modo a fitar-me nos olhos. De perto, posso confirmar o semblante de cansaço que havia antecipado quando Guimarães Rosa ainda estava na catraca. A propósito, a escolha do pseudônimo está relacionada à linha narrativa do diálogo: o passageiro percorre a região central de Caxias do Sul em busca de medicamentos para diabetes e hipertensão. O renomado autor de

*Grande Sertão: Veredas* era médico de formação, além de ostentar um óculos redondo de curiosa semelhança.

GUIMARÃES ROSA: Com licença.

**RONALDO BUENO: Fica à vontade.**

GUIMARÃES ROSA: Olha, eu 'tô' indignado! O dia inteiro correndo atrás pra conseguir uns remédios.

**RONALDO BUENO: Nossa! O que aconteceu?**

GUIMARÃES ROSA: Um absurdo! Eu tomo remédio controlado pra diabete e hipertensão, mas está em falta no 'postinho' [Unidade Básica de Saúde]. Você acredita?

**RONALDO BUENO: Pior que sim. Fiquei sabendo que alguns medicamentos estão em falta.**

GUIMARÃES ROSA: E a gente tem que ficar correndo de um lado pro outro. Vou no 'postinho', o médico dá receita, mas não tem remédio. Daí tem que correr morro acima pra farmácia do CES [Centro Especializado de Saúde]. Espero que chegando lá eu consiga.

**RONALDO BUENO: Tomara que sim.**

GUIMARÃES ROSA: Porque já me avisaram, ali no 'postinho'. Eu tenho que ir na farmácia do CES e perguntar se já chegou o novo lote. Parece que o governo não tinha enviado a verba ou o remédio, não sei direito. Só sei que é um absurdo. No fim das contas, quem fica correndo pra cima e pra baixo é sempre o pobre.

**RONALDO BUENO: Acaba sobrando pra gente.**

GUIMARÃES ROSA: Sempre. O prefeito [Daniel Guerra, PRB] prometeu um monte de coisa e, até agora, nada. Até faltar remédio 'tá' faltando. E ainda, pra ir no CES, tive que pegar ônibus. Não posso ir caminhando até lá. Já pensou? A gente já vai no médico porque 'tá' doente e ainda tem que ficar correndo atrás do remédio. É de matar.

**RONALDO BUENO: E você mora aqui por perto?**

GUIMARÃES ROSA: Sim. Eu moro ali perto da rodoviária, do Jaconi [Estádio Alfredo Jaconi], sabe?

**RONALDO BUENO: Pelo menos o ônibus passa perto.**

GUIMARÃES ROSA: Pelo menos. Mas eu tive que tirar a tarde inteira pra ir atrás disso. E como é que fica o meu trabalho? Vou dizer pro prefeito ligar pro meu patrão e explicar porque não fui trabalhar. Dá vontade.

**RONALDO BUENO: Pois é. Dá vontade, mesmo.**

GUIMARÃES ROSA: Do jeito que a coisa 'tá', não posso perder esse trabalho. Ganho pouco, mas consigo sobreviver.

Quadro 12 - Levantamento de pautas em “Em busca de remédio”

Editoria	Pauta	Citação
Saúde	falta de medicamentos nas Unidades Básicas de Saúde (UBS) de Caxias do Sul	“Eu tomo remédio controlado pra diabete e hipertensão, mas está em falta no ‘postinho”
Saúde	os impactos da falta de medicamentos no cotidiano do cidadão	“Vou no ‘postinho’, o médico dá receita, mas não tem remédio. Daí tem que correr morro acima pra farmácia do CES. Espero que chegando lá eu consiga”
Política	avaliação da administração municipal de Caxias do Sul	“O prefeito prometeu um monte de coisa e, até agora, nada. Até faltar remédio ‘tá’ faltando”
Economia	medo do desemprego diante da crise econômica	“Do jeito que a coisa ‘tá’, não posso perder esse trabalho. Ganho pouco, mas consigo sobreviver”

Fonte: Diário de campo.

O episódio *Em busca de remédio*, focado na luta travada por Guimarães Rosa para conseguir medicamentos traz subsídio para duas pautas na editoria de Saúde como ponto de partida. Em primeiro lugar, salta aos olhos a falta de remédios nas Unidades Básicas de Saúde (UBS) de Caxias do Sul. Desde quando a situação é registrada? Como isso afeta a vida de quem precisa dos medicamentos? Sugerimos, aqui, o desmembramento do assunto em duas abordagens: 1) a falta de remédios; 2) os impactos da escassez.

O subsídio para o desdobramento das duas primeiras pautas vem logo na sequência. Com tom de voz que mescla preocupação e resiliência, Guimarães Rosa clama por uma resposta do poder público municipal em relação ao problema. Menos de um ano depois do pleito que elegeu Daniel Guerra para comandar a prefeitura de Caxias do Sul, o passageiro retoma pontos centrais da campanha eleitoral. “O prefeito prometeu um monte de coisa e, até agora, nada”, declara em certo momento.

A conversa com o criador de Grande Sertão: Veredas tem seu desfecho na preocupação do passageiro com o desemprego. Mesmo reconhecendo que seu salário está abaixo de suas necessidades, Guimarães Rosa reforça a importância de se manter trabalhando. “Do jeito que a coisa ‘tá’, não posso perder esse trabalho”, desabafa, ainda preocupado com a falta de medicamentos.

### 5.13 O MILITANTE

“Apesar de você / Amanhã há de ser / Outro dia / Eu pergunto a você / Onde vai se esconder / Da enorme euforia”. Os inesquecíveis versos de Chico Buarque me saltavam à mente naquela noite fria de quinta-feira. Em Brasília, o governo formado por Michel Temer articulava negociatas em busca de apoio à Reforma da Previdência. Ao menos esse era o tom do noticiário político do *El País*, cuja edição online estava aberta no meu celular. Eu aguardava na Estação Imigrante, a partida da *linha vermelha*.

O relógio batia 22h30 e o vento gelado penetrava no ônibus até pelas frestas das janelas. Em questão de poucos minutos, o ronco do motor indica o início do trajeto. Ao meu lado, um homem calvo, aparentando meia idade, não disfarça o interesse pela notícia que estou lendo e logo inicia o diálogo. A postura firme em defesa da classe trabalhadora me lembra, de imediato, o perfil militante de Jorge Amado. Os tempos são difíceis, assim como em *Capitães da Areia*.

JORGE AMADO: O Temer não desiste, não é?

**RONALDO BUENO: Oi?**

JORGE AMADO: O Temer. Não desiste das reformas. Quer fazer de qualquer jeito, empurrando goela abaixo da população.

**RONALDO BUENO: Eu acho terrível. Não só o conteúdo das reformas, mas a maneira que eles têm feito, sem discussão nenhuma.**

JORGE AMADO: Mas isso não me surpreende. Esse governo só está mostrando que está a serviço dos empresários.

**RONALDO BUENO: É triste.**

JORGE AMADO: É triste mesmo. Eu sou professor de história e nunca pensei que a gente fosse passar por outro golpe no Brasil. Eu vivi nos tempos da ditadura - era criança quando os militares deram o golpe, em 64. Lembro como foram tempos ruins. Não imaginei que a gente fosse viver um tempo parecido.

**RONALDO BUENO: Acho que ninguém esperava.**

JORGE AMADO: Mas eu já vinha alertando as pessoas, os meus alunos... Faz anos que a direita dava sinais de que queria retomar o poder no Brasil a qualquer custo. Eles nunca esconderam a raiva que sentem pelo Lula ter ganhado as eleições e ter o apoio popular que sempre teve. Eles não engolem. O pior é que o golpe de agora foi mascarado, foi parlamentar. Não precisou de força.

**RONALDO BUENO: E pra você, como professor de história, deve estar sendo bem triste.**

JORGE AMADO: Sim. Dou aula na rede pública, em escola estadual. A gente sente na pele o retrocesso.

**RONALDO BUENO: Imagino.**

JORGE AMADO: E eu trabalho na rede pública por questão de princípios. Se eu quisesse, poderia dar aula numa escola privada e ficar acomodado. Mas não troco o Estado. É outra realidade. É lá que está a esperança. Você viu as ocupações no ano passado? Uma aula de cidadania.

**RONALDO BUENO: Sim. Acompanhei o movimento.**

JORGE AMADO: Mas eu tenho medo do que vai ser o futuro dos meus alunos. Com a reforma da Previdência, o pessoal não vai conseguir se aposentar. Com a [reforma] trabalhista, vão perder os direitos garantidos há décadas. E com a reforma do ensino, estão tirando a formação cidadã das escolas. Os caras estão fazendo o serviço sujo completo.

**RONALDO BUENO: Estão fazendo um desmonte do Estado.**

JORGE AMADO: Bem isso. Acabando com a coisa pública. E você, estuda na UCS?

**RONALDO BUENO: Sim. Faço jornalismo. Me encaminhando pro fim do curso.**

JORGE AMADO: Jornalismo? Legal. Esse país ‘tá’ precisando de bons jornalistas. Gente séria. Porque muitos se vendem.

**RONALDO BUENO: É uma luta diária. O jornalismo precisa resgatar a rua como matéria-prima das histórias que conta, sair das redações. Ser cidadão.**

JORGE AMADO: Exatamente. Se não a gente vai continuar vendo o que já assiste todo dia na TV. Ou nesses jornalões, que ficam defendendo o indefensável.

Quadro 13 - Levantamento de pautas em “O militante”

(continua)

Editoria	Pauta	Citação
Política	reformas trabalhista e previdenciária	“O Temer. Não desiste das reformas. Quer fazer de qualquer jeito, empurrando goela abaixo da população”
Política	a nova ofensiva da direita e o golpe parlamentar de 2016	“Faz anos que a direita dava sinais de que queria retomar o poder no Brasil a qualquer custo [...] O pior é que o golpe de agora foi mascarado, foi parlamentar. Não precisou de força”
Educação	a realidade do ensino público no Brasil, especialmente das escolas estaduais	“[...] eu trabalho na rede pública por questão de princípios. Se eu quisesse, poderia dar aula numa escola privada e ficar acomodado. Mas não troco o Estado. É outra realidade. É lá que está a esperança”
Direitos Humanos	o impacto social das reformas propostas pelo governo Temer	“Com a reforma da Previdência, o pessoal não vai conseguir se aposentar. Com a trabalhista, vão perder os direitos garantidos há décadas. E com a reforma do ensino, estão tirando a formação cidadã das escolas”



(conclusão)

Editoria	Pauta	Citação
Imprensa	análise crítica da imprensa	“Esse país ‘tá’ precisando de bons jornalistas. Gente séria. Porque muitos se vendem”

Fonte: Diário de campo.

A defesa da classe trabalhadora, diante dos retrocessos econômicos e sociais, é o fio condutor de *O militante*. Com declarações firmes e engajadas, Jorge Amado fornece subsídios para elaboração de cinco pautas, nas editorias de *Política*, *Educação* e *Direitos Humanos*. Logo no início do diálogo, vem à tona a tramitação das reformas trabalhista e previdenciária, no Congresso Nacional. O passageiro não aborda apenas os impactos sociais das medidas do governo Temer, mas também o ritmo acelerado de análise dos projetos, sem abertura para debate com a população.

Ainda no campo político, o autor de *Gabriela, Cravo e Canela* analisa a nova ofensiva da direita brasileira, que culminou no golpe parlamentar de 2016. Traçando um comparativo com o golpe 1964, Jorge Amado provoca para uma investigação jornalística sobre as inúmeras percepções em relação à queda de Dilma Rousseff. Nesse caso, é curioso sinalizar a guerra de narrativas. Por mais que o processo de *impeachment* da presidenta tenha se revestido de legalidade, os desdobramentos do primeiro ano de Michel Temer no poder reforçam a tese do golpe parlamentar.

Logo adiante, o diálogo com o professor de história possibilita a proposição de pauta na editoria de *Educação*. Qual a realidade do ensino público no Brasil? E como estão as escolas estaduais no Rio Grande do Sul? As duas perguntas são formuladas a partir de declaração de Jorge Amado. “Se eu quisesse, poderia dar aula numa escola privada e ficar acomodado. Mas não troco o Estado. É outra realidade”, afirma, convicto. Levando em consideração a importância do fator humano para o jornalismo, conhecer essas histórias é fundamental para um retrato da educação brasileira que extrapole números e estatísticas. Os avanços da última década estão em risco nesse momento?

Seguindo a mesma lógica do questionamento anterior, temos uma quarta pauta, na editoria de *Direitos Humanos*. Voltando à questão das reformas propostas pelo governo Temer, o passageiro demonstra preocupação com os impactos sociais. Em outras palavras, quais são as consequências, para a classe trabalhadora, de

medidas como a liberação da terceirização irrestrita e o aumento da idade mínima para aposentadoria?

Para finalizar, o diálogo com Jorge Amado traz um assunto recorrente nas conversas de ônibus: a análise crítica da atuação da imprensa. A frequência em que o assunto aparece no transporte coletivo, na fala dos passageiros, traduz a necessidade de aprofundar o tema. Neste caso específico, o passageiro diz que é preciso formar bons jornalistas, “porque muitos se vendem”, justifica o professor. A declaração, forte e direta, serve como um alerta de que o assunto precisa ser encarado pelo próprio jornalismo.

## 6 CONVERSAS CRUZADAS

Olá, como vai?  
 Eu vou indo e você, tudo bem?  
 Tudo bem eu vou indo correndo  
 Pegar meu lugar no futuro, e você?  
 Tudo bem, eu vou indo em busca  
 De um sono tranquilo, quem sabe...  
 Quanto tempo... pois é...  
 Quanto tempo...

**Paulinho da Viola**

Engarrafamento ao final de tarde. Motoristas soam as buzinas, impacientes. Nas calçadas, homens e mulheres se esbarram nas saídas de edifícios. Comerciantes começam a baixar as grades de ferro que protegem as vidraças das lojas. No alto, letreiros luminosos oferecem o caminho para a felicidade com descontos de 30% nos tênis norte-americanos. Enquanto o sinal permanece fechado, olhares – antes fascinados com as luzes – se cruzam em reencontro.

A composição de Paulinho da Viola reflete o cotidiano das metrópoles contemporâneas. Em meio à velocidade do cenário urbano, quanto tempo nós dedicamos para trocar olhares e experiências? É justamente a intenção deste capítulo: fazer o cruzamento das vivências de campo com as contribuições teóricas dos autores abordados ao longo do texto. O título do capítulo, *Conversas cruzadas*, faz referência a uma característica marcante dos ônibus: o entrelaçamento de vozes, narrativas e personagens.

### 6.1 CRUZAMENTO DE PAUTAS

A vendedora da confecção de malhas preocupada com o desemprego. O leitor assíduo de jornais que visita a irmã hospitalizada. O imigrante senegalês que busca novas oportunidades em terras brasileiras. A senhora aposentada que pratica exercícios físicos para garantir a saúde. O professor de história avesso aos retrocessos sociais impostos pelo grupo político que tomou o Planalto de assalto em 2016. Personagens do cotidiano, entrelaçados pelo transporte coletivo.

Os treze diálogos transcritos nesta pesquisa oferecem um conjunto heterogêneo de vozes e narrativas. As conversas que participamos e observamos na *linha vermelha* foram responsáveis por fornecer subsídio para elaboração de – ao menos – 58 pautas diferentes, como pode ser observado no Quadro 14. Os assuntos transitam nas editorias de *Cotidiano*, *Economia*, *Mobilidade*, *Saúde*, *Educação*, *Esporte*, *Segurança*, *Política*, *Direitos Humanos* e *Imprensa*.

Quadro 14 - Cruzamento de pautas levantadas nos diálogos

(continua)

Editoria	Pautas
Cotidiano	1) dupla jornada de trabalho feminina; 2) receptividade dos caxienses com os novos moradores (2); 3) as diferenças na convivência entre cidades de pequeno, médio e grande porte; 4) pessoas que deixam e terra natal em busca de oportunidades na Serra Gaúcha; 5) a relação dos novos moradores com Caxias do Sul; 6) o cotidiano de quem trabalha como empregada doméstica; 7) o cotidiano de quem trabalha na varrição de rua; 8) adaptação de novos moradores à instabilidade climática de Caxias do Sul.
Mobilidade	1) suposto descaso do poder público com o transporte coletivo; 2) adaptação dos ônibus para a população idosa (2); 3) qualidade do transporte coletivo de Caxias do Sul, na comparação com o mesmo serviço em outras cidades; 4) vantagens do transporte coletivo frente ao transporte individual; 5) aperto da fiscalização nas estradas gaúchas; 6) adaptação dos passageiros ao Sistema Integrado de Mobilidade (SIM Caxias); 7) avaliação dos horários e linhas do transporte coletivo de Caxias do Sul; 8) avaliação das mudanças promovidas pelo SIM Caxias.
Esporte	1) a realidade adversa dos clubes de futebol do interior gaúcho; 2) elitização do acesso a eventos esportivos.

(continuação)

Editoria	Pautas
Economia	<ol style="list-style-type: none"> <li>1) demissões no setor têxtil de Caxias do Sul;</li> <li>2) efeitos econômicos da entrada de produtos asiáticos no mercado brasileiro;</li> <li>3) sobrecarga de trabalho nas empresas;</li> <li>4) demissões na indústria;</li> <li>5) medo do desemprego diante da crise (2);</li> <li>6) reformas trabalhista e previdenciária (2);</li> <li>7) novos hábitos de consumo no supermercado diante da crise econômica (2);</li> <li>8) oportunidades de emprego na área da engenharia, na região de Caxias;</li> <li>9) efeitos da crise econômica na geração de empregos;</li> <li>10) qualidade do atendimento no comércio caxiense;</li> <li>11) independência financeira da mulher contemporânea;</li> <li>12) a rotina dos trabalhadores noturnos;</li> <li>13) a realidade do trabalho informal nas ruas de Caxias do Sul (2);</li> <li>14) migrantes em busca de oportunidades de emprego na Serra Gaúcha;</li> <li>15) dificuldades pra quem procura emprego na indústria caxiense;</li> <li>16) o trabalho informal como alternativa de renda.</li> </ol>
Saúde	<ol style="list-style-type: none"> <li>1) suposto descaso da administração municipal com a rede pública de saúde;</li> <li>2) prática de exercícios físicos na terceira idade;</li> <li>3) avaliação do atendimento no Hospital Geral;</li> <li>4) falta de medicamentos nas Unidades Básicas de Saúde (UBS) de Caxias do Sul;</li> <li>5) os impactos da falta de medicamentos no cotidiano do cidadão.</li> </ol>
Educação	<ol style="list-style-type: none"> <li>1) a realidade do ensino público no Brasil, especialmente das escolas estaduais.</li> </ol>
Segurança	<ol style="list-style-type: none"> <li>1) insegurança para caminhar na rua à noite;</li> <li>2) situações de violência contra a mulher.</li> </ol>
Política	<ol style="list-style-type: none"> <li>1) avaliação do governo Temer (PMDB);</li> <li>2) eleições 2018;</li> <li>3) seletividade da Operação Lava-Jato;</li> <li>4) avaliação da administração municipal de Caxias do Sul;</li> <li>5) reformas trabalhista e previdenciária;</li> <li>6) a nova ofensiva da direita e o golpe parlamentar de 2016.</li> </ol>

(conclusão)

Editoria	Pautas
Direitos Humanos	1) empoderamento feminino, autodeterminação da mulher sobre o próprio corpo; 2) situações de violência doméstica; 3) a chegada de imigrantes senegaleses ao Brasil; 4) adaptação dos novos imigrantes em Caxias do Sul; 5) a dificuldade enfrentada por imigrantes senegaleses em encontrar emprego na região; 6) situações de preconceito vividas por imigrantes senegaleses; 7) preconceito sofrido pelos trabalhadores da varrição e limpeza urbana; 8) o impacto social das reformas propostas pelo governo Temer.
Imprensa	1) análise crítica da imprensa (2); 2) relativização das notícias publicadas na imprensa diária.

Fonte: Diário de campo.

Vale ressaltar que o agendamento de pautas que nos referimos nesta pesquisa está relacionado à abertura do jornalista aos assuntos cotidianos que podem ser transformados em matérias de interesse público e caráter social. Quando falamos em agendamento de pautas, portanto, não estamos sob a ótica convencional do jornalismo, que produz em rotina sufocante, assemelhando-se à linha de produção industrial. O agendamento que defendemos é alinhado ao Jornalismo Literário Avançado, que considera que “pautas muito relevantes para este século, realmente muito significativas, capazes de elevar transformativamente nosso nível de consciência, estão em aberto, aguardando escritores sensíveis” (LIMA, 2009, p. 446).

Desse modo, é importante fazermos algumas considerações sobre os assuntos cartografados nas conversas de ônibus. Na editoria de *Cotidiano*, por exemplo, podemos observar subsídios para a elaboração de oito pautas diferentes. A gama de abordagens vai desde a dupla jornada de trabalho feminina até o cotidiano de quem trabalha na varrição de rua, passando pelas diferenças na convivência entre moradores das cidades de pequeno, médio e grande porte. Chama atenção nesta editoria a recorrência de um assunto: a receptividade dos

caxienses com os novos moradores, pessoas que deixaram sua terra natal em busca de oportunidades na Serra Gaúcha.

Por sua vez, a editoria de *Mobilidade* também forneceu subsídios para pensarmos em oito pautas. Nesse caso, é válido ressaltar a predominância de assuntos relacionados ao transporte coletivo, tendo em vista o cenário dos diálogos. Dessa forma, conseguimos identificar vários temas ligados a esse quesito, incluindo as vantagens do transporte coletivo frente ao transporte individual, avaliação de linhas e horários dos ônibus de Caxias do Sul, a qualidade dos veículos e a adaptação dos usuários ao Sistema Integrado de Mobilidade, implantado em abril de 2016.

Ao contrário de *Cotidiano* e *Mobilidade*, a editoria de *Esporte* trouxe apenas dois assuntos ao longo dos diálogos. Vale ressaltar, ainda, que essas duas pautas foram levantadas na mesma conversa, no episódio *Um juventudista de Bento*. Mesmo com pouca frequência, os assuntos são muito pertinentes para aprofundamento jornalístico. Tanto a realidade adversa dos clubes de futebol do interior gaúcho, quanto a elitização do acesso aos eventos esportivos, são temas que merecem novas abordagens.

Na sequência, o destaque para a editoria de *Economia*, responsável por dezesseis pautas diferentes – sendo que quatro delas surgem mais de uma vez. São elas: o medo do desemprego diante da crise, as reformas trabalhista e previdenciária, os novos hábitos de consumo no supermercado e a realidade do mercado de trabalho informal. A recorrência desses assuntos nas conversas de ônibus pode ser explicada pelo cenário de incerteza na economia – principalmente após o processo de destituição da presidenta eleita em 2014, Dilma Rousseff, e posse do vice, Michel Temer, em maio de 2016.

Ainda nesta editoria, podemos verificar a existência de outros assuntos de grande valia para o jornalismo, como os efeitos econômicos da entrada de produtos estrangeiros no mercado brasileiro, as demissões na indústria, a sobrecarga de trabalho nas empresas, a qualidade do atendimento no comércio caxiense e a rotina dos trabalhadores noturnos. A variedade dos assuntos aqui apresentados também reflete a pluralidade das vozes. Afinal de contas, os passageiros ouvidos formam um grupo heterogêneo.

Adiante, a editoria *Saúde* traz cinco assuntos para serem desdobrados jornalisticamente. Na maioria dos casos, temas de caráter local ou regional, como o

suposto descaso da administração municipal com a rede pública, a falta de medicamentos nas Unidades Básicas de Saúde e avaliação do atendimento médico no Hospital Geral de Caxias do Sul. O assunto mais abrangente desta editoria é a prática de exercícios físicos na terceira idade – pauta que surgiu com muita irreverência, no diálogo *A Campanha*.

As editorias de *Educação e Segurança*, por sua vez, foram responsáveis por levantar a proposta de três pautas. No primeiro caso, a realidade do ensino público no Brasil, com foco nas escolas estaduais do Rio Grande do Sul. No segundo, a insegurança para caminhar pelas ruas à noite e situações de violência de gênero nos centros urbanos. É curioso observar que educação e segurança – temas recorrentes, por exemplo, nas campanhas eleitorais e no jornalismo diário – apareceram com pouca frequência nos treze diálogos transcritos nesta pesquisa.

Em contrapartida, *Economia e Política* predominaram nas conversas. Assuntos como as eleições 2018, a seletividade da Operação Lava-Jato e avaliação dos governos municipal (Daniel Guerra, PRB) e federal (Michel Temer, PMDB) foram frequentes na *linha vermelha*. Além disso, não podemos deixar de mencionar a recorrência de pautas na editoria *Direitos Humanos*, sinalizando a crescente conscientização com relação a temas como preconceito (nas suas variadas formas) e empoderamento feminino. O impacto social das reformas propostas pelo governo Temer também marcou presença nos diálogos.

Por último, cabe destacar um assunto que apareceu em três ocasiões durante as conversas de ônibus: a análise crítica dos conteúdos publicados pela imprensa. O surgimento de pautas voltadas à prática jornalística é um sinalizador que justifica a importância desta pesquisa. A desconfiança que alguns passageiros demonstraram em relação a materiais veiculados em jornais impressos e emissoras de rádio e televisão evidencia as brechas deixadas pela narrativa jornalística tradicional. Esse é um dos motivos que demonstram a urgência de repensarmos a prática do jornalismo a partir do mergulho visceral na realidade, empoderamento das vozes cotidianas e humanização dos relatos - como propomos neste trabalho.

## 6.2 ASPECTOS SINALIZADORES DO JORNALISMO CONTEMPORÂNEO

Além do cruzamento das pautas levantadas ao longo dos treze diálogos, também é importante sinalizar ao passageiro-leitor aspectos característicos do



jornalismo contemporâneo, identificados nas narrativas. De antemão, vale recordar as três principais características do Jornalismo Literário Avançado: o resgate da arte narrativa, a humanização dos relatos e a imersão no campo dos acontecimentos (LIMA, 2009, 436-448).

Começando pelo resgate da arte narrativa, podemos sinalizar dois aspectos. O primeiro está relacionado ao próprio campo de pesquisa, onde os personagens são contadores de histórias. Se a transcrição dos diálogos foi responsável por fornecer subsídios para elaboração de dezenas de pautas em editorias múltiplas, isso só foi possível por meio da escuta atenta e sensível às histórias cotidianas. Ou seja, as experiências vivenciadas nos ônibus demonstram que o cotidiano é repleto de narrativas que transcendem o modelo jornalístico convencional.

Num segundo momento, o resgate da arte narrativa pode ser observado no cuidado que tivemos para contextualizar cada um dos treze diálogos. Os textos que introduzem as conversas não seguem a lógica da pirâmide invertida. Buscamos, no cotidiano, elementos ligados aos aspectos sensoriais – como a visualidade, os aromas, os ruídos e até mesmo a memória coletiva dos lugares –, tentando demonstrar alternativas ao modelo tradicional de narrativa.

Cabe ressaltar, também, o ‘protagonismo anônimo’ sinalizado por Cremilda Medina (2003, p. 93). Os subsídios que levantamos nos quadros do capítulo anterior nasceram com os personagens cotidianos. Ou seja, os assuntos de interesse jornalístico não surgiram na redação para ser verificado na rua, posteriormente. Eles surgiram na rua – mais precisamente, no transporte coletivo –, na experiência empírica do repórter-pesquisador.

Sendo assim, chegamos à segunda característica marcante do Jornalismo Literário Avançado verificada nas conversas de ônibus: a imersão visceral na realidade. Não podemos esquecer que repensar a prática jornalística requer proximidade com o campo dos acontecimentos. Para isso, o jornalista – ou pesquisador – precisa estar aberto ao inesperado. É preciso despir-se de eventuais preconceitos e ir a campo sem planejamento prévio de eventuais fontes ‘adequadas’ para falar sobre determinado assunto.

Como exemplo, podemos recordar que a pauta da falta de médicos nas Unidades Básicas de Saúde não surgiu na redação, para ser verificada, posteriormente, com as fontes oficiais. Trata-se de um assunto que brotou do cidadão afetado diretamente pelo contexto. Por consequência, estamos diante de

outra estrutura narrativa, onde as fontes oficiais podem, sim, aparecer na elaboração das matérias jornalísticas. No entanto, isso deve ocorrer como complemento às falas dos personagens da rua. Primeiramente, é o cidadão que expõe sua realidade.

É pertinente observar que a imersão na realidade descrita pelos personagens cotidianos faz com que o jornalista também sinta na pele o mesmo contexto. Por exemplo, nos diálogos em que foram relatadas as mudanças no sistema de mobilidade de Caxias do Sul, também estávamos vivendo essas mudanças – no mesmo ônibus, inclusive. Situação semelhante também pode ser verificada na preocupação dos passageiros quanto ao futuro do país, em assuntos como as reformas trabalhista e previdenciária. Por mais que o assunto tenha surgido de maneira espontânea, os temas acabam afetando diretamente toda a classe trabalhadora do país.

Em contrapartida, cabe ressaltar a importância dos momentos de não interferência no campo dos acontecimentos. Assim como a observação participante é fundamental em diversos momentos, em outros, a observação pura e simples do ambiente pode resultar em subsídio de pautas. Isso pode ser verificado em episódios como *Luvras cortadas* e *Corpo meu*, onde não participamos ativamente do diálogo. São conversas que compõem o ambiente de pesquisa, mas não acontecem por intermédio do pesquisador. Reconhecer essas oportunidades também requer sensibilidade.

Por fim, considerando que o Jornalismo Literário Avançado está alicerçado na transdisciplinaridade (valorização dos conhecimentos nas diversas áreas), podemos verificar que as conversas de ônibus versam desde assuntos de economia aos saberes tradicionais, como crenças e valores culturais da região. Pegando o diálogo *Luvras cortadas* como exemplo, é possível verificar, ao mesmo tempo, que a fala das passageiras carregam traços de luta contra a operação de gênero e expressões de cunho religioso. Não cabe, aqui, julgar se as manifestações são conflitivas, mas reconhecer a multiplicidade dos saberes. Compreender a pluralidade é essencial para que se possa ampliar o olhar para a matriz narrativa do cotidiano da cidade e suas histórias.

## 7 ESTAÇÃO DE DESEMBARQUE

Mande notícias do mundo de lá  
 Diz quem fica  
 Me dê um abraço, venha me apertar  
 Tô chegando  
 Coisa que gosto é poder partir  
 Sem ter planos  
 Melhor ainda é poder voltar  
 Quando quero  
 Todos os dias é um vai-e-vem  
 A vida se repete na estação  
 Tem gente que chega pra ficar  
 Tem gente que vai pra nunca mais  
 Tem gente que vem e quer voltar  
 Tem gente que vai e quer ficar  
 Tem gente que veio só olhar  
 Tem gente a sorrir e a chorar  
 É assim, chegar e partir  
 São só dois lados  
 Da mesma viagem

**Milton Nascimento e Fernando Brant**

Enquanto o ônibus dessa apaixonante viagem chamada *pesquisa* se aproxima da *Estação de desembarque*, é importante fazer uma avaliação dos meses transcorridos desde o início do projeto. Não cabe aqui quantificar os resultados alcançados, mas refletir sobre o processo de constante aprendizado na prática investigativa. Foram doze meses desde a definição do objeto de estudo, um período de descobertas intensas e inesquecíveis.

Tendo como ponto de partida o objetivo central de *Narrativas passageiras* – cartografar conversas de ônibus e verificar a possibilidade de proposição de pautas a partir dessas narrativas –, buscamos discutir, desde o início, o potencial comunicativo dos textos cotidianos. Para tanto, foi necessário definir uma série de objetivos específicos e itinerários de pesquisa a serem percorridos.

Fazendo uma rápida retrospectiva pela estrutura textual, é possível verificar que os capítulos dialogaram entre si, formando uma sequência narrativa coerente com os assuntos de interesse: narrativa jornalística e conversas de ônibus. A *Estação de embarque*, por exemplo, não só introduziu o passageiro-leitor no

universo temático que abordaríamos, como também antecipou algumas das reflexões que retomaríamos, de forma aprofundada, em momentos posteriores.

Em seguida, no texto *O menino e o ônibus*, convidamos o leitor para conhecer um pouco da trajetória de vida do passageiro-pesquisador, esclarecendo algumas questões fundamentais, a fim de que se compreendesse *quem* escreve e as *motivações*. Como nos lembra Paulo Freire, nenhuma escrita é neutra. Pronunciar o mundo é um gesto político e discorrer sobre essa característica, portanto, nos pareceu fundamental para justificar as escolhas e posicionamentos teórico-metodológicos adotados ao longo do texto.

A discussão sobre o cenário de mutação da Ciência ganhou espaço no terceiro capítulo, batizado de *Itinerários de pesquisa* – fazendo alusão ao trajeto diário cumprido pelos ônibus do transporte coletivo. Por tratar-se de uma pesquisa em movimento, alinhada à estratégia metodológica da Cartografia de Saberes, apresentamos as técnicas e ferramentas de pesquisa que utilizamos nas fases de planejamento e execução do trabalho.

Na sequência, em *Jornalismo: que viagem é essa?*, optamos por um referencial teórico transdisciplinar, abordando textos que nos auxiliaram desde a discussão sobre narrativa e narrativa jornalística, até fazer um mergulho em correntes contemporâneas do jornalismo. Nesse aspecto, vale ressaltar as propostas do Jornalismo Literário Avançado e do Jornalismo Amoroso. Tentamos refletir, ainda, aspectos da urbanidade e a formação do imaginário nos centros urbanos – debate necessário para compreendermos o caráter passageiros das narrativas tecidas nas cidades contemporâneas.

Por entendermos que o pesquisador é um sujeito que se aventura pela viagem investigativa, a fim de socializar as experiências vividas em campo, a elaboração do texto seguiu pressupostos do Jornalismo Literário Avançado. Além da imersão visceral na realidade e da humanização dos personagens e das narrativas, tentamos resgatar as marcas de oralidade dos contadores de histórias. Essa escolha se justifica em uma necessidade que nos parece latente na contemporaneidade: dinamizar o texto acadêmico, tendo em vista a democratização do acesso à produção científica.

Esse exercício narrativo pode ser observado no quinto capítulo, que traz o relato das experiências de campo. Os treze diálogos transcritos em *“Se me deixam falar”* convidam o passageiro-leitor a embarcar nos ônibus da *linha vermelha*. Vale

ressaltar que as narrativas tecidas neste capítulo, acompanhadas do levantamento de pautas e breve comentário da experiência, formaram uma cartografia em movimento, coerente com a pluralidade do cenário da pesquisa. Por último, em *Conversas cruzadas*, trouxemos um levantamento completo de todos assuntos que surgiram nas experiências de campo, além de registrar os aspectos sinalizadores do jornalismo contemporâneo encontrados no percurso.

Além de alcançar os objetivos propostos inicialmente, preciso reconhecer que desembarco com o mesmo sorriso de menino de quando decidi embarcar no ônibus desta saborosa viagem chamada *pesquisa*. O que mudou foi a bagagem, que retorna recheada de experiências que me fizeram crescer como pesquisador iniciante, jornalista em formação e, principalmente, *ser humano*. Também fico feliz por contribuir, mesmo que de forma singela, para o debate acerca das práticas jornalísticas na contemporaneidade. A arte de contar histórias continua me conquistando diariamente – e não pretendo oferecer resistência a essa paixão.

Por fim, cabe ressaltar que as linhas teóricas percorridas no texto, associadas aos relatos de observação participante no transporte coletivo, nos trazem a percepção de que é possível repensar o espaço geográfico a partir das narrativas cotidianas. A cidade é um texto complexo e os deslocamentos urbanos produzem narrativas sinalizadoras dessa complexidade. Para tanto, é fundamental recorrermos à perspectiva de um jornalismo pautado pela abordagem humanizada, a fim de reconhecermos no outro os olhares múltiplos e sensíveis, necessários para a construção de territórios mais solidários.

Contar histórias é uma arte delicada e o jornalismo, que busca nas ruas sua matéria-prima, não pode ficar refém das rotinas industriais de produção da notícia. Por consequência, ser um jornalista socialmente comprometido implica no exercício diário de empoderar os personagens do cotidiano. Dar voz às histórias que brotam das ruas, sejam elas centrais ou periféricas. No caso deste trabalho, dar voz às narrativas passageiras que circulam pelos ônibus.

Não quero adotar o tom nostálgico de despedida. Afinal de contas, como nos lembra Milton Nascimento e Fernando Brant, “chegar e partir são só dois lados da mesma viagem”. As jornadas investigativas são como as narrativas cartografadas nesta pesquisa, passageiras e vibrantes. O ônibus do jornalismo retorna à estação e abre as portas para o desembarque. Cada chegada é também a força de inspiração para trilhar novas viagens. A jornada não termina aqui.

## REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. **Cartografia de Saberes na Pesquisa em Turismo**: Proposições Metodológicas para uma Ciência em Mutação. Rosa dos Ventos, v. 6, p. 342-355, 2014.

\_\_\_\_\_. **Jornalismo Amoroso. Quem quer (a)provar?**. REBEJ – Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo. Ponta Grossa, v.1, n.9, p. 93-118, jan. a jun. 2012.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de radiojornalismo**: produção, ética e internet. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2014.

ERBOLATO, Mário L. **Dicionário de propaganda e jornalismo**: legislação, termos técnicos e definições de cargos e funções, abrangendo as atividades das agências de propaganda e jornalismo impresso, radiofônico e de televisão. Campinas, SP: Papyrus, 1985.

\_\_\_\_\_. **Técnicas de codificação em jornalismo**: redação, captação e edição no jornal diário. São Paulo: Ática, 2008.

FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. **Ver a cidade**: cidade, imagem, leitura. São Paulo: Nobel, 1988.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GALEANO, Eduardo. **O caçador de histórias**. Porto Alegre: L&PM, 2016.

GARCIA, Luiz. **Manual de redação e estilo**. Rio de Janeiro: Globo, 1992.

GASTAL, Susana. **Alegorias urbanas**: o passado como subterfúgio: tempo, espaço e visualidade na pós-modernidade. Campinas, SP: Papyrus, 2006.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Memória do Futuro**: Jornalismo Literário Avançado no Século XXI. INOVCOM – Revista Brasileira de Inovação Científica em Comunicação. [S. l.], v. 5. n. 2, p. 68-78, set. 2013.

\_\_\_\_\_. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1998. (Coleção Primeiros Passos).

\_\_\_\_\_. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Barueri, SP: Manole, 2009.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Para entender a comunicação**: Contatos antecipados com a nova teoria. São Paulo: Paulus, 2008.

MATURANA, Humberto R. **Emoções e linguagem na educação e política**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano**. São Paulo: Summus, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. (Coleção temas sociais).

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 4. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2003. (Coleção Epistemologia e Sociedade).

PEIXOTO, Nelson Brissac. O olhar do estrangeiro. In: NOVAES, Adauto (Org.). **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Afrontamento, 1997.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: Do pensamento único à consciência universal**. 17. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

\_\_\_\_\_. **O monopólio da fala: função e linguagem da televisão no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

\_\_\_\_\_; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: Notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.

STUMPF, Ida Regina C.. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; DUARTE, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2014.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2005.

**APÊNDICES**  
**APÊNDICE A – PROJETO MONOGRAFIA I**

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL**

**RONALDO VELHO BUENO**

**TEIA-TRAMA CONTEMPORÂNEA:  
as narrativas urbanas como matriz potencializadora  
do jornalismo amoroso e cidadão**

Caxias do Sul  
2016



**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO**

**RONALDO VELHO BUENO**

**TEIA-TRAMA CONTEMPORÂNEA:  
as narrativas urbanas como matriz potencializadora  
do jornalismo amoroso e cidadão**

Projeto de Trabalho de Conclusão de  
Curso apresentado como requisito para  
aprovação na disciplina de Monografia I.

Orientador(a): Prof<sup>a</sup> Dra. Maria Luiza  
Cardinale Baptista.

Caxias do Sul  
2016

**SUMÁRIO**

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>04</b>
1.1 CONFISSÕES DE UM JOVEM PESQUISADOR .....	06
<b>2 TEMA .....</b>	<b>11</b>
2.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA .....	11
<b>3. OBJETIVOS .....</b>	<b>12</b>
3.1 OBJETIVO GERAL .....	12
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	12
<b>4 JUSTIFICATIVA .....</b>	<b>13</b>
<b>5 REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>15</b>
5.1 COMUNICAÇÃO E NARRATIVA .....	15
5.2 JORNALISMO CLÁSSICO E JORNALISMO CONTEMPORÂNEO .....	17
5.3 CENÁRIOS URBANOS .....	22
<b>6 QUESTÃO ORIENTADORA .....</b>	<b>28</b>
<b>7 ASPECTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>29</b>
<b>8 ROTEIRO DOS CAPÍTULOS .....</b>	<b>35</b>
<b>9 CRONOGRAMA .....</b>	<b>36</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>37</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Amou daquela vez como se fosse a última  
 Beijou sua mulher como se fosse a última  
 E cada filho seu como se fosse o único  
 E atravessou a rua com seu passo tímido  
 Subiu a construção como se fosse máquina  
 Ergueu no patamar quatro paredes sólidas  
 Tijolo com tijolo num desenho mágico  
 Seus olhos embotados de cimento e lágrima  
 Sentou pra descansar como se fosse sábado  
 Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe  
 Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago  
 Dançou e gargalhou como se ouvisse música  
 E tropeçou no céu como se fosse um bêbado  
 E flutuou no ar como se fosse um pássaro  
 E se acabou no chão feito um pacote flácido  
 Agonizou no meio do passeio público  
 Morreu na contramão atrapalhando o tráfego  
 [...]

(HOLLANDA, 1971)

Desde que se tornaram palco dos principais acontecimentos da vida em sociedade, as cidades têm servido de inspiração para poetas, escritores e músicos. Esse é o caso de *Construção*, música escrita por Chico Buarque de Hollanda em 1971. É possível visualizar – e ouvir! –, por meio desta composição, alguns dos traços característicos das relações sociais e econômicas do processo de urbanização do Brasil. O operário de construção civil, que deixa mulher e filhos para erguer “paredes sólidas/mágicas/flácidas” no patamar de um edifício qualquer, espelha seu rosto nas multidões dos vários centros urbanos brasileiros dos séculos XX e XXI.

A complexidade do cenário urbano – traduzida nos versos de Chico Buarque -, também tem atraído, historicamente, os olhares dos cientistas sociais. Mas, afinal, o que é uma cidade? Quais os elementos básicos que a constituem? Recorrendo à obra da arquiteta e urbanista Raquel Rolnik para essa fundamentação, encontramos

a definição de que “[...] a cidade é antes de mais nada um imã, antes mesmo de se tornar local permanente de trabalho e moradia” (ROLNIK, 1995, p. 13). Isto é, conforme a autora, o aspecto essencial que caracteriza uma cidade é a sua condição para atrair e reunir seres humanos. Em outras palavras, um campo aberto para a interação de subjetividades.

Além disso, ao abordar a cidade como uma espécie de escrita histórica e social, Rolnik explora o potencial comunicativo dos aglomerados urbanos:

“O desenho das ruas e das casas, das praças e dos templos, além de conter a experiência daqueles que os construíram, denota o seu mundo. É por isto que as formas e tipologias arquitetônicas, desde quando se definiram enquanto hábitat permanente, podem ser lidas e decifradas, como se lê e decifra um texto” (ROLNIK, 1995, p. 17).

Nesse sentido, *Teia-trama contemporânea: as narrativas urbanas como matriz potencializadora do jornalismo amoroso e cidadão* tem a intenção de ampliar o debate sobre o papel desempenhado por esses textos cotidianos no processo de redescoberta dos nossos lugares de existência. Um esforço que caminha no sentido de uma comunicação cidadã e amorosa, compromissada socialmente e coerente com o dinamismo cultural da contemporaneidade.

A abordagem teórica utilizada nesta pesquisa é transdisciplinar, percorrendo as perspectivas da Comunicação, com textos sobre o Jornalismo Literário Avançado, de Edvaldo Pereira Lima, e o Jornalismo Amoroso, de Maria Luiza Cardinale Baptista. O referencial também contempla textos e artigos que trazem a conceituação dos gêneros jornalísticos, com destaque para as colaborações de Cremilda de Araújo Medina, Maria Helena Ferrari e Muniz Sodré. A discussão sobre os aspectos da urbanidade e a relação sujeito-território é fundamentada nos estudos alinhados à Geografia Crítica, ressaltando os trabalhos de Milton Santos e David Harvey.

No que diz respeito aos aspectos metodológicos, optou-se por uma abordagem com orientação qualitativa, de cunho exploratório, associando a realização de levantamento bibliográfico, relatos de observação participante no cenário urbano de Caxias do Sul e entrevistas em profundidade. Os passos trilhados no desenvolvimento deste trabalho são orientados pela estratégia metodológica da Cartografia de Saberes, uma espécie guarda-chuva capaz de abrigar as técnicas e recursos de pesquisa já mencionados.

A partir do referencial teórico e da estratégia metodológica, pretende-se responder à seguinte pergunta: como as narrativas urbanas de Caxias do Sul se configuram em matrizes potencializadoras do jornalismo amoroso e cidadão? Antes de prosseguirmos com a viagem, é importante compreender como nasceu este projeto. O passeio está só começando.

## 1.1 CONFISSÕES DE UM JOVEM PESQUISADOR

Como descrever o momento exato em que brota um projeto de pesquisa? Isso é possível? Fazendo uma rápida perspectiva sobre a minha trajetória universitária, admito não ter conseguido localizar, precisamente, o instante em que jornalismo e cenários urbanos surgiram como campos de interesse. Será que eles sempre estiveram presentes?

Vem à tona a minha primeira confissão: o tema desta pesquisa não foi descoberto/escolhido por mim, unicamente. Trata-se de um processo coletivo, partilhado com inúmeras pessoas, a quem, de antemão, gostaria de registrar meu profundo e sincero agradecimento. Estar aqui, diante de uma tela branca preenchida gradativamente por este projeto, não seria possível sem o esforço conjunto de muitos protagonistas. Como tentarei descrever nas linhas que seguem, fazer Ciência na contemporaneidade é ser um caminhante que está sempre de mãos dadas. Retornemos, então, ao meu ingresso na vida acadêmica.

Escolhi seguir as trilhas do jornalismo desde cedo, antes mesmo que exercessem sobre mim a tradicional pressão para a escolha de um caminho de vida. Não acredito, inclusive, que a vida seja feita apenas de um caminho, mas vislumbrei no jornalismo a possibilidade de contribuir de alguma forma para um mundo melhor e mais humanizado. Ser jornalista era a oportunidade de ser um agente de transformação social.

Sendo assim, apagadas as luzes e cerradas as cortinas do Ensino Médio, iniciava-se mais um ato desse espetáculo ao qual chamamos de vida. Inegavelmente, o ingresso dos estudantes da Universidade é um dos momentos marcantes nas vidas daqueles que têm essa oportunidade. Assim como em outras situações pontuais, inserir-se no ambiente do ensino superior é um marco, que concentra expectativas, aflições, inquietudes. Para mim não foi diferente. Aquele

mar de novidades mescla o encantamento pelo imensurável com o temor pelo desconhecido.

Passada a euforia que o novo sempre nos traz, no entanto, comecei a perceber os mesmos vícios de outrora, a monotonia daquilo que se repete e busca se perpetuar. A peça tornava-se, outra vez, mecânica, rígida e previsível. Sentia-me um naufrago, largado à própria sorte em uma ilha selvagem. Fugir deste local inóspito era nadar contra a maré, sem amparo alheio. Após alguns meses de vida universitária, eram esses os sentimentos que se acotovelavam dentro de mim.

As engrenagens desse sistema empoeirado tentavam me sufocar. Como conseguir alcançar – e até mesmo superar – nossas expectativas em relação à vida universitária em um ambiente acadêmico rígido e arcaico? Foi em meio a esse emaranhado de tortuosas dúvidas que conheci a professora Maria Luiza Cardinale Baptista, na disciplina de Teoria da Comunicação I, no já longínquo 2013.

Impossível esquecer, ainda nas primeiras semanas de aula, da frase disparada pela professora: “Ronaldo, você tem o brilho de pesquisador no olhar”. Foi o prelúdio do convite para eu participar dos encontros semanais do Amorcomtur! Grupo de Estudos e Produção em Comunicação, Turismo e Amorosidade, que surgiu instantes depois, sereno, mas avassalador. A professora sintetizou-me as reuniões como encontros entre sujeitos, mediados pelo diálogo, com intensa discussão teórica, voltada à produção científica na graduação. Como não me sentir provocado após essa definição? Provocação que sempre carrega, em si mesma, um embrião de curiosidade, uma fagulha que nos instiga – a fagulha que fez reacender em mim a chama de contribuir para a transformação, para a reinterpretção das práticas jornalísticas.

Fazendo uma analogia, é possível descrever esse meu contato inicial com o grupo como o resultado da minha tentativa de naufrago em lutar contra a maré para escapar de tal ilha. No percurso, deparei-me com um bote salva-vidas que veio ao meu resgate. Isto é, se tivesse desistido de ir contra a corrente, teria permanecido isolado. E foi movido por esse sentimento de busca que, em uma fria noite de sexta-feira de abril, fui até o campus da Universidade disposto a juntar-me ao grupo.

Ao chegar à sala indicada, encontrei duas colegas, que me receberam informalmente; logo depois, também chegou a professora e os outros colegas. Estava inquieto, a princípio, aguardando, com curiosidade, pelo início de nosso

encontro. Foi aí, então, que tive minha primeira surpresa: não houve um *início*, propriamente dito. O que houve, a meu ver, foi um prosseguimento da conversa.

Contei o que me trouxe até o encontro, falei sobre o que estava lendo no momento e, conseqüentemente, produzindo (ou não) em termos de textos, bem como sobre as minhas expectativas quanto ao fato de participar de um grupo de pesquisa. Nossas falas, ao entrecruzarem-se, começavam a formar um relato vivo de experiências que, pouco a pouco, teciam uma trama entre nós. Percebi que nossa interação, na forma do diálogo, estava repleta de reflexão, tanto no que se refere à teoria, quanto no que diz respeito a nossa relação com o mundo.

As reuniões semanais do Amorcomtur! denominam-se Encontros Caóticos da Comunicação e do Turismo. É nesse espaço que os estudantes, mobilizados pela líder do grupo, compartilham as suas experiências, sejam elas referentes aos estudos e à pesquisa, ou as mais simples formas de contato com a realidade objetiva e subjetiva na qual estamos inseridos. Esse compartilhar, o 'tecer com', é realizado por meio do diálogo, no formato roda de conversa: um modo simples e, ao mesmo tempo, profundo, de encontrar-se com o Outro. É durante esse momento de encontro que problematizamos nossa existência e, em decorrência disso, acabamos por teorizar, por criar conhecimentos novos e híbridos.

Percebo que, nesse processo de interação 'em roda', 'em conversa', vivenciamos a desconstrução do modelo tradicional de ensino, uma vez que todos somos 'sujeitos', iguais interlocutores no diálogo. Falamos e ouvimos, tocamos e somos tocados pelo que nos dizem. Discutimos e refletimos sobre livros, autores, artigos, teorias, conceitos e correntes do pensamento. Acredito que vivenciamos, nessa prática de relação não hierarquizada, a dissolução daquele abismo que a rigidez da Academia tradicional faz existir entre os graduandos e os professores, principalmente os de maior graduação, os doutores, pós-doutores.

Ao participar de um grupo de pesquisa, pude perceber que a luta por uma Universidade mais dinâmica e humanizada não era menos difícil. Dei-me conta, porém, que essa condição de pertença me permitia olhar para os lados e contar com o apoio daqueles que partilhavam desses mesmos anseios. Estar em relação com o outro é uma experiência prazerosa, desejante e humanizadora. E é justamente isso que os Encontros Caóticos da Comunicação e do Turismo nos proporcionam.

Reunimo-nos semanalmente: graduandos e mestrandos, mobilizados para a investigação científica, pela professora líder do grupo. Vemo-nos lado a lado, com

igual direito à palavra. Os Encontros Caóticos me possibilitaram, por meio do diálogo, compartilhar minhas inquietações, angústias, questionamentos, enfim, as experiências inerentes à pesquisa e à vida. Vemo-nos lado a lado, também, a ouvir os relatos de nossos semelhantes. Nesse ouvir, encontramos, muitas vezes, problemas que também nos acometem, situações parecidas, que se aplicam as nossas vivências. E com isso também aprendemos.

Nesse sentido, um dos aspectos diferenciais nesta inter-relação entre sujeitos é o próprio fato do *encontro*, da colisão de subjetividades, o que torna o nosso diálogo uma prática mais humanizada. Isto é, cada vez em que falo, consigo sentir uma imersão do grupo na discussão, por meio de seus olhares ou de suas expressões faciais; da mesma forma que ocorre comigo durante a exposição de outro colega.

Impossível esquecer, por exemplo, da resposta que recebi para os constantes relatos que tecia sobre minhas experiências no transporte coletivo. Andar de ônibus sempre foi uma realidade e um encantamento, dada a imensidão de narrativas que esse cenário proporciona. Inesperada, no entanto, foi a proposta para que eu registrasse, em produção literária, episódios marcantes deste universo. A ideia, que surgiu com a líder do grupo, logo se transformou em uma parceria com a colega de pesquisa Jennifer Bauer Eme. Um dos textos resultantes, a crônica *Olhares Cruzados*, conquistou o primeiro lugar no Concurso Anual Literário da Biblioteca Pública Municipal Erico Verissimo, em Flores da Cunha/RS.

Ou seja, é por meio desse processo de criação coletiva que nos constituímos e nos afirmamos como sujeitos-pesquisadores, como produtores de conhecimento científico, no ambiente da graduação. É através dessa consciência que nos aflora, como grupo, que refletimos sobre nossa relação com o mundo. É na roda de conversa, por sua vez, que vemos brotar novos questionamentos, que irão amadurecer até se tornarem objetos de estudos, projetos de pesquisa consistentes, que acionem e reafirmem nosso desejo pelas buscas e (re)descobertas.

É justamente por este motivo que reafirmo, tranquilamente, que esta pesquisa é fruto de um esforço coletivo. É possível dizer que o meu interesse pelo jornalismo e pelas narrativas urbanas esteve sempre me acompanhando, mesmo antes do ingresso na vida universitária. Perceber isso, entretanto, só foi possível ao dar as mãos, trocar experiências e permitir-me sujeito/autor em coletividade.



## **2. TEMA**

Narrativas urbanas e o jornalismo amoroso e cidadão.

### **2.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA**

Análise de narrativas urbanas, em Caxias do Sul, considerando os textos urbanos como matrizes potencializadoras do jornalismo amoroso e cidadão.

### **3. OBJETIVOS**

#### **3.1 OBJETIVO GERAL**

Analisar narrativas urbanas em Caxias do Sul, na Serra Gaúcha, considerando-as como matrizes potencializadoras do jornalismo amoroso e cidadão.

#### **3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- discutir a conceituação de narrativa;
- caracterizar os cenários urbanos na contemporaneidade;
- apresentar o cenário urbano de Caxias do Sul, na Serra Gaúcha;
- discutir os conceitos de jornalismo amoroso e cidadão;
- verificar a relação existente entre as narrativas urbanas presentes em Caxias do Sul com o jornalismo amoroso e cidadão.

#### 4. JUSTIFICATIVA

Por que esta pesquisa é importante para o estudo do jornalismo e pertinente ao campo da Comunicação? Para responder a esse questionamento, é preciso voltar à temática e aos objetivos propostos anteriormente e levar em consideração que as narrativas urbanas são presença constante nas nossas vidas. O mesmo pode ser dito sobre o jornalismo.

Desde o momento em que acordamos, estamos interagindo com o ambiente externo e com as pessoas ao nosso redor. Esse movimento nos faz tecer, voluntária e involuntariamente, as narrativas do nosso cotidiano. Não estamos nos referindo, necessariamente, a textos escritos ou falados. As narrativas urbanas também residem nas experiências sensoriais e subjetivas de troca com o território. São gestos, olhares, expressões corporais, aromas, ruídos e sabores. Tudo isso contribui para o processo de significação do ambiente em que estamos inseridos. Existe um grande potencial de troca. Todos esses fluxos – sejam eles linguísticos ou extralinguísticos, concretos ou abstratos, corporais ou extracorporais – trazem uma possibilidade de comunicação.

Com o jornalismo não é diferente. Ele está presente nas nossas vidas de maneira muito constante. Dispensando aqui o recorrente maniqueísmo nas análises sobre as mensagens jornalísticas, é preciso reconhecer que estamos todos inseridos nesta grande arena de debate. Salvo as críticas aos *usos* e *desusos* do jornalismo – que precisam ser feitas, logicamente –, se faz necessário, também, repensar o modo que o jornalismo está sendo feito.

É válido notar que predomina, nas redações dos veículos tradicionais de imprensa (seja ela escrita, falada ou televisionada), a preferência pelos textos objetivos, enxutos e impessoais. Trata-se do modelo da pirâmide invertida, cristalizada nas perguntas básicas do *lead* (O que? Quem? Quando? Onde? Por quê? Como?). Mas será que este modelo é suficiente para contar as inúmeras histórias de vidas que transitam pelos cenários urbanos?

Esta pesquisa, portanto, pretende apresentar alternativas ao modelo tradicional de jornalismo. Mesmo reconhecendo o seu contexto de surgimento e consolidação (além, é claro, a sua importância histórica), é preciso avançar quando o assunto é narrativa jornalística. É latente a necessidade de buscarmos a reinvenção das fórmulas e das práticas.

Contar histórias é uma arte delicada. O jornalismo, que busca no cotidiano a sua matéria-prima, não pode ficar refém das rotinas industriais de produção da notícia. Apostar num jornalismo socialmente comprometido, pautado pela humanização das narrativas, significa estar atento às inúmeras transformações culturais, sociais e políticas dos últimos anos.

Essa reflexão também é importante para compreendermos o potencial dos métodos alternativos de vivência da realidade. A prática jornalística não deve ser reduzida a processos puramente mecânicos. Também é preciso avançar neste ponto. Assim como as narrativas não precisam, necessariamente, ser enxutas e objetivas (pois a realidade social não o é), o jornalista não precisa ser apenas um executor de pautas. Afinal de contas, o jornalista também sente. Ele vive as percepções sensoriais sobre os cenários das pautas, as emoções das fontes, o ponto/clima da narrativa.

Vale lembrar que as técnicas de escrita e ferramentas tecnológicas, por si só, são insuficientes para essa proposta de jornalismo humanizado. Basta olharmos para a propagação de mensagens de ódio e informações inverídicas nas redes sociais. A construção de um jornalismo plural e humano passa pela valorização do conteúdo responsável socialmente.

É preciso garantir autonomia para que as histórias do cotidiano sejam contadas, com esmero e qualidade. Do contrário, veremos apenas a reprodução de velhos vícios em novas plataformas. Seja no papel, na fita de vídeo ou no disco rígido de um computador qualquer, o jornalismo humanizado só é possível com a humanização dos olhares e com o toque fraterno entre os sujeitos.

## 5 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico desta pesquisa é transdisciplinar, percorrendo a conceituação de comunicação e narrativa, passando pelas teorias clássicas e contemporâneas do jornalismo, além de fazer aproximações com estudos sobre os cenários urbanos. Para tanto, recorreremos a autores-chave em cada um dos eixos teóricos que compõem este trabalho.

Por se tratar de uma abordagem transdisciplinar, o referencial será apresentado no formato de *filamentos*, tecendo uma espécie de 'teia-trama' de saberes. Sendo assim, é válido ressaltar que as contribuições dos autores estudados podem se entrelaçar, em certos momentos, assemelhando-se a uma teia de aranha. É justamente essa interação, com pontos de encontro pulsantes, que mantém o sistema coeso e o sustenta.

### 5.1 COMUNICAÇÃO E NARRATIVA

Iniciamos o nosso percurso teórico pelo campo da Comunicação. A escolha se justifica na compreensão de que todo espaço urbano é um texto e, como tal, carrega um grande potencial de comunicabilidade. Esse processo é facilitado pelas narrativas. Mas o que são, de fato, essas narrativas?

Primeiramente, é importante observar que não estamos nos referindo a textos escritos ou falados, necessariamente, uma vez que o processo comunicacional é complexo e abrange os fluxos extralinguísticos. Nesse sentido, Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari, conceituam que narrativa é “todo e qualquer discurso capaz de evocar um mundo concebido como real, material e espiritual, situado em um espaço determinado” (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 11). Sendo assim, as narrativas aqui mencionadas são aquelas pronunciadas diariamente pelos cidadãos, no momento da interação com o território e seus semelhantes.

Em outro texto, *O monopólio da fala: função e linguagem da televisão no Brasil*, Sodré volta a pontuar sobre o processo de comunicação e vai adiante, sinalizando a fronteira que separa o código linguístico do código extralinguístico. Conforme o autor (SODRÉ, 2010, p. 50), o primeiro está diretamente relacionado à linguagem instituída. Isso pode representar uma barreira para a matriz criativa da

comunicação, condicionando a ação de pronunciar o mundo às especificidades da linguagem convencional. Já o fluxo extralinguístico, destaca o autor, incorre, justamente, na tentativa de romper esse limite, com base na experiência de interação com o ambiente:

Com efeito, o indivíduo tem de renunciar, para falar, à invenção de sua própria linguagem, e aceitar o código externo, a voz do *Outro* (a comunidade representada pela língua). A palavra permite-nos dizer apenas aquilo que se deve dizer, isto é, o que o código linguístico autoriza. Isso implica em que a *vivência* (a totalidade expressiva de um sujeito) pessoal seja sempre maior do que a palavra. Comunicar-se verdadeiramente é tentar superar as barreiras da incomunicação, as restrições do código, e dar curso livre à vivência. (SODRÉ, 2010, p. 50).

Em uma linha de abordagem semelhante, Ciro Marcondes Filho propõe uma Nova Teoria da Comunicação, em contraponto ao que ele chama de “modelos simplificadores”. Segundo o autor, esses modelos são decorrentes da influência exercida pelas ciências exatas e da natureza – e teriam predominado a literatura da teoria da comunicação durante os séculos XIX e XX. Em síntese, Marcondes Filho aponta uma tentativa histórica de reduzir e limitar a complexidade do fluxo comunicacional a algo puramente mecânico ou calculável.

Durante muito tempo pensou-se que a comunicação era isso: eu transmito algo, através de um canal, sobre um meio qualquer, por intermédio de um veículo a outra pessoa: eu passo isso a ela. Que eu levaria as mensagens de um lado (emissor) a outro lado (receptor), da mesma maneira como um ônibus leva passageiros de um bairro ao centro da cidade. Pensava-se que a comunicação era uma coisa, um objeto. (MARCONDES FILHO, 2008, p. 15)

Mais adiante, no mesmo texto, o autor nos fornece pistas importantes para compreender o processo da comunicação a partir da perspectiva da complexidade. Marcondes Filho salienta que os olhares, as expressões corporais e os sentidos (como a audição e o olfato, por exemplo), compõem parte essencial desse processo. Ele também destaca a importância dos fluxos mais abstratos, como os sentimentos e as intencionalidades que circulam entre as pessoas. Dessa forma, o conceito de comunicação proposto por Ciro Marcondes Filho remete à construção de um espaço comum de vivência e entrelaçamento, isto é, de *diálogo*:

[...] é o que acontece *entre* as pessoas, é a atmosfera, a cena, o clima, a situação em que duas, três, cinco, dez pessoas se relacionam. [...] Entre as pessoas circula algo. Além de palavras emitidas, circulam sensações, desejos, interesses, curiosidades, percepções, estados de espírito, intuições, humores, uma indescritível sensação de 'coisa comum', de ligação. (MARCONDES FILHO, 2008, p. 26).

Dessa forma, ao associarmos as contribuições teóricas de Muniz Sodré e Ciro Marcondes Filho, podemos perceber que as narrativas urbanas são fruto da interação sujeito-outro-território. Ou seja, uma relação permeada pelos fluxos abstratos e extralinguísticos, capaz de acionar a matriz autopoietica dos envolvidos, em um processo de releitura das suas realidades.

## 5.2 JORNALISMO CLÁSSICO E JORNALISMO CONTEMPORÂNEO

A partir da compreensão da comunicação como algo complexo e, portanto, coerente com o dinamismo social característico da contemporaneidade, chegamos ao segundo filamento teórico. Uma vez destacado que as narrativas urbanas são permeadas pelos fluxos abstratos e extralinguísticos, nos deparamos com uma nova problemática: como contar essas histórias de vida a partir do jornalismo?

Ao longo da história da imprensa, muitos autores se debruçaram sobre a temática das narrativas jornalísticas e formularam uma série de teorias para tentar compreender esse campo de estudo. Afinal de contas, o que é uma notícia? O que diferencia 'fato' de 'acontecimento'? Quais os elementos que constituem uma reportagem? Que impactos exercem as narrativas jornalísticas sobre a opinião pública?

Para compreender as teorias que surgiram como respostas a esses questionamentos, buscamos autores que traçassem um panorama sobre este campo conceitual. Em *Teorias do jornalismo*, Nelson Traquina (2005) aborda, de maneira didática, as diferentes correntes teóricas que tentaram definir um conceito para o jornalismo. Ele ressalta que:

[...] várias teorias [...] tentam responder à pergunta porque as notícias são como são, reconhecendo o fato de que a utilização do termo

“teoria” é discutível, porque também pode significar aqui somente interessante e plausível, e não um conjunto elaborado e interligado de princípios e proposições. (TRAQUINA, 2005, p. 146)

O livro percorre por diversas correntes, como as teorias do espelho, *gatekeeper* e organizacional, além das visões construcionista e estruturalista do jornalismo. No mesmo caminho, Felipe Pena (2012), em *Teoria do jornalismo*, aborda os conceitos que analisam desde o surgimento da imprensa escrita - como a conhecemos hoje – até as mais recentes plataformas digitais de notícia.

Mas será que as teorias do jornalismo até então desenvolvidas são suficientes para compreender o campo da Comunicação à luz do dinamismo característico da contemporaneidade? Esse questionamento se impõe, principalmente, pelo fato de que os veículos tradicionais da imprensa (escrita, falada, televisa e, até mesmo digital), geralmente trabalham a realidade a partir de uma lógica objetiva e factual.

Para a compreensão das teorias contemporâneas do jornalismo, por sua vez, recorreremos a dois autores, fundamentalmente. O primeiro é Edvaldo Pereira Lima, que, como vimos na formulação do problema, propõe o Jornalismo Literário Avançado como alternativa para superar a barreira da objetividade, imposta pelo jornalismo convencional. Em seu livro *Páginas ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*, Lima fala sobre os limites da estrutura conhecida como *lead*:

A estruturação da mensagem jornalística nessa fórmula [pirâmide invertida] atende melhor à categoria jornalística que acabou conhecida como jornalismo informativo. Seu papel é informar e orientar de maneira rápida, clara, precisa, exata, objetiva. Em virtude disso, essa prática é muitas vezes criticada como superficial, incompleta. (LIMA, 2004, p. 17)

Isto é, o modelo de jornalismo predominante nas redações prima por textos enxutos, diretos e impessoais. Para isso, o redator ou jornalista recorre, fundamentalmente, às cinco perguntas do *lead* (O que? Quem? Quando? Onde? Por quê? Como?).

Em relação a esse questionamento, é válido destacar a contribuição teórica de Edvaldo Pereira Lima. Ao verificar as insuficiências desse modelo, calcado no racionalismo e na objetividade, o autor propõe a perspectiva do Jornalismo Literário



Avançado, com a premissa básica de abandonar a “leitura preconceituosa do real” (LIMA, 2013, p. 74). Em artigo intitulado *Memória do Futuro: Jornalismo Literário Avançado no Século XXI*, o autor afirma que o olhar midiático convencional:

[...] é simplista, linear, raso, temporalmente frágil. O retrocesso temporal na busca de raízes antigas dos fenômenos sociais é tímido, assim como a postura reativa pouco avança para a consideração de desdobramentos ou consequências futuras de um acontecimento. (LIMA, 2013, p. 73)

Dessa forma, podemos perceber que a abordagem convencional do jornalismo caminha no sentido de enxugar as matrizes afetivas do texto urbano. Enquanto isso, a alternativa proposta por Edvaldo Pereira Lima é fundamentada, como o próprio autor explica, na teoria da complexidade<sup>15</sup> e da visão sistêmica<sup>16</sup>. Mesmo reconhecendo a importância funcional da modalidade convencional da produção do conteúdo jornalístico, Lima propõe uma leitura de realidade que tenha outro propósito:

[...] cabe a essa modalidade afastar-se desse papel importante, mas limitado, indo ao encontro de sua própria missão nobre. Essa consiste em ler o real de maneira ampla, buscando contextos, evitando julgamentos (especialmente os apressados), caminhando para a conquista de discernimento amplo e pela elucidação dos acontecimentos e situações sociais sobre os quais debruça o seu olhar. (LIMA, 2013, p. 71)

Sendo assim, é possível perceber que essa mudança de perspectiva na linguagem jornalística, proposta por Edvaldo Pereira Lima, está em consonância com os fluxos comunicacionais abstratos, sugeridos nas contribuições de Muniz

---

<sup>15</sup> Sobre esse assunto, é importante recuperar a contribuição do sociólogo português Boaventura de Sousa Santos (1997). Na obra *Um breve discurso sobre as ciências*, o autor traça um panorama histórico sobre o processo de mutação da Ciência. Com a crise no chamado paradigma dominante (modelo científico consolidado a partir do século XVI, baseado na racionalidade, no determinismo mecanicista e na previsibilidade dos fenômenos naturais), Boaventura projeta a emergência de um novo jeito de fazer Ciência. O paradigma emergente, conforme o autor, está fundamentado em quatro premissas: 1) todo conhecimento científico-natural é científico-social; 2) todo conhecimento é local e total; 3) todo conhecimento é autoconhecimento; 4) todo conhecimento científico visa constituir-se em senso comum (SANTOS, 1997, p. 69-91).

<sup>16</sup> A teoria da visão sistêmica é uma referência à obra de Fritjof Capra (1997). Trata-se da compreensão dos saberes múltiplos como parte de um todo integrado. Sendo assim, esse autor propõe o deslocamento da atenção teórica e científica do isolamento e fragmentação, característica predominante na ciência moderno, no período pós-Revolução Industrial.

Sodré e Ciro Marcondes Filho. Ou seja, a legitimação e o reconhecimento de uma comunicação aberta e contemporânea passam pela necessidade de uma releitura da produção jornalística e dos textos que pronunciam as histórias e percepções de mundo.

Essa necessidade também é sinalizada no texto *O que é livro reportagem* (Lima, 1998). Aqui, o autor faz questão de registrar que essa abordagem “não se dá apenas no aspecto estilístico, de escrita. E nem é coisa exclusivamente do passado. Também acontece no plano da captação, da observação do real” (Lima, 1998, p. 43). Isso significa que a proposta do Jornalismo Literário Avançado também contempla a necessidade de uma nova forma de observação dos acontecimentos, mais ativa e participante. Trata-se de outra maneira de vivenciar a experiência de captação do real.

Observador, observado e coisa observada transformam-se em interação sistêmica, crescem para novos níveis de compreensão. Só assim, mediante a existência própria, o jornalista terá capacidade de despertar, no leitor, os estados de percepção similares ao que vivenciou. (LIMA, 2004, p. 354).

Como efeito, no processo de captação de uma narrativa urbana e cotidiana, as histórias são contadas a partir de personagens de vida, e não mais das tradicionais fontes do jornalismo convencional. Além disso, o território deixa de ocupar o papel de apenas ‘onde?’, na narrativa, e passa a ser contextualizado, ganhando autonomia e pulsando como um personagem. Compreender que as pessoas e os lugares são matrizes da realidade, portanto, nos ajuda a visualizar o jornalismo literário como um processo, e não apenas como uma fórmula de escrita, previamente estabelecida. É o primeiro passo para o processo de humanização das narrativas.

Nesse sentido, é válido ressaltar a contribuição de Cremilda de Araújo Medina, que também parte da crítica ao modelo racional de texto jornalístico, para propor “a arte de tecer o presente”. Conforme a autora, a narrativa cotidiana deveria ser a matéria-prima essencial do jornalismo, mas, historicamente, acabou sendo deixada de lado pela rotina sufocante das grandes redações. Como resultado, o *potencial criativo* foi substituído, gradualmente, pela quantificação da *capacidade produtiva*. A autora completa:

“Para que o cotidiano se presentifique é preciso romper com as rotinas industriais da produção da notícia. É preciso superar a superficialidade das situações sociais e o predomínio dos protagonistas oficiais. Há uma demanda reprimida pela democratização das vozes que se fazem presente na mídia. Torna-se necessário mergulhar no protagonismo anônimo” (MEDINA, 1986, p. 93).

Dessa forma, chegamos a outro ponto importante neste filamento que aborda a matriz jornalística das narrativas urbanas. Ao levar em consideração o mergulho no “protagonismo anônimo”, sinalizado por Medina, passamos a visualizar o caráter social da comunicação e, por consequência, do jornalismo. É aqui que nos aproximamos das considerações formuladas por Maria Luiza Cardinale Baptista, com o *Jornalismo Amoroso*.

Essa perspectiva está entrelaçada ao conceito de amorosidade defendido pelo biólogo chileno Humberto Maturana. O amor, para este teórico, deve ser encarado como o “reconhecimento do outro como legítimo outro, na convivência” (MATURANA, 1998, p. 15). Sendo assim, é fundamental destacar que o amor ao qual nos referimos ultrapassa a barreira do amor romântico, dos amantes. Em suma, ele está relacionado ao que Baptista (2012) chama de ‘a ética da relação’, uma vez que “amorosidade e comunicação são palavras que representam processos de vida, absolutamente entrelaçados” (BAPTISTA, 2012, p. 96). A autora também destaca que:

As produções jornalísticas, neste sentido, resultam de processos intensos de relações e de respeito mútuo. Os textos são produzidos e discutidos em todo o seu processo, na busca de sinalizar produções que possam agradar ao leitor esperado. (BAPTISTA, 2012, p. 96).

Dessa forma, recorrermos à perspectiva de um jornalismo pautado pela amorosidade é fundamental, a fim de reconhecermos no Outro os olhares múltiplos e sensíveis, necessários para a construção de territórios mais humanos e solidários.

O entendimento de que a amorosidade é uma característica inerente à condição de *ser* humano, portanto, nos leva a compreender que as narrativas aqui mencionadas surgem para resgatar as marcas de oralidade e espontaneidade

deixadas para trás pelo jornalismo das grandes corporações. É neste momento que nos deparamos com a perspectiva da relação do sujeito com o espaço geográfico no qual ele está inserido.

É válido observar que, em termos metodológicos, os relatos de observação participante, propostos para a segunda parte deste projeto, precisam estar fundamentados na sensibilidade. Isto é essencial para que se possa ampliar o olhar para a matriz autopoietica do cotidiano da cidade e suas histórias. Conforme Baptista (2012, p. 99), “não há como entrar em contato com o outro, para fazer fluir informações, se não houver a disposição do encontro, verdadeira, plena”. Afinal, esses personagens, ao interagirem com o espaço urbano, estão produzindo textos, narrativas vivas de experiências, capazes de reinventar a relação sujeito-território e ressignificar sua história e a dos lugares nos quais se relacionam.

### 5.3 CENÁRIOS URBANOS

Os filamentos teóricos até aqui apresentados demonstram o potencial de comunicabilidade das narrativas urbanas. São, fundamentalmente, textos espontâneos e de matriz subjetiva e extralinguística, originados *na* e *pela* interação sujeito-comunidade-território. Mas qual é o impacto dessas narrativas no processo de redescoberta e reinvenção dos lugares, do espaço urbano? É justamente esse questionamento que nos leva ao encontro do terceiro filamento teórico desta pesquisa: a geografia crítica e da cidadania.

Nesse caso, a aproximação com os trabalhos realizados por autores como Milton Santos (2008), David Harvey (2012) e Henri Lefebvre (1999) nos permite visualizar as narrativas urbanas como um dispositivo capaz de acionar a matriz autopoietica do cidadão. Essa é uma característica que pode viabilizar o processo de releitura da realidade, tendo em vista que conhecer e pronunciar o mundo são etapas fundamentais para a sua reinvenção.

Em Milton Santos, por exemplo, temos três obras de grande importância para a sequência desta pesquisa. *O espaço do cidadão* (SANTOS, 2000), *Por uma geografia nova* (SANTOS, 1996), além de *Por uma outra globalização: Do pensamento único à consciência universal* (SANTOS, 2008). Nestes trabalhos, o geógrafo brasileiro vai desde a conceituação sobre cidade, passando pela

caracterização de espaço urbano, avançando à crítica em relação ao formato capitalista de distribuição geográfica nos grandes centros.

No texto *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*, o autor nos fornece pistas preciosas para compreender a formação do espaço geográfico brasileiro, além de propor uma reinterpretação da realidade contemporânea e, por consequência, da globalização. A partir de uma leitura orientada pela transdisciplinaridade, Santos (2008, p. 112-114) discorre sobre os conceitos de 'lugar' e 'espaço geográfico'. Conforme o autor, o *lugar* precisa ser encarado como um grande palco para o exercício pleno da existência e da cidadania.

É o espaço, isto é, os lugares, que realizam e revelam o mundo, tornando-o historicizado e geografizado, isto é, empiricizado. Os lugares são, pois, o mundo, que eles reproduzem de modos específicos, individuais, diversos. Eles são singulares, mas são também globais, manifestações da totalidade-mundo, da qual são formas particulares (Santos, 2008, p. 112).

Percebe-se, nesse trecho, uma consideração importante que o autor nos sinaliza: o caráter regional e universal que atravessam, influenciam e compõem os espaços geográficos. Isto é, ao fazer a análise de um determinado espaço geográfico (como uma cidade ou região de um estado, por exemplo), é preciso levar em consideração que existem características singulares e globais. Esses aspectos são responsáveis por aproximar e diferenciar as localidades.

Sendo assim, é possível verificar que as narrativas cotidianas produzidas em determinado centro urbano (no caso deste trabalho, na cidade de Caxias do Sul, na Serra Gaúcha) estarão recheadas de particularidades culturais específicas de sua região, ao mesmo tempo em que estarão repletas de aspectos comuns a outros centros urbanos. Como efeito, podemos visualizar que as relações sujeito-território são permeadas, em primeiro lugar, pelo contexto histórico e social. Feita essa associação, torna-se palpável a conexão existente entre os fluxos comunicacionais e a resignificação dos espaços urbanos. De acordo com Santos (2008, p. 114), repensar o território é essencial para renovar a concepção de cidadania:

[...] não é apenas um quadro de vida, mas um espaço vivido, isto é, de experiência sempre renovada, o que permite, ao mesmo tempo, a reavaliação das heranças e a indagação sobre presente e futuro. A

existência *naquele* espaço exerce um papel revelador sobre o mundo.

A alternativa proposta por Milton Santos (2008), portanto, está diretamente relacionada à capacidade autopoietica do cidadão, sempre potencializada pelo caldo cultural característico dos grandes centros urbanos. Dessa forma, segundo o autor, o cenário brasileiro se mostra propício para o surgimento de novas experiências estéticas, sociais e políticas. Precisamos, pois, levar em consideração que o país passou por um processo rápido e tardio de industrialização, resultando no crescimento acelerado das metrópoles – fenômeno registrado ao longo do século XX. Para Milton Santos (2008, p. 172-173):

O próprio mundo se instala nos lugares, sobretudo as grandes cidades, pela presença maciça de uma humanidade misturada, vinda de todos os quadrantes e trazendo consigo interpretações variadas e múltiplas, que ao mesmo tempo se chocam e colaboram na produção renovada do entendimento e da crítica da existência. Assim, o cotidiano de cada um se enriquece, pela experiência própria e pela do vizinho, tanto pelas realizações atuais como pelas perspectivas de futuro.

Para auxiliar na reflexão sobre o espaço urbano e o potencial criativo dos sujeitos no processo de (re)descoberta de um novo ser e estar no mundo, precisamos, também, levar em consideração as contribuições de Lefebvre (1999) e Harvey (2012). Os dois autores denunciam, em seus textos, os impactos históricos e sociais do modo de produção capitalista na vida das grandes cidades. Para tanto, o sociólogo francês Henri Lefebvre traz o conceito de *tecido urbano*. De acordo com o autor, o *tecido* corresponde ao modo de viver da sociedade urbana, englobando tanto os aspectos econômicos, quanto os aspectos sociais.

Com isso, ele nos indica que a formação e a distribuição geográfica dos centros urbanos precisa ser contextualizada como um dos reflexos diretos do processo de industrialização e acumulação de capital. No caso específico do Brasil e dos demais países da América Latina, é preciso recordar que o desenvolvimento econômico se desenrolou com características históricas específicas. Nesse caminho, Lefebvre aposta nas lutas de resignificação do *tecido urbano* como um direito humano legítimo que “[...] não pode ser concebido como um simples direito de visita ou de retorno às cidades tradicionais. Só pode ser formulado como direito à vida urbana, transformada, renovada” (LEFEBVRE, 1999, p. 116-117).

Alinhado ao pensamento marxista heterodoxo, o geógrafo britânico David Harvey propõe alternativas de ocupação dos espaços públicos, em busca da reinvenção do texto-cidade. Em artigo intitulado *The right to the city (O direito à cidade*, na tradução ao português), Harvey (2012) examina a representação urbana da exploração capitalista e incorpora elementos de natureza política/social para reivindicar o direito humano legítimo à cidade.

Mesmo a ideia de que a cidade poderia funcionar como um corpo político coletivo, um lugar no interior do qual e a partir dele movimentos sociais progressistas poderiam surgir, parece implausível. Há, entretanto, movimentos sociais urbanos procurando superar o isolamento e remodelar a cidade segundo uma imagem diferente da que apresentam os empreendedores, que são apoiados pelas finanças, pelo capital corporativo e um aparato local do Estado progressivamente preocupado com o empresariamento. (HARVEY, 2012, p. 82)

Ao analisar a contribuição de Lefebvre, Harvey traça uma relação entre a construção do espaço geográfico, ao longo dos últimos séculos, e sua relação com o sistema de acumulação do capital. Como alternativa ao modelo financeiro-territorial hegemônico, o geógrafo britânico sinaliza o potencial transformador do sujeito, uma vez que:

A questão de que tipo de cidade queremos não pode ser divorciada do tipo de laços sociais, relação com a natureza, estilos de vida, tecnologias e valores estéticos desejamos. O direito à cidade está muito longe da liberdade individual de acesso a recursos urbanos: é o direito de mudar a nós mesmos pela mudança da cidade. Além disso, é um direito comum antes de individual já que esta transformação depende inevitavelmente do exercício de um poder coletivo de moldar o processo de urbanização (Harvey, 2012, p. 74).

Sendo assim, o autor lança para o cidadão o direito fundamental de reinventar a própria cidade, como forma legítima de reconstruir a si mesmo. Aqui, o processo de redescoberta e reinvenção do território encontra respaldo nas narrativas urbanas, podendo ser visto como um dispositivo capaz de gerar leituras mais humanizadas da relação do sujeito-lugar e suas transversalidades.

O autor percebe, portanto, brotações urbanas. Tentativas claras e – ressalte-se – cada vez mais frequentes de romper com a lógica capitalista na formação do

espaço público. É o que Harvey chama de ‘despossessão’, ou ‘destruição criativa’ dos cenários urbanos.

Outra abordagem importante para a análise do tema desta pesquisa pode ser observada na contribuição de Susana Gastal (2006). No livro *Alegorias urbanas: O passado como subterfúgio*, a autora discorre sobre a construção do imaginário dos centros urbanos. Ela explica que as cidades, tal como conhecemos, são um fenômeno essencialmente contemporâneo. Sendo assim, é preciso levar em consideração que seu desenvolvimento vai além dos aspectos físicos e objetivos:

Ver o espaço como fruto de uma construção social de imagens e imaginários significa admitir que os espaços diferem de cultura para cultura, ou seja, que estamos lidando no campo do significante e não apenas do significado. O espaço, assim, é passível de leitura semiótica em suas práticas, discursos, jogos textuais e superfícies: o espaço é um texto. (GASTAL, 2006, p. 82)

Dessa forma, podemos considerar que as narrativas cotidianas são fundamentais para construir e ressignificar os espaços urbanos. Conforme a autora (GASTAL, 2006), as cidades são formadas por três imaginários: Praça, Palco e Monumento. O primeiro – e o mais marcante nas cidades contemporâneas –, com origem na Ágora grega, diz respeito à convivência em coletividade, ao *estar-junto*. O segundo texto, Palco, se justifica na necessidade do sujeito observar e ser observado, imposta justamente pela convivência propiciada pelos centros urbanos. Já o terceiro imaginário, Monumento, surge da vocação de preservar o passado, ou seja, as memórias subjetivas de uma determinada cultura, por meio da materialização. Mais adiante, a autora corrobora:

Se a cidade é a materialização do urbano no espaço, essa materialização não se restringe aos elementos fixos: praças, monumentos, igrejas, indústrias, casas, ruas e muitos outros. Em torno e no interior dos fixos, há todo um mundo em movimento, onde circulam pessoas, mercadorias, relações sociais, manifestações culturais [...]. Eles constituem os fluxos que, juntos com os fixos, formam a cidade. (GASTAL, 2006, p. 94)

Considerando o cenário já exposto (a partir da contribuição dos autores alinhados à Geografia Crítica), podemos afirmar que o conceito de cidade, na condição de *tecido urbano*, vai muito além dos aspectos físicos. É preciso, portanto,



reconhecer o seu caráter abstrato, representado por meio do imaginário coletivo dos centros urbanos.

## **6. QUESTÃO ORIENTADORA**

Como as narrativas urbanas de Caxias do Sul se configuram em matrizes potencializadoras do jornalismo amoroso e cidadão?

## 7 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Analisar as narrativas urbanas tecidas em Caxias do Sul, na Serra Gaúcha, considerando-as como matrizes potencializadoras do jornalismo amoroso e cidadão. Trabalhar o objetivo central desta pesquisa demanda a escolha de aspectos metodológicos coerentes com o tema de estudo e com o movimento de mutação da Ciência na contemporaneidade<sup>17</sup>.

Dessa forma, optou-se por uma abordagem qualitativa, de cunho exploratório, a partir da associação de levantamento bibliográfico, relatos de observação participante no cenário urbano de Caxias do Sul, além da realização de entrevistas em profundidade. Ressalta-se, ainda, que o desenvolvimento do trabalho é orientado pela estratégia da Cartografia de Saberes, uma espécie de guarda-chuva metodológico que sistematiza as técnicas já mencionadas, como veremos adiante.

Para justificar a escolha da abordagem qualitativa, recorreremos ao psicólogo e sociólogo alemão Uwe Flick. Conforme o autor, o método qualitativo é altamente recomendado para analisar os fenômenos sociais, tendo em vista a complexidade do cenário contemporâneo, caracterizado pela multiplicação de narrativas, contextos sociais e perspectivas culturais (FLICK, 2009, p. 20).

Flick ressalta que a abordagem qualitativa pressupõe reflexão pormenorizada e deliberação consciente quanto às técnicas de pesquisa que serão utilizadas ao longo do trabalho. Ele também alerta para a busca de teorias convenientes para o conhecimento das diversas perspectivas do assunto a ser estudado (FLICK, 2009, p. 23).

O primeiro passo para a elaboração deste trabalho consiste no mapeamento de obras, textos e artigos que já foram produzidos a respeito do tema de pesquisa. Entre as trilhas percorridas, destaca-se a conceituação de comunicação e narrativa, o resgate histórico das teorias clássicas e contemporâneas do jornalismo, além da caracterização dos cenários urbanos na contemporaneidade. Trata-se do levantamento bibliográfico, técnica que permite estreitar os laços com o objeto de estudo e dialogar com autores que já visitaram temáticas semelhantes.

A doutora em Ciências da Comunicação Ida Regina Stumpf (2014) afirma que o levantamento bibliográfico é a sistematização, por parte do pesquisador, daquilo que já foi produzido a respeito do tema de pesquisa. A prática corresponde à

---

<sup>17</sup> Vide nota 1.

elaboração/visualização de um panorama de autores e conceitos essenciais para a realização do projeto.

[...] é um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico (STUMPF, 2014, p. 51).

Conforme Stumpf, o trabalho de localizar e conhecer autores que já se debruçaram sobre o tema de pesquisa é responsável não só por aproximar o pesquisador das perspectivas já abordadas, como também por auxiliar na conquista de autonomia investigativa. “À medida que o indivíduo vai lendo sobre o assunto de seu interesse, começa a identificar conceitos que se relacionam até chegar a uma formulação objetiva e clara do problema que irá investigar” (STUMPF, 2014, p. 53).

Trata-se da contextualização. Isto é, a vantagem de utilizar a técnica do levantamento bibliográfico ultrapassa a simples busca por referencial teórico e citações pertinentes à redação do texto acadêmico. Ela também é fundamental para o pesquisador perceber o seu tema de interesse dentro de um panorama histórico-contextual.

[...] o pesquisador utiliza os *insights* e as informações provenientes da literatura enquanto conhecimento sobre o contexto, utilizando-se dele para verificar afirmações e observações a respeito de seu tema de pesquisa naqueles contextos. (FLICK, 2009, p. 62)

Vale destacar, ainda, que o levantamento bibliográfico possui caráter mutante, uma vez que está em constante movimento e atualização. A busca por textos e materiais já produzidos para compor o referencial teórico da pesquisa não se limita ao período que antecede à redação do projeto, propriamente dito. Stumpf nos lembra que:

[...] a revisão da literatura acompanha o trabalho acadêmico desde a sua concepção até sua conclusão. Da identificação do problema e objetivos do estudo, passando por sua fundamentação teórica e conceitual, pela escolha da metodologia e da análise dos dados, a consulta à literatura pertinente se faz necessária. (STUMPF, 2014, p. 54)

Num segundo momento, aliado ao levantamento bibliográfico, podemos destacar a utilização dos relatos de observação participante no cenário urbano de Caxias do Sul. A doutora em Ciências da Comunicação Cicilia Peruzzo nos ajuda a compreender essa perspectiva do fazer científico. Conforme a autora, a observação participante é uma das três modalidades da chamada pesquisa participante.

A técnica pressupõe a inserção do pesquisador no campo a ser investigado. O principal objetivo é observar, entre outros aspectos, os processos comunicativos entre sujeitos. “A pesquisa participante consiste na *inserção* do pesquisador no *ambiente natural* de ocorrência do fenômeno e de sua *interação* com a situação investigada” (PERUZZO, 2014, p. 125). Uma das implicações diretas é a presença constante do observador, que, sobretudo, compartilha suas vivências com os muitos personagens da pesquisa. Surge a necessidade de reconhecer e assumir o lugar do outro (PERUZZO, 2014, p.126).

É válido ressaltar que a pesquisa participante ganhou força no Brasil durante a década de 80, como uma tentativa de extrapolar a tradicional crítica frankfurtiana, avançando para a proposta de alternativas sociais. Ou seja, o pesquisador não apenas tece a crítica, mas também propõe alternativas a partir do campo estudado (PERUZZO, 2014, p.130-131).

Essa proposta vai ao encontro dos objetivos desta pesquisa. Além de caracterizar o cenário urbano de Caxias do Sul, temos a intenção de apresentar as narrativas cotidianas como matrizes do jornalismo amoroso e cidadão. Trata-se de um salto em qualidade e profundidade em relação ao jornalismo praticado nas redações dos veículos tradicionais de imprensa, baseados no modelo de objetividade do *lead*.

Por último, como recurso metodológico para auxiliar na observação participante, recorreremos à técnica da entrevista em profundidade. Conforme o doutor em Comunicação Social Jorge Duarte (2014, P.62),

A entrevista em profundidade é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer.

Destaca-se, ainda, que o planejamento e o desenvolvimento da pesquisa seguem a estratégia metodológica denominada Cartografia de Saberes. A

proposição, desenvolvida pela doutora em Ciências da Comunicação Maria Luiza Cardinale Baptista, assemelha-se a um guarda-chuva, capaz de abrigar as técnicas e recursos metodológicos citados anteriormente.

Conforme Baptista (2014, p. 344-345), a Cartografia de Saberes está alinhada aos pressupostos teóricos da ciência contemporânea, marcada pelas noções de mutabilidade e complexidade<sup>18</sup>. A autora nos recorda que (BAPTISTA, 2014, p. 350):

O cenário da ciência transdisciplinar caosmótica exige outro tipo de pesquisa, em termos de operacionalização. Nesse sentido, proponho que o trabalho da pesquisa deve ser iniciado em várias frentes, em várias trilhas investigativas, como venho chamando. O processo de investigação é o de investimento desejante, na busca de conhecimento. Trata-se de uma viagem investigativa em que o pesquisador se reinventa, se re-nova, se re-faz.

A estratégia metodológica desenvolvida pela autora sistematiza quatro trilhas investigativas. São elas: saberes pessoais, saberes teóricos, usina de produção e dimensão intuitiva. É válido ressaltar que esses caminhos não são sequenciais, mas sim, podem ser simultâneos e entrelaçados.

Assim não existe 'um' único caminho, mas o que eu denomino de 'trama de trilhas' e possibilidades a serem acionadas. São pistas que cada pesquisador vai compondo, numa espécie de trama metodológica, ao compreender mais profundamente o fenômeno que está estudando. Essa composição implica em mergulho no objeto/fenômeno escolhido para estudar e no conhecimento já produzido a respeito, por outros investigadores, bem como no reconhecimento e a efetivação, possíveis com a vivência da pesquisa. (BAPTISTA, 2014, p. 344)

A primeira trilha investigativa, a dos *saberes pessoais*, leva em consideração a história de vida do pesquisador. Ou seja, o que levou o pesquisador a escolher determinado objeto de estudo. Essa trilha está relacionada ao conhecimento prévio sobre o assunto, mesmo que de forma intuitiva.

No momento seguinte, somam-se os *saberes teóricos* ao conhecimento prévio. Esta trilha investigativa envolve o trabalho de buscar as contribuições de terceiros, o que já foi produzido nas temáticas que compõem o campo de interesse

---

<sup>18</sup> A concepção de complexidade aqui apresentada está fundamentada em Edgar Morin (2003). Neste trabalho, o autor discorre sobre os pressupostos da pós-modernidade, que inicia na segunda metade do século XX. Podemos destacar os princípios da incerteza, da mutabilidade e da pluralidade dos saberes como características marcantes deste contexto.

do pesquisador. No caso deste trabalho, trata-se do mapeamento dos autores que trabalham com os conceitos de comunicação e narrativa, com as teorias clássica e contemporânea do jornalismo, bem como as formulações sobre aspectos da urbanidade.

Nota-se que as trilhas investigativas aqui mencionadas vão se entrelaçando no fazer pesquisa. Cartografar o conhecimento prévio do autor e localizar o que já foi produzido a respeito do tema de pesquisa são etapas simultâneas, que se complementam e que dialogam entre si.

Chegando à terceira trilha investigativa, temos a *usina de produção*. É o que a autora denomina como ‘chão de fábrica da pesquisa’, ou seja, o movimento que leva da teoria à prática. Nesse momento, conforme Baptista, o pesquisador “[...] vai poder pensar algumas situações concretas que permitam entrar em contato direto com o que está estudando, com o que pretende abordar” (BAPTISTA, 2014, p. 351).

A *usina de produção* é subdividida em dois momentos: *aproximações* e *ações* investigativas. O primeiro está relacionado às incursões que permitem ao pesquisador ampliar o contato com as variáveis que formam seu objeto de estudo, compreendendo a observação do campo de trabalho, busca preliminar por materiais e contatos informais com as fontes (personagens da pesquisa). O segundo momento – as ações investigativas, propriamente ditas – consiste no mergulho ao campo de pesquisa, que mescla planejamento prévio e abertura ao inesperado.

Nesse sentido, a quarta e última trilha investigativa, denominada *dimensão intuitiva*, sinaliza para o abstrato/intangível. Não se trata de soluções mágicas aos problemas investigativos, mas sim de uma abertura do pesquisador aos aspectos sensíveis, que fogem ao planejamento inicial e brotam em diversos momentos no percorrer das demais trilhas.

Quando alguém investiga, esse sujeito investe-se em direção ao objeto paixão-pesquisa e isso significa que o sujeito todo pesquisa e vibra com a investig[ação]. Assim, é comum que as soluções, os desfechos da pesquisa surjam em momentos em que ocorre uma espécie de *click*, aqueles momentos em que uma ideia parece brotar de dentro sujeito [...] (BAPTISTA, 2014, p. 352).

## **9 ROTEIRO DOS CAPÍTULOS**

- 1. INTRODUÇÃO**
  - 2. ASPECTOS METODOLÓGICOS**
  - 3. COMUNICAÇÃO E NARRATIVA**
  - 4. JORNALISMO CLÁSSICO E JORNALISMO CONTEMPORÂNEO**
  - 5. CENÁRIOS URBANOS**
  - 6. NARRATIVAS URBANAS EM CAXIAS DO SUL**
    - 6.1 ASPECTOS DA CIDADE
    - 6.2 NARRATIVAS URBANAS
    - 6.3 DISCUSSÃO
  - 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS**
- REFERÊNCIAS**
- APÊNDICES**
- ANEXOS**



**10 CRONOGRAMA**

<b>Atividade</b>	<b>Período</b>
Leitura e fichamento da bibliografia	MARÇO-ABRIL/2017
Observação participante em Caxias do Sul	ABRIL-MAIO/2017
Análise dos relatos de observação participante	MAIO-JUNHO/2017
Elaboração do texto final	MAIO-JUNHO/2017
Revisão textual	JUNHO/2017
Apresentação	JULHO/2017

## REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. **Cartografia de Saberes na Pesquisa em Turismo**: Proposições Metodológicas para uma Ciência em Mutação. Rosa dos Ventos, v. 6, p. 342-355, 2014.

\_\_\_\_\_. **Comunicação**: trama de desejos e espelhos. Canoas, RS: Ulbra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Jornalismo Amoroso. Quem quer (a)provar?**. REBEJ – Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo. Ponta Grossa, v.1, n.9, p. 93-118, jan. a jun. 2012.

\_\_\_\_\_. **Paixão-pesquisa**: encontro com o “fantasminha camarada”. Textura. Canoas, n. 1, p. 67-78, 1999.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2014.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Ortiz, 1989.

HARVEY, David. **O direito à cidade**. Lutas Sociais. São Paulo, n.29, p. 73-89, jul. a dez. 2012.

LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário**. São Paulo: EDUSP, 1990.

LIMA, Edvaldo Pereira (Coord.). **Econautas**: ecologia e jornalismo literário avançado. Canoas, RS: Universidade Luterana do Brasil, 1996. (Coleção Mundo Mídia; 3).

\_\_\_\_\_. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1998. (Coleção Primeiros Passos).

\_\_\_\_\_. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. São Paulo: Unicamp - Faculdade de Educação, 1993.

\_\_\_\_\_. **Memória do Futuro**: Jornalismo Literário Avançado no Século XXI. INOVCOM – Revista Brasileira de Inovação Científica em Comunicação. [S. l.], v. 5. n. 2, p. 68-78, set. 2013.

LEFEBVRE, Henri. **A cidade do capital**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Para entender a comunicação**: Contatos antecipados com a nova teoria. São Paulo: Paulus, 2008.

MATURANA, Humberto R.  **Emoções e linguagem na educação e política**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **A arte de tecer o presente**: narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista**: O diálogo possível. São Paulo: Ática, 1986.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 4. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2003. (Coleção Epistemologia e Sociedade).

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. **Observação participante e pesquisa-ação**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2014.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Afrontamento, 1997.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. 5. ed. São Paulo: Nobel, 2000.

\_\_\_\_\_. **Por uma geografia nova**. 4. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

\_\_\_\_\_. **Por uma outra globalização**: Do pensamento único à consciência universal. 17. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem**: Notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

STUMPF, Ida Regina C.. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; DUARTE, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2014.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2005.